



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDO DE  
LINGUAGENS – PPGEL**

**MARIA IVONE SOUZA MELO**

**RASTROS DO VINTÉM PERDIDO:  
UMA HISTÓRIA DE LEITURA NA POESIA DE CORA CORALINA**

**Salvador  
2011**

**MARIA IVONE SOUZA MELO**

**RASTROS DO VINTÉM PERDIDO:  
UMA HISTÓRIA DE LEITURA NA POESIA DE CORA CORALINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Estadual da Bahia, no espaço da linha – Leitura, Literatura e Identidades do Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos de Linguagens.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Verbena Maria Rocha Cordeiro.

Salvador  
2011

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Melo, Maria Ivone Souza

Rastros do vintém perdido: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina /  
Maria Ivone Souza Melo. – Salvador, 2011.  
105f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Verbena Maria Rocha Cordeiro.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de  
Ciências Humanas. Campus I. 2011.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Coralina, Cora, 1889-1985 - Livros e leitura. 2. Leitores - Formação.  
3. Autodidatismo. 4. Poesia brasileira. I. Cordeiro, Verbena Maria Rocha. II.  
Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas.

CDD: 928.69

**MARIA IVONE SOUZA MELO**

**RASTROS DO VINTÉM PERDIDO:  
UMA HISTÓRIA DE LEITURA NA POESIA DE CORA CORALINA**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos de Linguagens, Universidade do Estado da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

---

Profª Drª Goiandira Ortiz de Camargo (Titular)  
Universidade Federal de Goiás/GO

---

Profª Drª Márcia Rios da Silva (Titular)  
Universidade do Estado da Bahia/BA

---

Profª Drª Verbena Maria Rocha Cordeiro (Orientadora)  
Universidade do Estado da Bahia/BA

Salvador, 14 de julho de 2011.

Dedico este trabalho aos meus três amores: Patrícia, Tatiana e Catarina, motivo de entusiasmo e amor pela vida.

Dedico também aos meus pais, Otávio e Josefina (*In Memoriam*), fundadores da minha história e dos meus princípios.

## AGRADECIMENTOS

A leitura é um ato solitário, a escrita também, mas esta dissertação jamais poderia ter-se efetivado em um esforço solitário. Conteí com muitos colaboradores que dividiram as angústias e alegrias do percurso, razão pela qual expresso aqui a minha gratidão.

Primeiramente ao Pai, que, na sua magnitude, segurou a minha mão e me conduziu até aqui.

Às minhas filhas, Patrícia e Tatiana uma palavra especial de reconhecimento, pela compreensão, respeito, carinho, apoio, enfim, por entenderem e me incentivarem a ir em busca do meu objetivo fim, último e sempre buscado.

À professora Verbena, o meu respeito e agradecimento pela orientação e por ter dividido comigo o seu tempo e os seus conhecimentos na orientação deste trabalho.

À professora Goiandira Ortiz, minha gratidão pela atenção com que me atendeu nas minhas primeiras buscas por fontes, pelo parecer de qualificação e pela gentileza de participar da banca examinadora.

A todos os professores do PPGEL, que me abriram uma nova perspectiva para o entendimento da leitura e da literatura, alargando minha estreita compreensão deste tão amplo e proficiente universo, especialmente à professora Márcia Rios, pelo apoio, pelas palavras necessárias nos momentos de sufoco e por aceitar fazer parte da banca examinadora.

À professora Iraci Rocha (UNEB), pelo carinho e confiança com que me acolheu na sua sala de aula para o Tirocínio Docente.

À professora Solange Yokozawa (UFG), pela presteza com que se colocou na indicação de fontes.

A Vicência Brêtas Tahan, filha de Cora Coralina, por conceder o acesso ao acervo da poeta, no Museu Casa de Cora Coralina.

Ao psicanalista Dr. Euvaldo Mattos, “meu mestre”, uma mensagem especial de gratidão, pelo incentivo, pelos aprendizados teóricos e, principalmente, pela escuta de sempre, sem a qual, a coragem para enfrentar a incerteza do desconhecido seria mais penosa.

Às pessoas queridas que, nas suas singularidades, demonstraram todo respeito, apoio e incentivo nesta empreitada: Haroldo Mendes (Betão), J. R. Guedes, Danilo Ribeiro e Aldaci Lopes.

Aos colegas do Mestrado, em especial a Margarete, pelas trocas, pela torcida, pelos devaneios e pela produção do *Résumé*.

Aos meus familiares e amigos, por terem acolhido com paciência as minhas ausências e omissões.

A Camila, Danilo Araujo e Geysa, funcionários do PPGEL, pela competência e solicitude.

À professora Solange Fonsêca, pela revisão do texto.

Aos funcionários do Museu Casa de Cora Coralina, em especial a Marlene Vellasco, Presidente da Associação Casa de Cora Coralina.

Ao sociólogo e pesquisador Dr. Clovis Britto, a Marta Felix (Gabinete Literário Goiano), a Maria de Fátima (Fundação Frei Simão Dorvi), pela colaboração quando da minha visita à Cidade de Goiás.

Finalmente, agradeço a todos e a todas que, na incompletude da minha memória, seus nomes aqui não se fizeram constar, mas que, nem por isso, deixaram de ser importantes nesta caminhada.

Um modo diferente de contar velhas estórias.  
Cora Coralina.

## RESUMO

Esta pesquisa consiste em seguir os rastros do trajeto de formação leitora da escritora e poeta Cora Coralina, a partir das pistas sinalizadas nos poemas que compõem o seu livro *Vintém de Cobre; meias confissões de Aninha* (1983). O foco da leitura de seus poemas gira em torno da busca de relatos de aprendizado, registros de imagens de leitura e representações do ato de ler na infância. Tomando como base os processos de constituição do leitor, proposta pela Sociologia da Leitura, e a noção de memória enquanto construção do sujeito, são destacados os lugares ocupados por Cora Coralina no seu processo de construção do conhecimento e os mediadores que participaram deste processo. Para tanto, articulamos reflexões acerca da construção do sujeito na busca pelo saber, do papel da família, da escola e do social, revelando o lugar singular de cada um nesse processo. Autodidata, a poeta removeu pedras e encontrou o seu jeito de sair do lugar incômodo de “menina obtusa” do “banco das atrasadas” para o lugar de “Doutora *Honoris Causa*”. Assim, pretende-se evidenciar quais os caminhos percorridos por Cora Coralina, para se constituir leitora, e como ela contornou as situações mais adversas, projetando seu nome no cenário literário.

**Palavras-chave:** Cora Coralina. Formação de leitor. Autodidata. Memória.

## RÉSUMÉ

Cette recherche vise à suivre la voie de la formation de lecture de l'écrivain et poète Cora Coralina, à partir d'indices présents dans les poèmes qui composent son livre *Vintém de Cobre: minhas confissões de Aninha* (1983). L'objectif de la lecture de ses poèmes tourne autour de la recherche pour les rapports d'apprentissage, des images de lecture et des représentations de l'acte de lire dans l'enfance. Basé sur les processus de constitution du lecteur, comme proposé par la Sociologie de la Lecture, et la notion de mémoire comme une construction du sujet, pendant ce travail sont mis en évidence les sièges occupés par Cora Coralina dans son processus d'acquisition des connaissances et les médiateurs qui ont participé à ce processus. À cette fin, on a formulé des idées sur la constitution du sujet dans la recherche du savoir, du rôle de la famille, de l'école et de la vie sociale, en révélant la place particulière de chacun dans ce processus. Autodidacte, le poète a retiré des pierres de son chemin et elle a trouvé sa stratégie pour sortir du lieu inconfortable de "jeune fille bornée" de la "chaise de ceux qui sont en retard" pour le poste de "*Doutora Honoris Causa*". Ainsi, on a l'intention de mettre en évidence les chemins pris par Cora Coralina, pour se faire une lectrice, et comme elle a longé les situations les plus défavorables, en projetant son nom dans la scène littéraire.

**Mots-clés:** Cora Coralina. Formation de lecteur. Auto-développement. Mémoire.

## SUMÁRIO

<b>1 “Ô DE CASA!</b>	<b>11</b>
1.1 PAPÉIS DE CIRCUNSTÂNCIA: UMA INTRODUÇÃO	11
1.2 ARCAS DA FORTUNA	18
<b>2 ESPELHO DO TEMPO: OS VESTÍGIOS DA MEMÓRIA</b>	<b>22</b>
2.1 A ERA DO VINTÉM	22
2.2 A VOZ VINDA DE LONGE QUE FICOU	32
2.3 SEMENTE E FRUTO: MEMÓRIA E LITERATURA	35
2.4 PAISAGENS SECRETAS: AS MEIAS CONFISSÕES	42
<b>3 DOS BECOS À GALERIA</b>	<b>50</b>
3.1 ANINHA, O MANDRIÃO E O LIVRO DE LEITURA	50
3.2 OS CAMINHOS INCERTOS DA VIDA	63
3.3 UMA FESTA: CARTAS, LIVROS E JORNAIS	67
3.4 A VOLTA	77
<b>4 NAS PEDRAS RUDES DO MEU BERÇO GRAVEI POEMAS: LINHAS FINAS</b>	<b>83</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>88</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>94</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>101</b>

## 1 “Ô DE CASA!”

Eu sou aquela mulher  
a quem o tempo  
muito ensinou.  
Ensinou a amar a vida.  
Não desistir da luta.  
Recomeçar na derrota.  
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.  
Acreditar nos valores humanos.  
Ser otimista. (CORA CORALINA, 1983, p.129).

### 1.1 PAPÉIS DE CIRCUNSTÂNCIA<sup>1</sup>: UMA INTRODUÇÃO

Para contar esta história de leitura, recorreremos primeiramente à voz da poeta Cora Coralina (1889-1985), através dos poemas que compõem o seu livro *Vintém de Cobre; meias confissões de Aninha*<sup>2</sup> (1983), o qual nos levou a uma visita ao seu arquivo pessoal no Museu Casa de Cora Coralina, localizado na sua cidade natal, a cidade de Goiás, antiga Villa Boa de Goyaz. Fomos encontrá-la também em outras fontes, a exemplo de arquivos públicos da Fundação Cultural Frei Simão Dorvi e do Gabinete Literário Goiano, ambos na cidade de Goiás-GO, onde se encontra parte de seu acervo.

Este segmento, “Ô de casa!”, traz um título emprestado de um dos poemas de Cora Coralina em *VdeC*<sup>3</sup>. Sua escolha se explica por ser tratar de uma expressão popular muito usada na época de Cora Coralina, para o visitante se anunciar. Então, aqui ela vem com uma dupla intenção: tanto pedimos licença para entrar nos escritos de Cora Coralina, quanto ela, objeto da pesquisa, se apresenta ao público leitor. Neste capítulo, também sinalizamos para as produções acadêmicas sobre a poeta Cora Coralina, evidenciando assim o valor da sua literatura.

<sup>1</sup> Título tomado de empréstimo do conto “Papéis de Circunstância”, da coletânea do livro de Cora Coralina, *Estórias da Casa Velha da Ponte*. “Papéis de circunstância eram todos aqueles papéis que pertenciam a ela [sua mãe], que existiam na casa ou que ali foram deixados por meu pai, tios e parentes, falecidos ou ausentados”. (CORA CORALINA. 11. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 87). Segundo Britto (2006, p. 8), Cora Coralina selecionou, entre os seus guardados, aquilo que ela gostaria de deixar para a posteridade, fornecendo assim suporte para o plano de arranjo atual do Museu Casa de Cora Coralina, cujo acervo se intitula “Papéis de Circunstância”

<sup>2</sup> Doravante, ao nos referirmos à obra *Vintém de cobre; meias confissões de Aninha*. Editora da Universidade Federal de Goiás, 1983 (cf. referência completa ao final do trabalho), utilizaremos a sigla *VdeC*.

<sup>3</sup> As citações das obras consultadas foram mantidas sem qualquer alteração ortográfica ou sintática porque a linguagem em vigor na época não apresenta prejuízo para a compreensão dos textos.

Crônicas, contos e poemas impressos, publicados em revistas, jornais e livros, percorrem cerca de sete décadas, concretizando o projeto da poeta, cujo desejo era tornar-se escritora. A leitura, a imprensa, as Letras constituíam seu lugar, na Cidade de Goiás e nas cidades do Estado de São Paulo – Jaboticabal, Penápolis, Andradina –, tendo a oportunidade de participar de uma variedade de agremiações culturais e literárias e jornais, que começavam a proliferar e circular no País no início do século XX.

Seguimos pistas do itinerário de Cora Coralina nestes últimos dois anos, embora o primeiro contato que aguçou o nosso interesse nesta pesquisa tenha ocorrido em 2007, enquanto ainda aluna especial da disciplina Sociologia da Leitura<sup>4</sup>, ministrada no Programa de Pós Graduação em Estudo de Linguagens. Nessa oportunidade, entramos em contato com um repertório de obras autobiográficas, em busca de relatos que se reportavam à figura dos contadores de histórias, tema pesquisado na época e cujo gênero de escrita poderia abordar. Nos poemas de Cora Coralina, especificamente em *VdeC*, não apenas a figura que buscávamos, a de contadores de histórias, mas outra nos chamou a atenção, quando a poeta escreve: “Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina” (*VdeC*, p.15). A provocação desses versos gerou uma necessidade de “buscar mais”, “ver melhor” quem era Aninha, a menina criada em condições as mais adversas<sup>5</sup> e como se tornara escritora.

Os adjetivos atribuídos a Aninha, Cora Coralina, neste fragmento do texto “Cântico de Aninha”, em *VdeC*, na verdade uma dedicatória à Mestra Silvina, provocam indagações que nos levaram a pensar e levantar a possibilidade de melhor compreendê-las nesta pesquisa. Mas, por que logo esses versos nos chamaram a atenção?

Desde o início da nossa prática de professora de séries iniciais, nos instigava pensar no drama vivido pelos sujeitos diante das dificuldades de aprendizagens na escola. Ali aprendemos a acolher aquelas crianças que, por algum motivo, não aprendiam no mesmo ritmo e tempo que as demais e eram, de certo modo, estigmatizadas, tal como confessara Cora Coralina em seu livro *VdeC*. Estas, sim, nos preocupavam. Essa inquietação se constitui em mais que um desafio, no desejo de investir em uma formação voltada para essas questões. Demos início, então, aos estudos em Psicologia Educacional, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Psicopedagogia pela Universidade Federal da Bahia, visando, sobretudo, articular os conceitos e pressupostos que se descortinavam nessas áreas do

<sup>4</sup> Disciplina oferecida pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Verbena Maria Rocha Cordeiro, no segundo semestre de 2007.

<sup>5</sup> A expressão “condições tão adversas” refere-se ao contexto em que aconteceu o processo de aquisição do conhecimento no que concerne às questões de aprendizagem e oportunidade de escolarização via instituição formal, bem como às condições precárias de vida economicamente restrita, no limite da pobreza.

conhecimento com trabalho em sala de aula. Paralelamente, iniciamos a formação em Psicanálise, através da Associação Baiana de Psicanálise, por entender que, nessa direção, encontraríamos mais um suporte que complementaria ou mesmo apontaria respostas para nossas inquietudes.

Dessa maneira, diante dos escritos de Cora Coralina em *VdeC*, a perspectiva de poder penetrar, de forma mais densa, na relação entre o sujeito aprendiz e os meios e as condições que o conduzem à sua formação leitora, nos animou e acendeu nosso desejo de investir num estudo em torno das questões que envolvem o acesso ao saber ler e constituir-se leitor, a despeito das condições mais adversas.

Ademais, a leitura de obras autobiográficas de autores contemporâneos a Cora Coralina, como Graça Aranha (1868-1931), Helena de Morley (1880-1970), José Lins do Rego (1901-1957), Cecília Meireles (1901-1964)<sup>6</sup> e tantos outros, com representações que se articulam com imagens de leitura na infância, indicavam possibilidades de estudos nessa direção. Mas a escolha por Cora Coralina como objeto de estudo deve-se, particularmente, ao interesse em investigar como uma pessoa, rotulada de “obtusa” durante a infância, supera esse preconceito, constitui-se leitora e, aos setenta e seis anos de idade, em 1965, publica o seu primeiro livro de poemas, vindo assim ultrapassar as fronteiras de sua região e destacar-se, mesmo tardiamente, escritora e poeta com notório reconhecimento nacional<sup>7</sup>.

Assim, chegamos ao *corpus* desta pesquisa, considerando que relatos de aprendizado, registros de imagens de leitura e representações do ato de ler na infância são categorias inscritas em *VdeC*, obra declaradamente “autobiográfica” de Cora Coralina. Esta foi a chave para avançarmos em nosso propósito de compreender e desvelar as condições pelas quais Anna Lins dos Guimarães Peixoto, Aninha, *menina dos bancos dos atrasados da escola da Mestra Silvina*, produziu diferentes modos de ler e qual o impacto dessas leituras em sua história de vida.

O recorte para este estudo, portanto, ao recair em *VdeC*, é justificado pelo fato de se tratar de uma obra memorialística, favorável a uma pesquisa dessa natureza, ou seja, reveladora de certas práticas culturais de leitura, que atendem ao nosso interesse, enquanto pesquisadora de uma temática que transita entre memória e histórias de leitura.

---

<sup>6</sup> As referidas obras são: *O meu próprio romance* (Graça Aranha), *Olhinhos de Gato* (Cecília Meireles), *Meus verdes anos* (José Lins do Rego) e *Minha Vida de Menina* (Helena de Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant).

<sup>7</sup> A exemplo, destacamos as palavras do crítico Fernando Py, no artigo “A poesia de Cora Coralina”, em que considera ser Cora Coralina um “acontecimento”, tanto para a literatura goiana, como para todo o Brasil. (*Tribuna de Petrópolis*, 8 e jul. 2004).

O cenário das memórias de Cora Coralina em *VdeC* é a Cidade de Goiás da última década do século XIX e início do século XX, um período historicamente significativo<sup>8</sup> para a história brasileira, pois marca o final do Império e a abolição da escravatura (1888) e o início da República (1889). Esse cenário permanece até o ano de 1911, quando ela deixa a Cidade de Goiás e vai morar no Estado de São Paulo, com seu marido. A “Casa da Ponte”, situada às margens do Rio Vermelho, local onde nasceu e viveu a infância, é um dos espaços de fundação da experiência memorialística que respalda as lembranças da poeta. A “Casa Velha da Ponte”, assim por ela chamada, pertenceu ao seu avô materno. Em 1887, seu pai, o desembargador Francisco Lins dos Guimarães Peixoto, comprou o imóvel do sogro e presenteou a esposa, Dona Jacynta Luiza, por ocasião do nascimento da primeira filha do casal, Helena, irmã de Cora Coralina.

Alguns dos poemas de *VdeC* trazem imagens da infância que sinalizam para os primeiros contatos de Cora Coralina com o mundo letrado. Neste sentido, a partir da leitura cuidadosa de seus poemas, buscamos uma interpretação, procurando inventariar pistas que nos indicassem qual a trajetória percorrida por Cora Coralina, de sua infância até se tornar escritora.

Para tanto, investigamos o contexto sociocultural dessa escritora, questionando, por exemplo, como Cora Coralina, em condições tão adversas, constitui-se leitora e escritora. Quais seus percursos de leitora? Qual é o lugar da escola e de outros espaços culturais na sua formação leitora e de seu repertório de leituras? Quais as lembranças das leituras escolares dessa escritora? Como se tornou escritora, realizando seu desejo tão tardiamente?

Ante esses questionamentos, o desafio estava posto. Consideramos que as muitas respostas aí encontradas podem nos direcionar, ainda que provisoriamente, a encontrar um eixo balizador para este estudo.

A escrita das reminiscências reserva ao memorialista um rico universo de cenas e atuações. Nesse panorama, é recorrente a rememoração do cotidiano, de temas que especulam sobre a educação familiar e moral e, inevitavelmente, afloram questões relacionadas à memória, à existência e ao tempo, uma vez que se trata de uma escrita produzida por um “eu” adulto que convoca traços da memória individual e coletiva para assegurar a exatidão da lembrança, através da escrita.

---

<sup>8</sup> Nesse período, o antigo arraial de Sant’Ana, que depois seria chamado Vila Boa e, mais tarde, Cidade de Goiás, que fora o segundo produtor de ouro do Brasil no início da sua colonização, século XVIII, vivia sob as consequências da escassez dos veios auríferos na região, ou seja, a “pobreza” substituiu a riqueza.

Ao eleger a memória como uma das categorias teóricas, aqui representada pelos *papéis de circunstância*, buscamos, de um lado, vestígios que evidenciam a forma de Cora Coralina se relacionar com a leitura e apropriar-se dela, e, de outro, recorremos à concepção de leitura e de leitor advinda da Sociologia da Leitura, para discutirmos os contextos sociais de leitura, o leitor e suas histórias, a mediação da leitura e os seus efeitos sobre os leitores em função das suas predisposições, motivações e interesses sociais e culturais. Isso porque, ao intencionarmos captar os processos que conduzem os sujeitos envolvidos nessa dinâmica para “fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas”(LAHIRE, 2004, p.27), desponta a necessidade de entendermos as principais experiências de socialização que contribuem para a origem dessas motivações.

Ao falarmos de formação de leitor, de imediato ligamos às práticas de leitura e, nessa direção, a escola surgiria como um dos lugares de seu aprendizado inicial, bem como ambiente de socialização que demanda certa necessidade de leitura. Outro ambiente de considerável valor para o questionamento sociológico da leitura é a instituição familiar, espaço em que se realiza a socialização primordial da criança, quando posta em contato com variados papéis que se somam para consolidar a sua relação com a cultura escrita e de suas representações da leitura.

Em virtude do caráter autorreferencial da escrita, o trabalho com a memória reelabora lembranças de acontecimentos e fatos vividos, embora outros possam ser esquecidos, silenciados, omitidos e ficcionalizados. Embora dados e informações tenham fundamento histórico, há algo que se situa nas dobras de cada verso, deixando ao leitor a tarefa de lhe dar outros sentidos e desvelar o jogo entre o dito e o não dito que provoca e instiga a preencher os vazios deixados pelo texto. Ainda que *VdeC* ofereça e sugira imagens e cenas, cabe-nos, na condição de pesquisadora, um trabalho de análise, composição, montagem, cruzamento e reflexão, enfim, uma leitura cuidadosa dos poemas que, segundo Chizzotti (1998, p.98), possibilita “[...] compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”, até se chegar ao ponto reclamado pelo estudo, uma vez que estas são os elementos reveladores que dão consistência a este estudo.

Parece-nos que é nesse “jogo” de compor e recompor as memórias em fatos que revelam um tempo remoto, mas presentificado, que os aportes teóricos convocados para subsidiar esse estudo, podem contribuir para um entendimento de tema em questão – formação do leitor.

Assim, para dar conta do tema desta pesquisa, apoiamo-nos em estudos teóricos da Sociologia da Leitura, a exemplo de Bernard Lahire (2002, 2004), Jean Hébrard (1995, 2009, 2010) e Jean-Claude Pompuougnac (1997), Roger Chartier (1996, 1998, 2001), no que estes

nos oferecem de contribuição para repensar como as representações dos relatos autobiográficos se inscrevem nas práticas sociais de leitura, marcando o encontro com a autodidaxia e as pesquisas sobre histórias da leitura.

No contexto brasileiro, foram relevantes para o nosso estudo as pesquisas realizadas em parceria por Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2002, 2003). No que concerne à memória, nos pautamos nos estudos de Jacques Le Goff (1983, 2003) que apontam para a necessidade de que os estudos históricos também se voltem para o homem cotidiano e, conseqüentemente, para a memória, e Maurice Halbwachs (2006), que discute a memória como uma construção do sujeito, um fenômeno social que estrutura, simultaneamente, a memória individual e a coletiva, as quais são fundamentais na compreensão das narrativas. Quanto ao gênero de *VdeC*, aportamos nos estudos de Philippe Lejeune (2008) e Marcelo Duarte Mathias (1997), no que estes estudiosos apontam como “escrita de si”.

Para melhor entendimento das questões que envolvem esse processo de aquisição da leitura e formação do leitor, em alguns momentos recorreremos a determinados fundamentos da psicanálise, por estes permanecerem atuais e representarem um campo do conhecimento que possibilita uma interpretação dos mecanismos que envolvem os sujeitos nessa fase. Assim, para dar mais consistência ao nosso estudo, incluímos as contribuições de Freud (1987), Joel Dor (1989), Anny Cordié (1996), entre outros.

A escrita de Cora Coralina em *VdeC*, ora revela claramente, ora omite, ora sugere as marcas de seu percurso, que se constituem em elementos fundamentais para as intenções desta pesquisa. Para além de *VdeC*, recorreremos ainda a outras fontes, tanto a entrevistas concedidas por Cora Coralina aos meios de comunicação, como a poemas das suas duas obras “Poemas dos Becos de Goiás”(1985) e “Meu Livro de Cordel” (1976) e informações complementares trazidas por pesquisadores da poeta Cora Coralina, possibilitando desta forma construirmos uma cadência em nossa escrita. Sendo Cora Coralina uma goiana, fomos buscar nos seus conterrâneos esses suportes através dos estudos de Darcy França Denófrio e Goiandira Ortiz de Camargo (2006) e Clóvis Britto (2009), que versam sobre vários aspectos da vida e da obra da poeta. Além desses suportes mencionados, em março de 2010, fomos até a Cidade de Goiás para, pessoalmente conferirmos informações e “ver de perto” escritos, objetos pertencentes a Cora Coralina e nos rodearmos de mais subsídios para a construção desta pesquisa.

Essas referências teóricas são tomadas como suporte, por possuírem sintonia com o tema deste estudo e apresentarem, de algum modo, novas possibilidades de interpretação, ao mesmo tempo em que indicam o nosso itinerário como pesquisadora.

Portanto, estabelecidos os propósitos deste estudo, apresentamos a sua estrutura, organizada em três capítulos.

No segundo capítulo, intitulado “Espelho do tempo: os vestígios da memória”, fazemos a apresentação da obra *VdeC*, abordando sua estrutura e mostrando os seus traços memorialísticos. Levando em consideração a vasta teoria sobre esse gênero, não realizamos um estudo exaustivo sobre esse tema, apenas nos detemos, particularmente, na perspectiva dos estudos de Mathias (1997) e Lejeune (2008), que defendem essa abordagem não como uma forma “fechada”, como exemplo, um soneto ou um conto, mas como uma espécie de acordo entre leitor e autor, um “pacto autobiográfico”, como Lejeune assim o consagrou.

Desse modo evidenciamos os aspectos mais relevantes e a forma como *VdeC* se aproxima dessa estrutura textual. Nesse segmento, também discutimos as relações entre memória e literatura, fazendo uma breve abordagem acerca dos temas que balizam esta pesquisa: Leitura, Literatura e Memória, destacando a forma como Cora Coralina vale-se da memória para realizar o retorno ao passado e quais os atores coadjuvantes eleitos pela poeta nessa volta que deságua na infância. Aqui salientamos a importância da oralidade na formação leitora de Cora Coralina, discorrendo sobre a figura do contador de histórias, responsável pela transmissão do conhecimento acumulado pelas gerações e conservação dos costumes e valores a serem preservados pela comunidade. Nesse caminhar, consideramos importante abordarmos, ainda que de forma breve, o sentido da expressão *meias confissões de Aninha*.

No terceiro capítulo, “Dos becos à galeria”, levantamos as evidências relacionadas à trajetória de leitura da escritora com base, fundamentalmente, nas informações e pistas coletadas da obra *VdeC*, no que elas apontam para o lugar da família, da escola e de outros sujeitos que possam ter participado, direta ou indiretamente, da constituição do gosto, hábitos e práticas de leitura de Cora Coralina. Aqui consideramos essas duas modalidades de socialização, a família e a escola, procurando compreender que elementos presentes nas configurações familiares seriam instigadores da prática da leitura de Cora Coralina, sem desconsiderar a importância do papel de outras mediações, ao promover atividades culturais que visam à formação cultural da poeta. Encerrando o capítulo, abordamos, mesmo que de forma sutil, o retorno de Cora a Goiás quando, enfim, ela publica o seu primeiro livro e ensaia a projeção de seu nome nas galerias das Letras.

Para efeito das conclusões finais, intitulada “Nas pedras rudes do meu berço gravei poemas<sup>9</sup>: linhas finais”, trazemos as considerações que não se propõem como pedra que

---

<sup>9</sup> Verso de Cora Coralina no poema “Semente e fruto”, em *VdeC*, p. 64.

remata uma passagem, mas como fenda para novos estudos, que se fará no sentido de refletir acerca do desejo, fio condutor frequente na formação do leitor, em nosso caso, a leitora Cora Coralina.

## 1.2 ARCAS DA FORTUNA

Cora Coralina não obedeceu rigorosamente ao cânone literário vigente à época da sua inserção no campo das Letras, sobretudo por quebrar o paradigma da escrita memorialística em prosa, e optar em escrever suas memórias sob forma de poesias. Levando uma vida intensa, vivida com simplicidade e tenacidade, ela se foi revelando até ver seus livros publicados e ter o reconhecimento nacional, embora não tenha sido eleita para constar nas grandes antologias, ao lado de nomes “consagrados”.

Na sua trajetória como escritora, colaborou com muitos periódicos, escreveu livros e, assim, pavimentou seu próprio caminho. Em vida, ela publicou três livros: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*<sup>10</sup> (1965), *Meu livro de cordel* (1976) e *Vintém de cobre; meias confissões de Aninha* (1983), todos livros de poemas, sendo que *MLC*, dividido em duas partes, traz contos na sua segunda parte. Postumamente, foram publicados pela Editora Global os títulos em prosa: *Estórias da casa velha da ponte* (1985), *O tesouro da casa velha* (1989) e *Villa Boa de Goyaz* (2001). Pela mesma editora, também foram publicados os livros considerado de “literatura para criança”: *Os meninos verdes* (1986), *A moeda que o pato engoliu* (1987), *O prato azul pombinho* (2001) e *Poema do milho* (2006).

Muitas vezes apontada pela crítica brasileira por ser uma escritora, segundo as observações feitas por Camargo (2010)<sup>11</sup>,

[...] situada à margem dos grandes centros ou pelo preconceito das leituras desavisadas que viam pouca qualidade estética em seus versos, marcados mais pela força da vida do que pela criação e formalização literária. Soma-se a isso, a imagem muito difundida da velhinha aguerrida que, ao sabor da força da sua oralidade, narra suas memórias de vida.

Tal consideração vem de encontro ao que diz Márcia Abreu (2006, p. 99), ao defender o ponto de vista de que é “[...] ingenuidade acreditar que críticos e intelectuais, por sua sólida formação, deveriam estar aptos a perceber a literariedade de um texto, considerando apenas

<sup>10</sup> As referências aos livros *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965) e *Meu livro de cordel* (1976) serão aqui representadas, respectivamente, pelas siglas: *PBG* e *MLC*.

<sup>11</sup> Consideração contida no parecer da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Goiandira Ortiz, por ocasião de meu exame de qualificação, em outubro de 2010, no PPGEL/UNEB.

suas características formais e de elaboração”. Muitos são os casos em que a crítica menospreza um ou outro “autor”, que, por esta ou aquela razão, não atende ao gosto do público considerado erudito.

No entanto, tem crescido, nos últimos anos, o número de estudiosos que despertaram para a escrita de Cora Coralina. O exemplo disso é a sua fortuna crítica, que tem somado trabalhos de nível nacional e internacional, conforme pudemos conferir no mapeamento das produções acadêmicas que realizamos no banco de teses e dissertações da CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico)<sup>12</sup>, onde conferimos 361 trabalhos acadêmicos distribuídos entre teses, dissertações e monografias, artigos, concluídas e em andamento sobre a poeta.

Localizamos quatro teses, aproximadamente vinte dissertações e vários artigos. Dessas produções, destacamos os estudos a seguir relacionados, no intuito de apontar quais variados são os temas sobre Cora Coralina:

– *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*, de Andréa Ferreira Delgado. Defendida na Unicamp em 2003, é uma pesquisa histórica que investiga a invenção de Cora Coralina como mulher-monumento.

– *El discurso poético y las condiciones de su producción: una lectura comparada de la poesía de Rosalía de Castro y Cora Coralina*, tese de Consuelo Brito de Freitas, apresentada à Universidad Complutense de Madrid, em 2004, faz um estudo comparado entre as duas poetisas, ao mesmo tempo em que divulga a poesia da espanhola-galega Rosalía de Castro no Brasil, e a da brasileira-goiana Cora Coralina na Espanha.

– *Labirintos da memória: o pulsar de vida na poética de Cora Coralina*, tese de Olívia Aparecida Silva, defendida na Universidade Federal de Brasília, 2005, faz uma reflexão sobre a Memória dos Sentidos dentro de um espaço específico, a cozinha, entendida esta como um lugar de rito que transfigura os corpos.

– *A economia simbólica dos Acervos Literários: Itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César*, o mais recente estudo, tese defendida em 3 de junho de 2011, na Universidade Federal de Brasília, por Clóvis Carvalho Britto, tematiza as trajetórias utilizadas por essas três poetisas para a inserção e reconhecimento no campo literário brasileiro ao longo do século XX, focando as especificidades e estratégias comumente utilizadas por elas, notadamente no que diz respeito ao modo como seus acervos integram as tramas de uma economia simbólica.

---

<sup>12</sup> Pesquisa realizada em 20 de abril de 2011, através do site: <<http://cnpq.br>>.

– *A poesia de Cora Coralina: enfoques psicopedagógicos e Leitura é outro trabalho* que destacamos. Trata-se de uma dissertação de Mestrado defendida por Salustiano Ferreira da Luz na Universidade de Havana, Cuba, em 1999.

Todos eles são trabalhos que mostram a diversidade e a aceitação da poesia de Cora Coralina.

No inventário sobre as produções específicas de *VdeC*, encontramos três dissertações de Mestrado, a saber: Moraes, com o trabalho *Aninha e outras vozes: a construção do sujeito em Vintém de Cobre, de Cora Coralina*, UFU, 2006; Oliveira, que defendeu a dissertação *Meias confissões, meias transgressões: marcas de gênero na poesia de Cora Coralina*, UNB, 2005. A outra vem de Teixeira, *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*, Universidade de Paris III, Sorbonne-Nouvelle, 2005.

Com relação aos estudos em livros sobre Cora Coralina, chamamos a atenção para as produções de Vicência Brêtas Tahan, *Cora coragem, Cora poesia* (1995), e dos pesquisadores Clóvis Carvalho Britto e Rita Elisa Seda, *Cora Coralina: raízes de Aninha* (2009), e Darcy França Denófrío e Goiandira Ortiz de Camargo (Org.), *Cora Coralina: a celebração da volta* (2006).

O primeiro, trata-se de uma biografia romanceada da poeta, embora a autora declare na apresentação que “[...] foi escrita sem a intenção de ser dona da verdade” (1995, p.8). O fato de Vicência Tahan ser filha de Cora faz uma diferença, porquanto só ela teria acesso a tantos pormenores da vida da poeta.

No segundo livro, publicado no ano em que Cora Coralina completaria 120 anos de idade, os autores fazem um levantamento exaustivo da vida e produção da poeta, um guia para pesquisadores.

No terceiro, as autoras prestam uma homenagem aos 50 anos da volta de Cora Coralina a Goiás, com uma compilação de nove textos críticos e analíticos sobre a sua obra. O fechamento desse livro é marcado pelo artigo de Darcy F. Denófrío, “Retirando o véu de Isis: contribuições às pesquisas sobre Cora Coralina”, em que a autora esclarece divergências acerca do poema “O cântico da volta”, por ser este às vezes confundido com livro. Nesse artigo, a autora também faz um minucioso levantamento da fortuna crítica da poeta, o qual nos serviu de parâmetro para constatar o crescimento, de 2006 a 2011, de trabalhos sobre Cora Coralina.

Diante do panorama das produções sobre Cora Coralina, constatamos temas variados, entre os quais podemos citar: memória e subjetividade, comparação da poesia, marcas de gênero, construção do sujeito, enfoque psicopedagógicos e leitura na poesia de

Cora Coralina. No entanto, não identificamos nenhum estudo relacionado à sua formação leitora. Desse modo, esperamos que nosso trabalho venha agregar novos valores à fortuna crítica dessa poeta, no sentido de trazer às claras o seu processo de formação leitora, que aflorou pouco a pouco e resultou na autora de livros de contos, de poesia e de literatura infantil.

Como este trabalho também é uma história de leitura, tal como é a de tantos nomes comuns ou ilustres, as histórias de Cora Coralina e Valentin Jemerey-Duval<sup>13</sup> representam a “errância” bem-sucedida de dois autodidatas que se superaram: ela, como poeta, conquista o título de Doutora *Honoris Causa* e ele, como professor, chega à universidade.

---

<sup>13</sup> Autodidata nascido no século XVII na região de Tonnerre, França, tornou-se professor de História e de Antiguidades na Academia de Lunéville, foi objeto de estudo de Jean Hébrard sobre o autodidatismo na França, com base num relato autobiográfico do século XVIII, intitulado “Comment Valentin Jemerey- Duval apprit-il? L’autodidaxie exemplaire”. No Brasil, é publicado no livro *Práticas de leitura*, com o título “O autodidatismo exemplar. Como Valentin Jemerey-Duval aprendeu a ler?” pela Editora Estação Liberdade, organizado por Roger Chartier, com tradução de Cristiane Nascimento.

## 2 NO ESPELHO DO TEMPO OS VESTÍGIOS DA MEMÓRIA

Faz tempo, queria contar para sua ternura,  
essas coisas miúdas que nós entendemos.  
Ah! Meu amigo e confrade...  
As rolinhas... as últimas, fogo-pagou, cantaram a  
cantiga  
da despedida no telhado negro da Velha Casa.  
Cantaram em nostalgia toda uma certa manhã  
passada.  
Olhei. Eram cinco, as derradeiras.  
Levantaram vô e se foram para sempre. (CORA  
CORALINA, 1983, p.175).

### 2.1 A ERA DO VINTÉM

O espaço escolhido pelo “eu poético” de Cora Coralina para se libertar das coisas que lhe *engasgavam e precisavam sair*, vividas da sua infância à ancianidade, é o da “euforia da escrita”. O registro de “reminiscências” superpostas e entremeadas na “colcha de retalhos desiguais e desbotados” da sua escrita recupera percursos afetivos e históricos, mesmo que fadados à incompletude.

Para Cora Coralina, leitura, literatura e memória são fortes aliadas. Toda sua obra é fundada na reconstituição de um percurso existencial centrado na sua relação com os afetos, com o trabalho, com a linguagem, com o saber, conforme ela demonstra nestes versos retirados de cada um dos seus três livros publicados em vida. Vejamos fragmentos de sua expressão em cada um deles:

Este livro  
foi escrito por uma mulher  
que fez a escalada da  
Montanha da Vida  
removendo pedras  
e plantando flores. (PBG, p.41).

Nasci numa rebaixada de serra entre serras e morros.  
“Longe de todos os lugares”.  
Numa cidade de onde levaram o ouro e deixaram as pedras. (MLC, p.11).

Este livro foi escrito no tarde da vida,  
procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos  
de uma dura caminhada.  
Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei.  
(VdeC, p.17).

Conforme podemos conferir, as manifestações de Cora Coralina, no que tange ao memorialismo, já são vistas nesses dois primeiros livros. Mas é em *VdeC*, o terceiro e último livro publicado em vida, que ela reconhece como um exemplar memorialístico e escreve:

**Revivo a velha escola e agradeço**, alma de joelhos, o que esta escola me deu, o que dela recebi. A ela ofereço meus livros e minhas noites festivas, meu nome literário.

Foi pela didática paciente da velha mestra **que Aninha**, a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se **desencantou em Cora Coralina**. (*VdeC*, p 15. Grifos nossos.)

A escrita fundamentada na memória pode tomar para si algumas denominações diferentes, como: romance pessoal, autorretrato, poema autobiográfico, literatura de testemunho, diário intimista, entre outras. Mas, na essência todos esses gêneros têm como matéria a memória. O que distingue essas formas de escrita literária de outras são as marcas de inscrição do sujeito da enunciação e que também é o sujeito enunciado, como vemos no fragmento acima.

A autenticidade dessa escrita é assegurada em um “contrato” do autor consigo próprio, que supõe um compromisso íntimo e pessoal de manifestar a verdade dos fatos e dos sentimentos. Nesse sentido, a

[...] promessa de dizer a verdade, a distinção entre verdade e mentira constituem a base de todas as relações sociais. (...) a autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender), e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no da criação artística. (LEJEUNE, 2008, p.104).

Esse traço na escrita memorialista, assim como na autobiográfica, resulta de um acordo íntimo entre autor e leitor, denominado por Philippe Lejeune (2008) de pacto autobiográfico. Desse pacto, deriva a identificação entre autor, narrador e personagem. Os teóricos<sup>14</sup> que tratam do memorialismo e da autobiografia estabelecem algumas características que diferenciam esses tipos de escrita. Esse autor concebe a autobiografia como o “[...] relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, dando ênfase à sua vida individual e, em particular, à história de sua personalidade” (LEJEUNE, 1975, p. 14).

<sup>14</sup> Aqui, referimo-nos principalmente a Philippe Lejeune (2008), *O pacto autobiográfico*; Jacques Le Goff (2003), *Memória e História*; Marcello Duarte Mathias (1997), *Autobiografia e diários*; Eduardo Portella (1995), *Problemática do memorialismo*; Maria José Viana (1995), *Do sótão à vitrine*.

A questão do gênero, segundo o crítico português Marcello Duarte Mathias (1997), talvez não seja o mais importante na escrita memorialística. No entanto, o uso de um e outro termo, às vezes referindo-se a textos aparentemente diferentes ou a textos que facilmente incluímos dentro de uma mesma categoria, pode gerar alguma confusão, tanto para o leitor como também para o entendimento de quem se inicia no estudo desta matéria. No ensaio intitulado “Autobiografias e diários”, o próprio autor se refere ao gênero memorialístico dizendo que dele fazem parte “[...] fundamentalmente as memórias, as autobiografias, certas correspondências e os diários, porque em todas estas expressões a memória representa o elemento primacial que lhes serve de traço comum” (MATHIAS, 1997, p.41). Por isso, acrescenta o autor, qualquer tentativa de designação da literatura autobiográfica para classificar um tipo de escrita cuja tônica recai sobre o relato da vida de uma pessoa feito por essa mesma pessoa, “será sempre marginal”, pois a essência daquilo que as define, a simultaneidade entre autor, narrador e personagem, permanecerá questionável.

Sendo assim, que perspectiva adotar quando estamos diante de escritos que trazem um sujeito, geralmente na primeira pessoa, o qual, auxiliado pelas lembranças, se dispõe a escrever sobre si próprio ao longo de uma linha espaço-temporal, para reconstruir o percurso de uma vida?

No caso de *VdeC*, que atende aos pressupostos autobiográficos, nos reportamos a ele como uma escrita memorialística, na medida em que a sua “autora”, Cora Coralina, inventa uma espécie de “metamemória” literária, a partir do próprio “discurso”, e, para tanto, utiliza-se de uma linguagem lírico-narrativa, para assim se lançar às reminiscências e poder repensá-las pelos seus reversos, suas idas e vindas. E nesse balanço, repensar dores e ressentimentos, muitos dos quais esquecidos, através das falhas, dos “brancos”, das lacunas de uma história pessoal, como numa claridade que “se faz em névoa e bruma” (CORA CORALINA, 1983, p. 195), nos interstícios de um tempo e um lugar historicamente datados.

Merece lembrar que os limites entre a ficção e a escrita de si são tênues e sutis, isto porque, na impossibilidade de narrar a totalidade, o autor reinventa e ficcionaliza eventos ou cenas que lhe escapam ou que ele recalca, as chamadas *verdades e mentiras* do memorialista. E também, segundo Sergio Afonso Gonçalves Alves (2006, p.79), “[a]o interpor um elemento de reinterpretação, a autobiografia se aproxima da ficção, pois já não importa a exatidão dos fatos, por vezes as datas e os lugares são negligenciados, em favor da dinâmica que a narrativa impõe”. Nesse ângulo, *VdeC* se afasta da “promessa” de oferecer essa verdade ao outro” (LEJEUNE, 2008), quando se embrenha pela ficção.

Vale a pena agregar as considerações de Ana Cristina Chiara (2001, p.15) sobre os limites entre o real e o ficcional:

A ficcionalização do "eu" recupera a corrente de significação entre a vida do escrito e a vida do leitor, pois nos parece, ao ler um texto autobiográfico, que a própria vida deixa de ter o caráter descontínuo e sem sentido imediato da experiência sentido imediato da experiência cotidiana, para ganhar transcendência: destino e destinação.

Embora as memórias constituam um tipo de registro, no qual o sujeito faz o relato de fatos passados da sua vida, sem desvincular a sua ligação com um determinado fio da história coletiva (HALBWACHS, 2006), ou seja, da história do seu tempo. Daí porque o sujeito tende a abordar não só os acontecimentos vividos, mas também aqueles testemunhados, que rebatem em sua vida pessoal e social. Muitos autores, contudo, consideram que essa escrita oscila "[...] ora o estatuto da ficção, ora de relato histórico" (CHIARA, 2001, p.15), e o que mais importa é compreender que o ficcional também não desconsidera a sua "fidelidade ao referente" (CHIARA, 2001, p.9). Mais que isso, a "verdade" não é mensurável, pois se coloca no registro da subjetividade e da singularidade.

Consideramos importante pontuar algumas questões pertinentes à natureza dessa literatura voltada para as memórias, bem como ao seu contexto de produção e socialização no Brasil, especificamente a de autoria feminina, ressaltando, porém, que não é o nosso propósito penetrarmos nas questões de gênero. Nessa perspectiva, focamos aspectos da obra *VdeC*, a qual pode atender a princípios da narrativa memorialística, no caso de natureza poética, na medida em que, ao transitar entre o ficcional e o real, Cora Coralina recorre a recursos imagéticos, num sutil apelo à fantasia, ao imaginário e ao real, de tal forma que fica difícil para o leitor distinguir os limites entre essas esferas.

No caso desta pesquisa, a escolha do livro *VdeC* não está rigidamente atrelada às configurações e à estrutura ou ao estilo dessas características, uma vez que os objetivos aqui reclamados não demandam esses detalhes, pois o que nos interessa poderia estar contido em qualquer um desses tipos de escrita de si. No entanto, valemo-nos desses argumentos para identificar os vestígios que remetem ao pacto (auto)biográfico em *VdeC*, o qual confere legitimidade para este estudo.

A "narrativa-épico-lírico" (YOKOZAWA, 2005), constrói-se pela voz ora de Aninha, nome pelo qual era conhecida na infância, ora pela sua própria pessoa, o "eu poético", que evoca a própria vida: do nascimento, em 1889, com imagens da cidade de Goiás, da sua gente,

da sua escola primária, de sua infância e de suas leituras, atravessando sutilmente por outras fases, até sua velhice, na década de 80 do século XX, claramente ilustrada pelos poemas:

#### O mandrião

Eu vestia um mandrião  
recortado e costurado por mim  
de uma saia velha da minha bisavó.  
E como aquele mandrião me deixava feliz!... (*VdeC*, p. 25).

e

#### Sombras

A claridade se faz em neve e bruma.  
O livro amado: o negro das letras se embaralham,  
entortam as linhas paralelas.  
Dançam as palavras,  
a distância se faz em quebra luz. (*VdeC*, p. 195).

Carlos Drummond de Andrade<sup>15</sup>, referindo-se a *VdeC*, o considera “[...] moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais comunicativas que já tenho lido e amado”. A poética de Cora Coralina, em *VdeC*, parece ter alcançado a estima não só do poeta mineiro, mas também do público intelectual brasileiro. Com este livro, ela foi consagrada intelectual do ano de 1983, com o troféu Juca Pato<sup>16</sup>, concorrendo com Teotônio Vilela<sup>17</sup>, com seu livro *Projeto emergência*, e Gerardo Mello Mourão<sup>18</sup>, com *A invenção do saber*.

A poeta goiana escreveu *VdeC* em 77 poemas distribuídos em três partes, denominadas de Livro I – Meias confissões de Aninha, Livro II – Ainda Aninha... e Livro III – Nos reinos de Goiás e outros, antecedidos por um prefácio assinado por Lena Castello

<sup>15</sup> CARTA de Drummond a Cora Coralina, em 7 de outubro de 1983. Acervo do Museu Casa de Cora Coralina, Cidade de Goiás.

<sup>16</sup> O troféu Juca Pato é um importante prêmio literário, conferido anualmente pela União Brasileira de Escritores de São Paulo, destinado a premiar o autor ou autora que tenha seu livro publicado no ano em curso.

<sup>17</sup> Teotônio Brandão Vilela (1917–1983), alagoano de Viçosa. Jornalista, cronista, ensaísta, empresário e político. Autor de discursos exuberantemente libertários, de amor à terra e ao homem brasileiro. Disponível em: < <http://www.topgyn.com.br/conso01/alagoas/conso01a01.php> >. Acesso em: 3 maio 2011.

<sup>18</sup> Gerardo Mello Mourão (1917- 2007), poeta cearense, escreveu obras como *Peripécias de Gerardo* (1972), vencedor do Prêmio Mário de Andrade, da Associação Paulista de Críticos de Arte, e *Invenção do mar* (1998), ganhador do Prêmio Jabuti. Um dos poucos brasileiros indicados ao Prêmio Nobel de Literatura (indicação em 1977). Disponível em: < <http://www.newton.freitas.nom.br/artigos.asp?cod=384> >. Acesso em: 3 maio 2011.

Branco Ferreira Costa<sup>19</sup>, um texto de Carlos Drummond de Andrade <sup>20</sup>, (1980), uma dedicatória dirigida à Mestra Silvina, intitulada “Cântico excelso”, um prólogo e dois poemas.

A primeira edição de *VdeC* foi lançada na II Semana de Lançamentos da Universidade Federal de Goiás, em agosto de 1983, semana dedicada à autora Cora Coralina (1889-1985). Nessa ocasião, essa universidade também lhe prestou outra homenagem outorgando-lhe o título de “Doutora *Honoris Causa*”, em reconhecimento ao seu valor moral e intelectual no campo das Letras.

Boa parte dos poemas que compõem *VdeC* (BRITTO, 2009), foi escrita nas proximidades da sua publicação: “Bem-te-vi...Bem-te-vi...” e “O Quartel de Polícia de Goiás” (1978), “Segue-me” (1980), “Aninha e suas pedras” (outubro de 1981), e outros que constam nos cadernos da autora, guardados no acervo do Museu Casa de Cora Coralina, com data de 1982. Nesse livro, percebemos traços característicos de uma escrita que se aproxima do projeto literário modernista<sup>21</sup>, por trazer uma escrita envolvida pelo *fenômeno da palavra-arte*<sup>22</sup> no que concerne tanto à estética, como, por exemplo, de uma poesia não tão presa à métrica, com versos livres, como aos fatos eleitos como célebres, incluindo-se a história pessoal, a história familiar, cultural, econômica, comportamentos e transformações geradas pelo progresso, desdobrando-se em construções que promovem uma ideia regional, nacional, de um povo e uma nação do final do século XIX e início do século XX.

Tudo isso aliado aos fatos eleitos para contar a sua história de vida, conforme nos mostra Drummond, quando escreve: “Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária” (DRUMMOND DE ANDRADE, 1980, p.7). Os escritos de *VdeC*, portanto, indicam a prática de uma escrita de cunho pessoal, vinculada ao gênero memorialístico, caminhando no compasso da escrita cotidiana, de contar o vivido no dia a dia, numa narrativa poética, sinalizando para a cautela da autora em se mostrar o mais verossímil possível, próxima dos pressupostos teóricos da escrita de si, preconizados por Lejeune (2008), embora saibamos que a ficção e o real se enlaçam, guiados pela linguagem lírica, através da qual a narradora/personagem revela-se e traz declarações, desabafos, questionamentos:

<sup>19</sup> Lena Castello Branco Ferreira Costa, professora titular do Departamento de Ciências Humanas da Universidade Federal de Goiás.

<sup>20</sup> Texto intitulado *Cora Coralina, de Goiás*, publicado no dia 27 de dezembro de 1980, no *Jornal do Brasil*, caderno B.

<sup>21</sup> Sobre o modernismo, ver Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.

<sup>22</sup> Termo usado por Bosi (1984, p. 15), ao se referir aos textos de informação que os viajantes e missionários europeus escreveram sobre a natureza e o homem brasileiro.

Eu me procuro no passado.  
 Procuro a mulher sitiante, neta de sesmeiros.  
 Procuro Aninha, a inzoneira que conversava com as formigas,  
 e seu comadrio com o ninho das rolinhas.  
 Onde está Aninha, a inzoneira,  
 menina do banco das mais atrasadas da escola de Mestre Silvina ...  
 Onde ficaram os bancos e as velhas cartilhas da minha escola primária?  
 (*VdeC*, p. 92).

Nesse anseio de retomar indícios do vivido que a ajudem a ressignificar o passado, Cora Coralina apela para o seu “eu poético”, desvelando as faces mais abrangentes e mais particulares para falar de si, de sua família e de sua cidade. Com uma escrita simples, mas com estilo singular, a poeta transforma *VdeC* numa espécie de testemunho incessante da realidade, ou seja, reescreve sua vida sob a forma de poemas, muitas vezes longos, repletos de matéria que lhe serve para compor muitas e extensas estrofes sem, contudo, prejudicar a clareza e a concatenação dos versos.

**Eu** brincava, rodava, virava roda,  
 e o antigo mandrião se enchia  
 e vento balão.  
**Aninha** cantava, desentoadada, desafinada,  
 boba que era.  
**Meu mandrião, vento balão,  
 roda pião, vintém na mão.**  
 (*VdeC*, p. 25, grifos nossos).

Na sua literatura, especificamente em *VdeC* Cora Coralina recorre ao desdobramento do sujeito e partilha com este traços evidentes que indicam uma noção de “sombra”, estabelecendo uma relação de harmonia e cumplicidade entre Cora Coralina, a poeta e Aninha, a Cora criança.

Com isso, a poeta se vale da personagem Aninha, como uma espécie de “duplo”. Ela insere deliberadamente a si mesma como peça da lírica, afastando-se do individualismo característico da escrita do gênero memorialístico e estabelece certo distanciamento, no qual joga com diferentes “eus”: a autora expressa-se, indiferentemente como “eu”, Anna Lins, Cora Coralina, que também é “ela”, Aninha.

Desse modo, em *VdeC*, Cora monta um cenário por onde circula o narrador/personagem, circundado pelo “eu lírico”, enquanto uma subjetividade direcionada para seu íntimo, figurado na menina Aninha, sem, contudo, perder a unidade que assinala uma

mesma pessoa, numa elaboração posterior de si e que, possivelmente, tenha sofrido influências de várias imposições psíquicas.

A noção de duplo é antiga e se desenvolve nas mais diversas significações, dependendo do contexto de que e de onde se fala, como sugere Otto Rank (1939). Para este autor, o duplo é um desdobramento da imagem de si, distanciada e provida de vida própria. Em *VdeC*, esse distanciamento deixa evidente que tal escrita é feita por um sujeito adulto, amadurecido que, ao recordar sabidamente, convoca as suas lembranças para ver a si mesmo, enquanto criança, jovem ainda, ou seja, longe das cenas vividas ou testemunhadas.

A presença da personagem Aninha em *VdeC* sinaliza para questões da identidade, portando indagações incessantes e insinuando representações do desdobramento do eu, que é ao mesmo tempo ser pensante e objeto de reflexão, conforme vemos nestes versos do poema “Meu vintém perdido” em que Cora dá voz a Aninha e questiona: “Que procura você, Aninha?/ Que força a fez despedaçar correntes de afetos/ e trazer de volta às pedras lapidares do passado?” (*VdeC*, p. 45).

Nesses questionamentos, percebemos que o afastamento da pessoa adulta Cora Coralina em relação à menina Aninha possibilita que ela indague sobre aquela do passado, e não sobre esta do presente. Protegida pelo seu “duplo”, ela revela o que a incomoda e escreve: “Procuro minha escola primária e a sombra da velha mestra/ com seu imenso saber, infinita sabedoria, sua arte de ensinar” (*VdeC*, p.45). Assim, numa tentativa de elaboração desse passado, ela se questiona via a figura da menina Aninha, não diretamente a mulher adulta, Cora, muito embora aquela seja esta no presente. Nesse “jogo de esconde”, ela se justifica: “meus vinténs perdidos, tão vivos na memória...” (*VdeC*, p. 45), usando o “vintém perdido” como metáfora, pela pouca escolaridade que teve.

Vista da perspectiva da psicanálise, a questão da identidade é, sobremaneira, um ponto considerável das escritas de si, que se utilizam do duplo, porquanto a abordagem do inconsciente aparece no discurso do outro, como uma imagem refletida no espelho, num processo identificatório, configurado, no sentido da ambivalência, entre o conhecido e o desconhecido. No texto “O estranho” (1919), Freud afirma que, através do duplo, a personagem

[...] é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (self), ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (self). (FREUD [1919], 1996, p. 252).

Nesse texto, Freud mostra que o ego arremessa para fora aquilo que abomina de si próprio, sentido como algo não familiar, portanto, estranho (*unheimlich*), misterioso, que pode despertar temor ou mesmo perigo.

A imaginação, facetada pela personagem, possibilita a apreensão do real quando Cora Coralina lança mão do código escrito numa espécie de jogo de falar de si no passado, estando no presente. Nesse sentido, o jogo utilizado através do duplo protege o diálogo consigo mesma, e traz à tona a apreensão, as alegrias e as angústias vivenciadas por Aninha.

Numa outra perspectiva, mas confirmando essa mesma noção do duplo, Nicole Fernandez Bravo levanta outra indicação para o uso do duplo na literatura:

Mas o duplo está ligado também (2ª tese) ao problema da morte e ao desejo de sobreviver-lhe, sendo o amor por si mesmo e a angústia da morte indissociável. Visto sob essa perspectiva, o duplo é uma personificação da alma imortal que se torna a alma do morto, idéia pela qual o eu se protege da destruição completa, o que não impede que o duplo seja percebido como um “assustador mensageiro da morte”, do que resulta a ambivalência de sentimentos a seu respeito (interesse apaixonado/terror): ele é ao mesmo tempo o que protege e o que ameaça. (BRAVO, 2000, p.263).

Assim, no imaginário do sujeito, é concebida a ideia de permanência, de prolongamento, cujo poder de integridade é tamanho que se organiza numa realidade quase palpável. Porém, para essa busca, o sujeito precisa ter consciência do caráter transitório da vida, enfim, da velhice e da morte.

Essa perspectiva nem sempre é fácil de ser admitida e por isso o sujeito, operando entre a pulsão de vida e de morte, cria a ideia de um outro “eu”, isto é, um eu que, sendo ao mesmo tempo idêntico e autônomo diante do atual, pode viver independente deste e, desse modo, se manter vivo, perene, mesmo após a morte. Ainda no poema “Meu vintém perdido” Cora demonstra consciência dessa transitoriedade da vida ao escrever:

Quando eu morrer, não morrerei de tudo.  
Estarei sempre nas páginas deste livro, criação mais viva  
da minha vida interior em parto solitário. (*VdeC*, p.45).

Desse modo, o reconhecimento do “duplo” em si mesmo deixa de ser um ponto final para ser um novo ponto de partida. Nessa direção, Cora Coralina desenvolve a sua escrita, ora se colocando como Cora, ora como a outra, Aninha, ao mesmo tempo que delinea o valor estético de sua obra, esboçando seu estilo, via palavra escrita.

No título de *VdeC*, a poeta estampou o termo “vintém de cobre”, expressão recorrente ao longo da sua escrita, reportando-se à moeda<sup>23</sup> em vigor na sua época de menina e que, diante da falta de recursos financeiros que atingiu a família, muito falta lhe fez na sua “infância tão pobre que pedia tão pouco” (*VdeC*, p. 30), um carinho, um *vestido ramado*, uma *boneca de louça*. Assim, ao decidir escrever um livro de memórias, a ela escolhe o nome dessa moeda, que pouco tinha de valor real, mas muito de valor simbólico, haja vista a variedade de significantes que o termo representa na sua escrita:

“Quarenta contos derréis...”  
 Dinheiro curto, escasso.  
 Parco. Parcimonioso.  
 De se guardar.  
 De um tempo velho.  
 De gente pobre.  
 Da minha terra.  
 Da minha infância.  
 Vintém de Cobre!... (*VdeC*, p.20).

Nesses versos, Cora dá sinais do quanto representa essa moeda para ela. Enfim, dependendo do momento, o vintém pode simbolizar os caminhos ásperos que percorreu; a pobreza que viveu na infância e adolescência, seja em função da perda do poder aquisitivo da família, seja em função da falta de afetos ou mesmo da falta da escola.

Em *VdeC*, portanto, através da plasticidade dos seus poemas, Cora Coralina apresenta ao leitor suas memórias, o panorama social de seu tempo, a Cidade de Goiás e o seu lugar como poeta “[...] inscrevendo um discurso, que é o feminino, e estabelecendo aí a letra e o literário em consonância com a voz, com a oralidade” (CAMARGO, 2006, p.65), que deságuam para uma criação literária que a consagra ainda em vida. Dessa maneira, esta obra concebe-se numa dupla perspectiva que comunga memória e literatura e assim abre um espaço para uma abordagem dessas duas vertentes.

O reconhecimento formal do que representa *VdeC*, entre outros aspectos, em 1983, concedeu a Cora Coralina tornar-se a primeira mulher a ganhar o Prêmio Juca Pato<sup>24</sup>.

<sup>23</sup> O valor correspondente ao vintém era o seguinte: 5 - cinco réis; 10 – dez réis; 20 – vintém; 40 – dois vinténs; 100 – tostão...

<sup>24</sup> No ano de 1962, a diretoria da [União Brasileira de Escritores](http://www.concursosliterarios.com.br/), na pessoa do 2º vice-presidente, escritor Marcos Rey, sugeriu que se criasse um prêmio ao melhor livro publicado naquele mesmo ano, e que, no conceito da maioria dos eleitores, fosse significativo para as Letras e a cultura brasileira. A participação seria aberta a escritores da área literária ou não. A votação seria de alcance nacional para que a disputa merecesse ampla divulgação. Seria um concurso anual, premiando a obra do ano anterior, e o autor receberia o título de Intelectual do Ano. Disponível em: < [http://www.concursosliterarios.com.br/materias.php?cd\\_secao=257&codant=](http://www.concursosliterarios.com.br/materias.php?cd_secao=257&codant=) >. Acesso em: 29 abr.2011.

## 2.2 A VOZ VINDA DE LONGE QUE FICOU...

Em *VdeC*, ao relembrar as dificuldades escolares e da família, que acompanhavam a menina Aninha, Cora Coralina deixa claro que a compensação para essas decepções pessoais provém das pessoas mais velhas, que contavam para Aninha histórias que a entretinham: “Naquela comunhão sagrada e rotineira, a gente se sentia feliz e nem lembrava de que não havia nenhum dinheiro em casa” (*VdeC*, p.93). Eram vozes que traziam de longe os conhecimentos, as tradições e a fantasia em histórias mágicas, capazes de desempenhar também um papel complementar à escola, embora de outra ordem, como veremos mais adiante.

As pistas, a partir de *VdeC*, revelam práticas de leitura já fora de uso nos dias atuais, como, por exemplo, o ler saber de cor, ler e recitar e a rotina de contação de casos e de histórias, numa prática da tradição da oral, calcada na repetição que, de acordo com Hérbrard (2010, p.2), “[...] consolida a memória coletiva e abre uma visão crítica do passado”, possibilitando uma articulação entre presente e pretérito.

Em *VdeC*, Cora Coralina faz alusões específicas ao cotidiano, tanto o vivido na casa da ponte, quanto o vivido na Fazenda Paraíso onde morou dos onze aos dezesseis anos de idade, ressaltando o convívio em família com as oito mulheres que povoaram a sua infância, bem como as vozes dos contadores de histórias, aqueles que contavam casos e histórias que passam, de pessoa a pessoa, de geração em geração. São as experiências vividas de que fala Walter Benjamin (1994, p. 114). Histórias remotas das civilizações, muitas delas de países longínquos, num ritual milenar que se constitui num verdadeiro legado da cultura popular, em que “[...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1994, p.200), aqui representado nos versos do poema “Na fazenda Paraíso”:

Meu avô puxava o tamborete da cabeceira, tomava assento.  
Tio Jacinto se ajeitava, nós, gente menor, **rodeávamos o fogo**  
sentados em pedaços de couro de boi, pelo chão.  
Gente grande nos bancos em fileira.  
Ricarda acorada **alimentava o fogo.**  
Ficávamos ali em adoração naquele ritual sagrado,  
que vem de milênios, de quando o primeiro fogo se acendeu na terra.  
**Contavam-se casos.** Conversas infundáveis de outros tempos  
e pessoas mortas (*VdeC*, p. 51, grifos nossos).

Aqui constatamos o lugar da oralidade, da escuta e do diálogo, responsáveis pela disseminação das histórias e das culturas em que o contador de histórias, desempenha o seu

papel junto ao povo, que se reunia ao redor do fogo, como nos antigos rituais que precederam a escrita, para se esquentar, conversar, ouvir as histórias, os “causos”, as histórias de “trancoso”<sup>25</sup> e, assim, seguir compondo a memória das suas tradições e perpetuando as suas histórias. Essa cena nos remete ao astuto Ulisses<sup>26</sup>, que tarda o regresso para ter o que contar, como também os velhos índios ao redor das fogueiras e as muitas histórias que ali brotavam como bromélias nos troncos das velhas árvores que vão perdendo seus galhos milenares para dar espaço a outros novos.

Cora Coralina recebeu muito desse legado através dos seus parentes mais velhos, como, por exemplo, do seu avô Joaquim Luiz do Couto Brandão, figura que acumulava a experiência de homem vivido, descendente de abastada família portuguesa, proprietária de terras de sesmarias, numa época em que ainda existia ouro em abundância no Brasil. Tinha, portanto, muito para contar, como revela Cora Coralina em *VdeC*, (p. 81): “Meu avô conhecia todas as verdades/ e gastava a filosofia de quem muito viveu/ e aprendeu”. Assim, temos aqui um narrador que insinua uma forte aproximação com aquele *homem camponês*, de que fala Walter Benjamin (1994), que conhece suas *histórias e tradições* e as repassa aos jovens “aprendizes”, num sistema corporativo em que se associava “[...] o saber das terras distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário” (BENJAMIN, 1994, p.198).

Assim, desde pequena, Cora Coralina teve contato com essa prática, tendo como mediadores não apenas o avô, mas também a sua bisavó, os serviçais da casa e pessoas amigas, como mostra esta cena na fazenda do seu avó:

Chegava alguém na Fazenda Paraíso.  
Pela risada franca, alegre e alta, sabia-se,  
Era seu Manoel Candinho, amigo do meu avô,  
caçador inveterado, **contador de casos e causos, reais e imaginários.**  
Era **recebido com agrado, dos grandes e da meninada.**  
( *VdeC*, p. 78, grifos nossos).

Ao poetizar esse costume de uma época distante, Cora Coralina também repassa a história de uma sociedade, de uma geração e revela “[...] todas as identidades localizadas no espaço e no tempo simbólico” (HALL, 2006, p.70), de uma cultura que informa, diverte e toca no maravilhoso da imaginação e dá consistência ao “eu”, deixando-o falar a partir de uma posição histórica e cultural específica.

<sup>25</sup> Gonçalo Fernandes Trancoso foi o primeiro cronista português (séc. XVI). Em *Histórias de Trancoso*, deixou imortalizada a expressão que faz parte da cultura oral brasileira:

<sup>26</sup> Herói da narrativa épica a *Odisséia*, de Homero, provavelmente do século VIII a.C.

Historicamente, essas narrativas se incorporaram à cultura e ganharam os lares, principalmente através da voz materna, das velhas babás, das avós, das bisavós e dos negros agregados das famílias. Cora Coralina, na sua identificação com as artes, também foi contadora de “estórias”<sup>27</sup>, a “velha rapsoda”, como ela se autodenominava. Agraciada com o dom da narrativa oral, ela guardou na memória os encantamentos das histórias da sua bisavó, da tia Nhorita e da mãe Didi, ex-escrava e sua mãe de leite, as quais contavam o vivido e também o que tinham ouvido de outras pessoas, fato que valida a afirmação de Benjamin (1994, p. 205), de que “[...] contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo”.

Com essa arte de narrar, a qual Benjamin (1994, p. 205), num determinado sentido, chama de *uma forma artesanal de comunicação*, esses mediadores contribuíam no sentido de levar Aninha não apenas a sustentar o seu imaginário, mas também a aguçar a curiosidade em relação a uma possibilidade de descobertas do mundo intenso de conflitos e impasses que a esperava. Desse modo, essas “estórias” serviram de fio condutor para Aninha fazer as primeiras leituras de tudo que a cercava, inclusive no fortalecimento dos laços desta com a leitura e a escrita.

Esses mediadores anônimos ou identificados como é o caso da bisavó, do avô, e de outras vozes, desprovidos de recursos financeiros e distanciados da educação formal, como é o caso das ex-escravas, conseguiam, no entanto, ressignificar todas as palavras e gestos que compunham o cenário das suas narrativas orais como velhos rapsodos, fazendo brotar naqueles ouvintes/leitores, dentre eles, Aninha, um cenário rico em imagens e possibilidades. Ensinados pela vida, detinham os sentidos ocultos das narrativas orais, as quais, de acordo com Eric Havelock (1997, p.31),

[...] não estão no comportamento da língua usada na conversação, mas na língua empregada para o armazenamento de informações na memória. Essa língua deve preencher dois requisitos básicos: tem sempre de ser rítmica e narrativa.

Essas exigências eram um diferencial que não faltavam a esses *artífices* do discurso da sábia autoridade. Articulavam bem as palavras, conforme as particularidades de cada narrativa, do ponto de vista do seu interesse imediato, que era se fazer ouvir e de inscrever significados às suas histórias. Era assim que esses mediadores davam às palavras toda sorte da representação e capturavam a atenção dos ouvintes.

---

<sup>27</sup> Cora Coralina opta por distinguir os termos estória e história, contrariando a regra do *Dicionário Aurélio*, que recomenda o uso da grafia história, tanto no sentido da ciência histórica, quanto na narrativa de ficção.

As narrativas guardavam dimensões e proporções tais que uma boa acolhida por ouvintes atentos poderia fazer delas uma forma de expressão possível de permanência nos “arquivos” da memória. Podemos inferir que isto aconteceu com Aninha/Cora Coralina, pois tudo indica ter herdado da Mãe Didi o seu dom de fabulação, enquanto da sua bisavó Antônia, Mãe Yayá, herdou o cabedal maior, a memória aliada à capacidade de transmissão oral, representada pela expressão muito usada por Cora: “minha bisavó contava”.

Com seu vasto repertório de “estórias” transmitidas pelos ancestrais, Cora Coralina também as repassava para os mais jovens: “Aonde anda a menina Célia, minha neta, que gostava de ouvir contar estórias repetidas em repetição sem fim?” (*VdeC*, p.41). Assim, ela assume o papel de contadora, instaurando uma ponte entre a voz e a escrita, trazendo para os seus escritos literários elementos da oralidade ancestral. Essa característica herdada e assumida aparece ao longo da sua escrita.

Na última parte do poema “A mama”, por exemplo, Cora Coralina conta toda a história do menino que vendia bolo num tabuleiro, recorrendo a uma expressão introdutória bem peculiar do arquétipo rapsodo: “Foi numa dessas casas que aconteceu de o menino...” (*VdeC*, p. 86-87). São traços herdados de uma cultura narrativa que exerceu influências sobre a arte de Cora Coralina. Durante a sua vida e no montante da sua produção literária, Cora ouviu e contou muitas histórias que ela guardou na lembrança como os ecos de uma voz contando “estórias”.

### 2.3 SEMENTE E FRUTO<sup>28</sup>: MEMÓRIA E LITERATURA

O conceito de memória bem como o modo de seu funcionamento, ao longo da história, vem-se transformando e se ajustando aos interesses e valores sociais, modelando-se diferentemente em cada sociedade.

A relação entre memória e literatura tem raízes seculares, desde a Grécia antiga, de Homero, quando os poetas praticavam oralmente a sua atividade para transmitir os costumes, os grandes feitos, os valores aos mais jovens, já que os registros escritos ainda não existiam, não existia sequer a palavra “literatura”, mas apenas *poiesis*<sup>29</sup>, ou poesia. Era um tempo em que o poeta tinha a função de narrar o passado, de contar a história.

<sup>28</sup> Inspirada no título de um poema de Cora Coralina em *VdeC*.

<sup>29</sup> É Aristóteles, filósofo grego (sec. IV a.C), que lega à civilização ocidental os primeiros conceitos teóricos sobre a Arte na antiguidade, ao discorrer sobre a origem da poesia e seus gêneros poéticos, a partir de sua obra *A Poética*, reconhecendo na *Ilíada* e na *Odisséia*, de Homero, a origem da tragédia.

Portanto, da deusa *Mnemósine*<sup>30</sup>, protetora dos poetas, à revolução causada pela imprensa, a memória está entrelaçada ao canto, à poesia, aos poetas, aos livros. A memória e a literatura encontram-se nos mesmos espaços, seja na poesia épica, no conto, na crônica, no romance, no cordel, perpassando também nos variados modos de produção e circulação literária.

De acordo com Le Goff (2003, p.419), a memória, enquanto elo de ligação entre presente e passado “[...] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. Nesse sentido, a memória representa o eco e a imagem do acontecido, do vivido atualizado no presente.

Ao se propor escrever sobre si, o narrador-autor se empenha em reconstruir o máximo das suas vivências e reescreve a sua história de vida, a partir de vestígios da memória. Nesse caminhar, o presente se esmaece, o narrador-autor se transporta para o passado e, assim, no caso aqui de Cora Coralina em *VdeC*, a trilha que ela encontra para conduzi-la à exposição de suas experiências é a arte da escrita.

A escrita memorialística não envolve apenas o ato de lembrar, enumerar ou repetir fatos do passado. Mais que isso, o narrador-personagem é, segundo Weinrich (2001), “um artista da memória”, que tem como tarefa (re)construir uma memória de longas datas e trazê-la ao presente numa escrita singular. Neste ponto, salientamos que essa escrita é gerada pela memória de um sujeito, no nosso caso Cora Coralina, atravessado pela linguagem e pela escrita, que se volta sobre si mesmo, com um olhar atual, distante da cena, procurando se pôr colado à autenticidade do lembrado, num movimento de falar do que era, sendo hoje o que é, outro.

Cora Coralina levou noventa e três anos para deixar emergir a voz vinda de outro lugar e trazer a público cenas que representam muito de si, não só das dificuldades encontradas nos seus anos escolares, como também dos desafetos da mãe para com a pequena Aninha, vista como “abobada e feia, caso perdido”. Assim, a poeta abstrai a ancianidade e escreve, deixando registrada para a posteridade a sua experiência de vida, impressa nas páginas de *VdeC*.

Nas abordagens que têm como suporte a memória, trabalha-se tanto a cultura quanto as histórias de vida de cada sujeito, permitindo que a sua memória seja também a memória de

---

<sup>30</sup> *Mnemósine*, a deusa grega da memória, era considerada uma das mais poderosas deusas de seu tempo. Era uma Titânica, filha da primeira geração das divindades na Grécia. Seus pais eram o imperador Cronus e a deusa Gaia.

seu grupo ou de sua região, conferindo-lhe assim, uma dimensão coletiva, tal como pensado por Halbwachs (2006).

Halbwachs pontua que a memória deve ser entendida especialmente como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a oscilações e transformações. Segundo esse autor, é no seio do grupo que a memória se origina sem, contudo, negar a existência da memória individual. No entanto, as lembranças “[...] seriam vistas por ele apenas no aspecto do que o interessa enquanto se distingue dos outros” (HALBWACHS, 2006, p.71). Assim, a origem de muitos pensamentos, sentimentos, reflexões que conferimos a nós, é inspirada, na verdade, pelo grupo, mesmo que estejamos a sós, pois é na interação com o outro que as imagens produzidas pelas lembranças são construídas. Nos versos do poema “A mana”, a memória é reconfigurada, recontada, e a memória individual se entrelaça à memória coletiva, expressando o cotidiano, os sentimentos, a cultura, o social:

Havia nas famílias do passado, família numerosa, sempre,  
 uma figura imperial, ouvida e obedecida. Enérgica e soberana.  
 A **mãe cansada**, esgotada de partos sucessivos, entremeados, não raro,  
 de prematuros e hemorragias, **delegava na filha mais velha** sua autoridade  
 materna. **Esta assumia a responsabilidade** de cuidar dos irmãos menores  
 quase sempre autoritária e despótica com direito de ásperas correções  
 e castigos corporais.  
**Ela se fazia autoridade na casa.** Mandava e desmandava, comandava  
 severa,  
 autoritária e vaidosa.  
 (VdeC, p. 86, grifos nossos).

A lembrança aqui se apresenta como uma imagem localizada no seio da família convocada, sem a intervenção direta que qualquer outro sujeito para auxiliar no processo de reconstrução. No entanto, no momento em que Cora convoca os membros da sua família para, a partir de fragmentos de lembranças, construir a escrita, ela podia até estar sozinha, mas, no processo de refacção da memória, estavam presentes outros sujeitos que compunham a cena narrada. Os tantos fatos ou cenas reconstituídos nas lembranças se cruzam, fazendo surgir outros que reúnem personagens em novas situações que se desdobram em outras escritas.

Como se vê, são tantos os convocados nesse painel de lembranças que a memória passa a ser coletiva e a memória individual refere-se a um ponto de vista do memorialista, conforme o lugar que este ocupa na sociedade, no grupo, na família. No poema “Aquela gente antiga-II”, Cora Coralina expõe o lugar que, na sua concepção, ela ocupava dentro da família:

**Aquela gente antiga explorava a minha bobice.**

Diziam assim, virando a cara como se eu estivesse distante:

“Senhora Jacinta tem quatro fulores mal falando.

Três acham casamento, uma, não sei não, moça feia num casa fácil.”

Eu me abria em lágrimas. Choro manso e soluçando...

“**Essa boba ...** Chorona... Ninguém falou o nome dela...”

**Minha bisavó ralhava, me consolava com palavras de ilusão:**

Sim, que eu casava. Que certo mesmo era menina feia, moça bonita.

E me dava metade de uma bolacha. (*VdeC*, p. 37. Grifos nossos).

Este lugar ocupado pelo sujeito no grupo tem um valor imensurável, uma vez que é deste que ele responde. Percebemos nesses versos que Cora Coralina se coloca como “boba que era”, ou seja, aceitando a “bobice”, enquanto o lugar de conforto vinha da parte da bisavó. Nas memórias da poeta, o lugar de “inferioridade” lhe foi marcado com muita insistência na sua infância, vai e vem em *VdeC*, particularmente quando se refere a essa fase da sua vida.

Desse modo, no fragmento do poema acima, vemos que a narrativa poética minuciosa demonstra que a escrita memorialística acaba por revelar não apenas os comportamentos sociais e culturais, mas também os da família, os papéis e o lugar ocupado por cada um. Nesta cena que se desenrola no interior da família, o processo de reconstrução dos arquivos da memória convoca outras vozes que auxiliam na montagem do cenário. São imagens que distinguem e revelam os papéis das pessoas na formação psicológica da menina Aninha. Em *VdeC*, portanto, os papéis são assumidos, esclarecidos e, dessa forma, abrem-se outras perspectivas de se relacionar com a obra, na medida em que se pode lhe atribuir um

[...] lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetar a sua própria situação. (ROSENFELD, 1998, p.50).

É certo que, aqui, Anatol Rosenfeld (1998) refere-se à obra de ficção, porém, se o texto autobiográfico preza pela qualidade estética, pela verossimilhança, ele também esbanja significados. Desse modo, abre-se um espaço para uma cumplicidade entre o leitor e o autor da obra, uma cumplicidade, na qual o autor assume o compromisso de se aproximar do verossímil o máximo possível.

Na literatura, a memória tem um lugar garantido para se mostrar e se manifestar. Nela, a escrita memorialística torna-se móvel, relacionando-se ora com o objeto, ora com o método,

ora com a memória em si, apresentando oscilações, movimentos que acompanham o narrador, revelando sua autenticidade. Esse texto, portanto, não se reveste de um caráter uno, rígido, de modo que a verdade interna do narrador-autor sacrifique o texto. Pelo contrário, tem a flexibilidade para se expressar e narrar eventos e cenas pelas quais deseja ser lembrado. E, nessa liberdade, ele é o responsável pelas verdades ali inscritas. Conforme ressalta Lejeune (2008), toda a asserção ali impressa está sob a custódia do autor, aquele que inscreve seu nome na capa e no texto escrito, constituindo-se autor, narrador e personagem, concomitantemente. A escrita de si, portanto, é um exercício de memória em que o memorialista, envolvido no desejo de reescrever sua história, dá pistas de seus sentimentos, dos seus conflitos, enfim, do seu “eu”. Desse modo, arriscamos dizer que a memória representa, para a literatura memorialística moderna, o mesmo que os “vinténs de cobre” representam para a poesia de Cora Coralina e o inconsciente para Freud. São todos elementos simbólicos de que a arte da escrita memorialística ou autobiográfica precisa para se fazer viva, ou seja, sem a memória esta literatura dificilmente existiria.

Historicamente, a escrita autobiográfica feminina no Brasil começou a aparecer muito timidamente, tão acanhada quanto era a participação da mulher no campo das Letras, uma vez que os escritos nesse gênero eram majoritariamente de autoria masculina.

No Brasil, especialmente no universo feminino, a escrita memorialista só tomou impulso a partir da segunda metade do século XX. Segundo Marisa Lajolo (1995), o Brasil da década de 60, era um país

[...] cheio de mulheres com caneta na mão e idéias na cabeça: em 1960, Cecília Meireles publica *Metalrosicler* e Clarice Lispector *Laços de família*; em 1961, Cecília lança *Solombra* e Clarice *A maçã no escuro*; em 1962 surge *Ou isso ou aquilo* de Cecília e em 1963 Adelaide Carraro publica *Eu e o governador*; Henriqueta Lisboa *Além da imagem* e Lygia Fagundes Telles *Verão no aquário*; são de 1964 *Crônica trovada* de Sam Sebastião do Rio de Janeiro de Cecília Meireles, *A paixão segundo GH e A legião estrangeira* de Clarice Lispector e *Histórias escolhidas* de Lygia Fagundes Telles. **Em 1965 Cora Coralina estréia *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais***; e Lygia Fagundes Telles lança *O jardim selvagem*. Em 1966 Nélida Pinõn escreve *Tempo das frutas* e Anajá Cardoso *Negra Efigênia: paixão de senhor branco*; em 1967 Maria Alice Barroso publica *Um nome para matar*; em 1969 Clarice Lispector lança *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. (LAJOLO, 1995, p.10, grifos nossos).

Nesse período, declara Lajolo (1995, p.11), os temas de cunho pessoal encontravam eco ao lado de publicações, como *A formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido, e

*A formação econômica do Brasil*, de Celso Furtado, ambas de 1959, que dividiram espaço com a produção autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*.

Paralelo a essa ascensão da memorialística feminina, o Brasil, nos anos 70, foi palco de acontecimentos que contribuíam para a divulgação desses livros, como a Primeira Bienal Internacional do Livro em São Paulo (1970); a celebração do Ano Internacional do Livro (1972), ocasião em que foram lançados 1.813 títulos de literatura (LAJOLO, 1995); Fundação do Círculo do Livro (1973). Na década de 80, a ascensão da literatura deveu-se também ao crescimento do número de editoras que surgiram no País<sup>31</sup>. No panorama cultural da época, dividem o palco não apenas os livros, mas também outros produtos culturais, como a televisão, o rádio, o cinema e as artes plásticas, que atendem aos interesses da “cultura letrada” e da chamada “cultura popular”. A academia, cujo interesse se fixa mais na produção da elite e na produção masculina, começa a dividir sua atenção com as outras produções artísticas situadas até então à margem da História.

É nessa época que Cora Coralina inicia a formalização da sua carreira literária, com a publicação de seu primeiro livro, *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, em 1965, conforme anuncia Lajolo no texto *A leitora no quarto dos fundos* (1995). Cora Coralina publica *VdeC*, como já anunciamos, na década de 80, quando ocorre, então, uma valorização do gênero memorialístico com relação às décadas anteriores.

As memórias de Cora Coralina em *VdeC* se fazem sobre e em torno de seus relacionamentos com seus familiares e com pessoas de seu convívio. A autora fala tanto de si como do outro. Para Halbwachs (2006), às vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias atuais, as experiências do passado. Desse modo, podemos dizer que o passado não sobrevive exatamente como foi, uma vez que a lembrança é uma imagem construída com os elementos que estão disponíveis no aqui e no agora, no conjunto de representações que habitam nosso entendimento atual.

Diante disso, vale observar que Cora Coralina, ao lembrar os fatos do passado, o fez com a experiência adquirida nos anos vividos. Conforme observa Halbwachs (2006), jamais conseguiríamos lembrar um fato da infância, por exemplo, exatamente como ele ocorreu, tendo em vista possuímos no presente a percepção de adulto, capaz de gerar o entendimento da realidade e não da criança da época. Tal assertiva ganha dimensão, quando em seu percurso memorialístico, Cora Coralina adota o discurso de uma mulher viva que escreve as suas memórias em livro, quando já estava com mais de noventa anos de idade, relembando

---

<sup>31</sup> Cf. HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história* (2005).

fatos e elementos de sua infância e adolescência, *através das lentes da recordação*, como ela mesma confessa no poema “Lembranças de Aninha” (*VdeC*, p.151).

Essa postura diante da impossibilidade de resgatar o passado exatamente como ele foi, sem as intervenções do presente, gera na escrita de Cora Coralina em *VdeC*, o vazio motivado pela perda desse passado. Nesse sentido, os vazios e os silêncios inerentes a qualquer texto literário ganham uma dimensão particular nesse tipo de escrita, ou seja, “[...] o todo [...] nunca se completou em função da constante mobilidade e da natureza fugidia do momento [...]”. Então, por não se completar, “[...] o texto se faz de voltas e contornos” (ALVES, 2006, p.78; 113). E Cora escreve:

**Minha mocidade, perdida no passado...**

**Tantos mestres à minha volta...**

**Tantos serões inaproveitados...**

E eu? Sem saber de nada.

Ninguém me esclareceu:

Ouve e aprende.

É a vida que está ensinando.

**Quando veio o entendimento,**

**os túmulos estavam calados.** (*VdeC*, p.148, grifos nossos).

Nesses versos, a poeta relembra e se questiona sobre o passado distante, deixando algo de não dito, algo claudicante para o leitor. Diante dessa “oscilação” sobre si, o esquecimento, contraponto da lembrança, vem dar conta dos mecanismos que acionam a memória. Lembrar e esquecer são duas pontas que se enlaçam para reconfigurar cenas de um passado longínquo.

Assim, a memória se reconstruiu e recuperou lembranças do passado que em parte podem não ter chegado íntegras ao tempo presente, em vista do pesar do esquecimento, que abre espaços vazios no rememorar.

## 2.4 PAISAGENS SECRETAS: AS MEIAS CONFISSÕES DE ANINHA

Dada a noção de literatura memorialística como um lugar de se dizer, de reconstrução da memória, em que o narrador-autor “oscila” sobre si, não podemos deixar de abordar essa aparente contraposição da memória, o esquecimento.

Num regresso à Grécia antiga, Weinrich (2001) evidencia o mito de origem grega, Lete, como a mais eficaz de todas as imagens e comparações do esquecimento. Lete é um rio do submundo, que outorga esquecimento às almas dos mortos quando estas mergulham em suas águas. Assim, à deriva nas águas do rio, o poder da correnteza quebra a força protetora dos contornos da lembrança da realidade.

Dessa perspectiva, o esquecimento pode significar guardar na memória certos acontecimentos que, consciente ou inconscientemente, não queremos lembrar, ou seja, lances do passado que a memória reprova, recalca, tenta de algum modo apagar.

Nessa aparente oposição, jogo de claro-escuro, de sombra e luz, memória e esquecimento são componentes inseparáveis na escrita de si, da qual emerge o conflito, a ponto de o ato do recordar representar um processo, uma razão de ser, enquanto o esquecimento se “[...] faz o pivô daquilo que se desenvolverá, detonando uma série de transformações ou a transformação” (FERREIRA, 1991, p.14).

Assim, em virtude das pungentes "oportunidades poéticas" e à urdidura da escrita memorialística, Cora Coralina vivencia a sua consciência dialética: “*E eu?*”, num ressoar de “quem é esse ser que diz que eu sou e o que vivi?”. A escrita, de certa forma, a protege e ela se lança num fluxo mnemônico daquilo que expõe. Nesse entremeio de tempo, ela cria uma espécie de justificativa, pensada sob a tessitura do rememorar, e escreve:

Este livro, meias confissões de Aninha,  
é um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer e ordenar um livro.  
Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu.  
Conseqüente. Vai à publicidade sem nenhuma pretensão.  
Alguma coisa, coisas que me engasgavam  
e precisavam sair.  
É um livro de conseqüências. (*VdeC*, p. 17).

A memória, pactuada com o processo da escrita, em *VdeC*, assume a fragilidade e os contornos da escrita memorialística a partir do próprio discurso, num jogo de linguagem em que as entrelinhas são as linhas e vice-versa, em que o profundo e a superfície interagem para compor o ato de criação. Nesse jogo, a escrita memorialista se lança às reminiscências num

mergulho que faz emergir, através do “eu lírico”, vozes em constante diálogo, expressando ideias, sentimentos e implicações, para também pensá-las pelos seus avessos, e assim repensar ressentimentos e esquecimentos, através das falhas, dos “brancos”, das lacunas de uma história de vida.

Em *VdeC*, Cora e Aninha, narradora e personagem, se unem para tecer a expressão poética narrativa que se inscreve tanto no devir quanto naquilo que permanece, e, nessa união, o esquecimento se faz tema, transitando em via de mão dupla com as lembranças.

A metáfora “meias confissões”, expressa no subtítulo em *VdeC*, remete-nos à ordem do “não dizível”, do “nem tudo pode”. Ao imprimir essa expressão, Cora Coralina aponta para uma direção que converge para o duo lembrança e esquecimento, aparentes oposições e estratégias indispensáveis na escrita de si, tornando-se, desse modo, conforme já dissemos, a base que dá conta da dimensão do conflito gerador do esquecimento. Ademais, sua escrita recorre a um repertório pincelado de virtualidades sinalizadoras de “vazios”, favoráveis ao enlace entre lembrança e esquecimento, elementos inseparáveis nesse tipo de escrita. Daí porque a escrita memorialista recria, reinventa, ficionaliza, para dar conta do que ficou para trás, do esquecido, do inalcançável.

Desse modo, poderíamos arriscar dizer que o esquecimento seria causador da memória e, quiçá, da lembrança. Nesse contexto, os hiatos, as rupturas e os esquecimentos estão vinculados ao atravessamento de um projeto, seja de vida ou de escrita de si, que deflagra uma “morte ritualizada” (FERREIRA, 1991, p.15), abrindo assim espaço para o retorno à vida, numa outra ordem.

Na escrita memorialista, há esquecimentos distintos, o que aqui consideramos válido distinguir. Há o esquecimento intenso, profundo, ou seja, aquilo que se desfia, se perde e se sepulta, impossibilitando o seu aparecimento na escrita. Por outro lado, existe o esquecimento que resvala, sob os mais variados pretextos, nas sequências poéticas ou narrativas, ocasionando situações em que se eufemizam ou se omitem fatos ou passagens, como ilustram essas reticências do poema “Cântico primeiro de Aninha”:

Longe... Longe...  
Indefinido longe, nem sei onde.

O tardio encontro.  
Passado o tempo de semear o vale,  
de colher o fruto.  
O desencontro, da que veio cedo e do que veio tarde. (*VdeC*, p. 22).

Esses esquecimentos, as cenas apagadas, obviamente não reveladas, não são conscientes, escolhidas aleatoriamente. Os lapsos, os “brancos”, as lacunas têm relação com a interdição de um projeto de vida ou de escrita, isto é, o lembrar-esquecer, o omitir-criar, fazem parte do inconsciente do sujeito, da escrita memorialística. Este sujeito, a partir dos seus anseios e inquietações individuais e coletivas do presente, “seleciona” os fatos, as cenas que devem e podem ser lembradas, reveladas, negligenciadas ou esquecidas, o que podemos chamar de *nuances* de uma memória “seletiva”, conforme revela Cora Coralina nestes versos de “Confissões partidas”:

**Quisera eu ser dona, mandante da verdade inteira** e nua,  
que nua, consta a sabedoria popular, está ela no fundo de um poço fundo,  
e a sua irmã mentira foi a que ficou em cima beradiando.

**Quem dera a mim esse poder, desfaçatez, coragem de dizer a verdade...**  
Quem as tem? Só o louco varrido que perdeu o controle das conveniências.  
(*VdeC*, p. 131, grifos nossos).

Nesse ponto não podemos deixar de invocar Freud, ao analisar o que ele denomina de “atos falhos”, diferenciando os lapsos por esquecimento no oral (*Versprechen*), no escrito (*Verschreiben*) e na escuta (*Verhören*). Ele ressalta a necessidade de ser observado, não apenas o sentido como também as consequências dos lapsos. Com isto, ele nos conduz a questões da ordem da poética narrativa, apontando para os mecanismos da composição artística como, por exemplo, os efeitos que os poetas sabiamente tiram do ato falho e do esquecimento, sustentáculo do processo narrativo. Visto desse ponto, na escrita memorialista, a memória seletiva, os lapsos, o esquecimento também funcionam como um *álibi*, protetor daquele que se escreve, ao mesmo tempo em que revela um conflito de alguma ordem.

Observamos, nos escritos de Cora Coralina, o enfrentamento entre lembrança e esquecimento na medida em que termos e significações se complementam, na tentativa de demonstrar coesão entre fatos e acontecimentos longínquos e esgarçados pelo tempo. Lembrar e esquecer, conceitos aparentemente antagônicos, são na verdade indissociáveis, quando a memória é convocada para o exercício da prosa poética. Para Jerusa Pires Ferreira (1991, p. 15): “A vontade de esquecimento se identifica com uma realização frágil da experiência pessoal *a fim de que renasça, no seio da linguagem, uma vida mais assegurada*”. Vejamos que esse movimento se realiza no poema “Lembranças de Aninha”:

Passaram-se os tempos e o moinho dos anos moeu tantas palavras  
e lembranças novas e velhas.

**Destruí e pulverizei recordações e valores**, e aquela palavra –“Urucuia”  
sempre viva, jamais esquecida. Aninha, que ouvira pela primeira vez aliada à  
outra, frase completa – Sertão do Urucuia,  
nunca pôde esquecer, tampouco ouvir de novo.

**Localizar dentro do mapa tumultuado das recordações**,  
onde, em que recanto da terra esse vasto e desconhecido sertão,  
seu nome imperecível gravado na pedra da memória.

Até que um dia, tantos anos já decorridos, encontrei a frase antiga  
no livro do escritor João Guimarães Rosa,  
localizado nos intermédios de Bahia, Minas e Goiás,  
Sertão do Urucuia,...

[...]

**Não me lembro o final da estória.** (*VdeC*, p. 155-157, grifos nossos).

Essas descobertas se perpetuaram ou se renovaram com o tempo, despercebidas pela memória, certamente só na aparência, pois na verdade ali estavam à espera de uma nova convocação, vinda muitos anos depois, quando Cora Coralina se vê envolvida com o processo da escrita de si. São acontecimentos e cenas recuperados de um passado longínquo, preservadas, “prontas” para atender ao seu chamado. Vale ressaltar que a expressão “pronta” não implica uma reconstrução fiel ao acontecido, pois devemos lembrar aquilo que, conforme já mencionado, se esgarça no meio do tempo comprovando ser a memória humana lacunar e falível.

No rastro dessa reflexão, vamos encontrar, no entanto, no poema “O triângulo da vida”, uma lembrança que fugiu ao viés do esquecimento. Enquanto morou na casa materna, Cora Coralina sempre conviveu com outros familiares, pessoas idosas, entre elas, os avós, a tia Nhorita, a sua bisavó Antônia. Dessa aproximação com essas pessoas idosas, a menina entra em contato com um passado ainda mais remoto, que lhe possibilita novas descobertas:

Minha bisavó não falava errado, falava no antigo,  
ficou agarrada às raízes e desusos da linguagem  
e **eu assimilei o seu modo de falar.**

Ela jamais pronunciou “metro”, sempre “côvado” ou “vara”.  
Nunca disse “travessa” e sim “terrina”, rasa ou funda que fosse,  
nunca dizia “bem vestido”, falava – “janota” e “fama” era “galarim”.  
(*VdeC*, p. 61. Grifos nossos).

A lembrança se manteve ali viva, não requisitando um “longo” chamado porque sempre esteve presente, foi assimilada. Neste processo de evocação das lembranças do passado, Cora Coralina traz sempre a figura da sua bisavó, a quem ela chamava de Mãe Yayá, com a qual muito convivia, representando uma espécie de esteio para a menina Aninha:

Quem punia por Aninha era mesmo minha bisavó.  
 Me ensinava as coisas, corrigia paciente meus mal feitos de criança  
 e exortava minhas irmãs a me aceitarem.  
 Daí minha fuga para o quintal onde os meus sentidos foram se aguçando  
 para as pequenas ocorrências de que não participavam minhas irmãs.  
 (VdeC, p. 100-101).

Numa reflexão sobre os idosos, Simone de Beauvoir, aqui trazida por Ecléa Bosi (1994, p.79), alega que “[...] a criança sente voltar para si os reflexos de amor que sua imagem desperta”. Esse amor Cora Coralina expõe com clareza todas as vezes que se refere à bisavó. O fato de a poeta evocar com frequência essa figura, mostra o quanto tais lembranças foram significativas para ela e, por isso, não entraram no rol do esquecimento.

Nesse ponto, Halbwachs (2006, p.57) e Freud entram em comunhão, quando o primeiro afirma que as lembranças evocadas não são exteriores a nós, e sobre elas exercemos uma influência muito grande. Enquanto Freud (1996), em “Lembranças encobridoras”, esclarece que o que possa parecer importante, por seus efeitos imediatos ou diretamente posteriores, será recuperado pela memória posteriormente, enquanto o que é julgado não essencial é esquecido, recalçado.

Nesse mesmo texto, ao tratar das lembranças da infância, Freud enfatiza que “[...] as experiências dos primeiros anos de nossa infância deixam traços inerradicáveis nas profundezas de nossa mente” (FREUD [1899], 1996, p. 287). Em muitas das passagens de *VdeC*, Cora Coralina se refere ao desamor e ao sentimento de rejeição vividos em sua infância, conforme vemos nos versos a seguir, em que ela compõe as imagens, buscando reelaborar a dor experimentada nos primeiros anos da infância:

Minhas impressões foram se acumulando lentamente  
 e eu passei a viver uma vida estranha de mentiras e realidades.  
 E fui marcada: menina inzoneira.  
 Sem saber o significado da palavra, acostumada a tratamento ridicularizante,  
**esta palavra me doía.**  
 (VdeC, p. 101, grifos nossos).

Nesse fragmento, podemos observar que o relato poético convive com as potências ridicularizantes e faz uma identificação com os opostos – mentiras e verdades. E a dor de Aninha marca a ausência de afeto e fere sua alma. Levando-se em consideração a época da infância de Cora, 1889-1890, não justificando, mas no sentido de esclarecer, a noção de

infância nesse tempo ainda era recente, conseqüentemente, o conhecimento do efeito de certas palavras dirigidas à criança estava longe do alcance desses adultos.

Em *VdeC*, Cora Coralina traz um tom de lamento, realçado pelo “eu lírico”, direcionado para a sua mãe, como também lances de comparações com as outras irmãs, fatos que a tornaram descontente e que servem de pretexto para ela, com certa frequência, fazer críticas à postura da sua genitora, no tocante aos afetos. Esse sentimento de estar sendo negligenciada representa, certamente, a razão mais funda dessa lamúria.

Obviamente, existem ocasiões em que a criança não recebe toda a atenção ou amor dos pais, sobretudo quando se ressentente, em razão de compartilhar esse amor ou atenção com seus irmãos e irmãs. Conforme Freud em *Romances familiares* (1996, p.219), quando a criança tem “[...] sensação de que sua afeição não está sendo retribuída encontra abrigo na idéia, mais tarde lembrada conscientemente a partir da infância inicial, de que é uma criança adotada, ou de que o pai ou a mãe não passam de um padrasto ou de uma madrasta”.

Sem querer penetrar no cerne desta questão, embora em momentos oportunos tenhamos de traçar alguns comentários, vemos estampada na literatura memorialística de Cora Coralina, como em outras tantas do gênero, a voz, até então silenciada, que se liberta e se propõe a rascunhar o que o esquecimento sinaliza, ou seja, uma relação de conflito entre o autor e as imposições familiares e/ou sociais às quais pertence.

Em *VdeC*, algo parece claudicante, abrindo fendas pelas quais a poeta contorna, mas deixa escapar algo que oscila ocasionando a deflagração de um espaço vazio, um buraco. Cora Coralina pouca alusão faz às figuras paterna e materna. Com relação à primeira, ela não teve convívio, pois ele faleceu precisamente quando esta contava com vinte e um dias de vida. Nas poucas alusões que faz é por via do discurso do outro, sempre como um velho e doente. Com relação à sua mãe, nas raras aparições esta nunca aparece vinculada a uma situação de conforto, pelo contrário, está sempre atrelada a um ressentimento:

Ao nascer frustrei as esperanças de minha mãe.  
Ela tinha já duas filhas do primeiro e do segundo casamento  
com meu Pai.  
Decorreu sua gestação com a doença irreversível de meu Pai,  
desenganado pelos médicos.  
Era justo seu desejo de um filho homem  
e essa contradição da minha presença se fez sentir agravada  
com minha figura molenga, fontinelas abertas em todo crânio.  
Retrato vivo do velho doente, diziam todos. (*VdeC*, p. 97).

Nesses versos do poema “Menina mal amada”, a poeta dá sinais do que o sujeito capta tanto de si quanto dos outros, é através da linguagem que ele simboliza. O “eu”, enquanto objeto nomeado, só existe, portanto, através do discurso do outro, uma vez que este confere realidade ao sujeito para que ele passe a ser acreditado como capaz e responsável pelo seu discurso.

Ainda nesse fragmento, pode-se conferir que a autora escreve Pai, com letra maiúscula, conferindo-lhe o lugar da função paterna. Mesmo ausente, através do discurso do outro, ele pode operar a lei simbólica que, do ponto de vista da psicanálise, concede a subjetividade àquela criança rejeitada. Neste ponto, ergue-se um contraponto: o nome do pai é a própria personificação da memória.

Desse modo, os significantes vão-se agregando à escrita de Cora Coralina em *VdeC* e edificando a identidade do autor, a sua verdade, ou melhor, as “meias verdades”. Portanto, a memória, no seu contexto maior, contém uma boa dose de esquecimento, uma vez que nem tudo é da ordem do revelado, nem tudo é da ordem do escrito, há sempre uma sobra não dizível. Nas palavras de Cora Coralina, são as

Reservas profundas, meus reservatórios secretos, complexos,  
fechados, ermos, compromissos íntimos e preconceitos vigentes, arraigados.  
Algemas mentais, e tolhida, prisioneira, incapaz de despedaçar a rede  
onde se debate o escamado da verdade...  
Qual aquele que em juízo são, destemeroso dos medos  
para dizer mais do que as meias dissimuladas, esparsas?  
(*VdeC*, p.131).

Assim, entre lembranças e esquecimentos, associados à arte da prosa e a verve da poeta Cora Coralina, resulta *VdeC*, livro do gênero memorialístico, que comunga poesia e memória, numa linguagem que transita entre metafórica, mais elaborada e corriqueira.

Enfim, por se tratar de uma escrita dessa natureza, esse “borzeguim esgarçado”, essa “colcha de retalhos remendados”, tecida a partir das experiências vividas e/ou testemunhadas, alguns carretéis não têm seus fios desenrolados, permitindo que, através da construção e da desconstrução, do tecer e do destecer das memórias, a poeta Cora Coralina, ladeada pela personagem Aninha, não só revele o seu próprio perfil, como também o esconda, ao velar certas passagens de sua vida que não fizeram parte do seu desejo ou mesmo que não lhe seria confortável evidenciar.

A escrita de si, portanto, é uma escrita que passeia entre os fatos e os devaneios, entre as imagens da imaginação e da memória, entre os tempos pretéritos e o desejo do tempo

futuro. E a poesia de Cora Coralina se constrói pela narrativa e pelas fendas da memória, como indiciam seus versos: "A gente tem medo dos vivos e dos mortos./ Medo da gente mesmo./ Nossas covardias retardadas e presentes."(*VdeC*, p. 131). As palavras que gravitam no limiar de nosso mundo real e do nosso mundo poético, terminam por se tornar constelações de significados, com múltiplas possibilidades de sentidos, de descobertas e invenções.

Acreditamos, ao final deste capítulo, que os elementos aqui levantados e comentados viabilizam o entendimento da forma textual assumida por esse gênero literário que serve de suporte a esta pesquisa.

### 3 DOS BECOS À GALERIA

A casa pobre.  
Mandrião de saias velhas  
da minha bisavó.

Recortadas, costuradas por mim.  
Timão de restos de baeta.  
Vida sedentária.  
Orgulho e grandeza do passado.

Nesse tempo me criei.  
Daí, este livro - Vintém de cobre,  
Numa longa gestação,  
inconsciente ou não,  
que vem da infância longínqua  
à ancianidade presente.  
(CORA CORALINA, 1983, p. 20).

#### 3.1 ANINHA, O MANDRIÃO E O LIVRO DE LEITURA

No painel de imagens exposto em “*VdeC*”, Cora Coralina retrata cenas que evidenciam o seu processo da formação leitora, a partir do olhar de uma pessoa que, do alto de sua maturidade, se envolve nesse movimento conturbado da reconstrução da memória, fornecendo pistas da sua caminhada em busca de formação cultural, e a reelabora através da escrita. Essas representações, como afirma Jean-Claude Pompougnac (1997), se articulam, geralmente, com imagens de leitura na infância.

A escrita memorialística ou autobiográfica, no que concerne à infância do autor, apresenta características comuns que podem ser visualizadas como o foco da escrita, de tal forma, que faz as outras fases da experiência parecerem destacadas desta. A força de todo um encadeamento semântico, simbolizada pela palavra infância, contagia toda a escrita, principalmente no que se refere à ideia de autenticidade. É desse período da vida que os relatos fornecem traços de um eu mais espontâneo, ao qual se recorrerá, mesmo após os impactos dos anos vividos, como o eixo balizador, garantia de uma estrutura pela qual responde o *eu* autor-narrador-personagem.

A influência desta fase da vida é tamanha que muitos autores, ao escreverem suas memórias, dedicam um volume à parte a esse período ou reservam a sua escrita memorialística exclusivamente à infância, como é o caso do escritor José Lins do Rêgo, em “Meus verdes anos” e Graciliano Ramos, em “Infância”.

Na reconstrução da memória via discurso do universo infantil, o imaginário se manifesta de forma mais intensa, especificamente se se trata de um discurso poético, visto que este também se nutre do imaginário. Um imaginário que está entremeado de possibilidades fantásticas que se expressam na fantasia e, desse modo, permite ao sujeito viver situações orientadas pela norma do “tudo pode”, determinada por uma lógica específica. Um imaginário sob o qual também se pode reorganizar, recriar, reformular, repetir, ou seja, criar um outro real.

As lembranças, portanto, representam a razão para o desencadeamento da escrita e, para emergir o “eu” acomodado num tempo muito distante do presente, é preciso recorrer ao poder do devaneio e dar espaço ao tempo da infância que reside em cada um. A esse respeito, Gastón Bachelard escreve:

Essas lembranças que vivem pela imagem, em virtude da imagem, tornam-se, em certas horas de nossa vida, particularmente no tempo da idade apaziguada, a origem e a matéria de um devaneio bastante complexo: a memória sonha, o devaneio lembra. Quando esse devaneio da lembrança se torna o germe de uma obra poética, o complexo de memória e imaginação se adensa, há ações múltiplas e recíprocas que enganam a sinceridade do poeta. Mais exatamente, as lembranças da infância feliz são ditas com uma sinceridade de poeta. Ininterruptamente a imaginação reanima a memória, ilustra a memória. (BACHELARD, 1988, p.20).

Essa “sinceridade de poeta”, segundo o autor, advém do fato de o poeta-escritor não subordinar os conceitos de imaginação e memória aos critérios de percepção, visto que as lembranças revelam imagens, e estas revelam valores (BACHELARD, 1988, p.99). E nesse processo de idear valores é que são eleitas as imagens, que se deseja “ver de novo” e, conseqüentemente, pelas quais se deseja ser lembrado, perpetuado na escrita.

Na memória de Cora Coralina, subsistem da infância muitas lembranças circunscritas aos variados espaços em que ela transitou e subordinados a uma pluralidade de rumos, alguns deles constituindo-se em indícios que nos permitem seguir os passos de Aninha – Cora Coralina e entender a sua caminhada na direção do seu processo de formação leitora.

Nas narrativas de escritores já inseridos no “mundo das letras”, isto é, portadores de um reconhecimento público profissional, geralmente a fonte de luz maior que a infância aponta é a da sua futura trajetória literária. Elas trazem passagens que retratam histórias de leituras, cenas em que um texto ou um livro estabelecem uma forte ligação com essa criança que fala através do adulto autor-narrador. Em *VdeC*, Cora Coralina demonstra essa relação de proximidade com os livros que aguçavam o seu imaginário infantil, e escreve:

Minhas estórias da Carochinha, melhor livro de leitura,  
 capa escura, parda, dura, desenhos em preto e branco  
 Eu me identificava com as estórias.  
 Fui Maria e Joãozinho perdidos na floresta.  
 Fui a Bela Adormecida no Bosque.  
 Fui Pele de Burro. Fui companheira de Pequeno Polegar  
 e viajei com o Gato de Sete Botas. Morei com os anõezinhos.  
 Fui Gata Borralheira que perdeu o sapatinho de cristal. (VdeC, p. 38).

Nesses versos, a poeta demonstra uma relação de proximidade com os livros que a faz transitar pelo mundo do fantástico e se permite ser e viver os personagens com os quais ela tinha contato na infância, e que lhe possibilitaram uma maneira peculiar de interpretar, representar e reconhecer a realidade, considerando as histórias infantis para além de suas linhas. Chartier (2009, p.78), ao analisar as práticas de leitura que atravessam os séculos, diz que “[...] as significações dos textos, quaisquer que sejam, são constituídas, diferencialmente, pelas leituras que se apoderam deles”. Dependendo do lugar e do tempo em que se encontra o leitor, o texto abre-se a interpretações potencialmente diversas e inesperadas, o que leva a concluir que os sentidos encontram-se dentro e fora dos textos.

Nos versos acima, o texto salta do livro e se torna para Aninha – Cora, uma espécie de brilho encantador, pela magia de poder “[...] estar ali e não estar, tão perto e tão longe, como um [jogo de faz de conta], que alimenta ainda mais a sedução exercida pelo livro” (CARNEIRO, 2001, p.57). Vejamos que Aninha – Cora interage com o texto, entra na cena e vive a fantasia dos heróis, num processo de transferência e identificação.

Em outra cena, no poema “Voltei”, Cora também mostra a sua relação com outro livro, concedendo-lhe um lugar valioso, e escreve: “O grande livro que sempre me valeu e que aconselho aos jovens,/ um dicionário. Ele é pai, é tio, é avô, é amigo e é um mestre./ ensina, ajuda, melhora, protege” (VdeC, p.112). Essa relação de proximidade com os livros, segundo Jean Hérbrard (2009, p.38), parece determinante no conhecimento que o autor obtém de sua trajetória e articula-se, em geral, “[...] na imperícia conservada e nas suas ambivalências, com uma aprendizagem bem-sucedida de leitura”, aprendizagem esta independente de seu caráter escolar ou não.

Alguns autores vinculam, equivocadamente, o início da formação leitora ao fato de o sujeito saber ler. Aninha, Cora Coralina, entretanto, não segue esta regra. Ela principia a sua trajetória de leitora mesmo antes de aprender as primeiras letras, num processo que serve de base para o ingresso no mundo letrado. Desde pequena, conviveu com as práticas de leitura no seu cotidiano doméstico, via figura materna, uma ávida leitora. E Aninha observava-a *perdida no seu mundo de leitura*, alheia aos acontecimentos que envolviam as filhas, entregue ao

deleite da leitura, num quadro que representa bem as práticas sociais de leitura do século XIX. Nesse sentido Cora Coralina nos oferece uma imagem das mulheres dessa época que, sem terem um ofício, deleitavam-se, refugiando-se na leitura.

Aqui, a leitura é mencionada como um dos passatempos que entretinham Dona Jacyntha Luiza<sup>32</sup>, que, desolada na sua viuvez, entregava-se ao deleite da leitura. Chartier (2002, p. 25) diz que os leitores dessa época “[...] eram tomados pelos textos que liam, eles viviam o texto, identificavam-se com os personagens e com a trama”. Para o autor, esses leitores colocavam toda sua sensibilidade engajada nessa prática de leitura, numa entrega intensiva. Para a menina Aninha, essas cenas, certamente, foram importantes no conceito que ela criou a respeito de leitura, de livros, de relação com o saber ler. A esse respeito Jean Hébrard (2010, p.1-2), defende:

Os “herdeiros” das famílias com um capital cultural que se transmite de geração em geração aprendem esta cultura no mesmo momento que eles aprendem a falar, bem antes de saberem ler. Quando eles descobrem a técnica da leitura, o conteúdo dos textos já é familiar.<sup>33</sup>

Assim, podemos dizer que Aninha, Cora Coralina, recebeu essa herança e, de posse deste dote, cresceu se não entre, mas ouvindo falar de livros e de leitura, em um espaço informal de letramento.

Em *VdeC*, a poeta mostra cenas de suas vivências na Cidade de Goiás, que apontam para o seu primeiro contato formal com as letras, vinculado diretamente à escola. Segundo Cora Coralina (1985), era uma escola particular, multisseriada<sup>34</sup> e funcionava na própria residência da professora, a Mestra Silvina Ermelinda Xavier de Brito – mestra Silvina<sup>35</sup>. Funcionava em turno integral, um modelo similar às escolas francesas; porém com poucos

---

<sup>32</sup> A mãe de Cora Coralina, D. Jacyntha Luiza, era uma ávida leitora, tanto que “[...] um dos fatos mais marcados em sua biografia consiste em ter lido todos os livros da Biblioteca Pública de Goiás” (BRITTO, 2009, p.34). No entanto, apesar de pertencer a uma tradicional família do Estado de Goiás, os Couto Brandão, por ser mulher, ela não teve formação superior como o fizeram seus irmãos que estudaram em Ouro Preto (Minas Gerais) e na Bélgica. Entretanto, confrontada às mulheres da época, para as quais as prendas do lar representavam um valioso cabedal, adquiriu uma cultura prestimosa. Segundo Britto (2009), ela lia tanto espanhol quanto italiano e, quando jovem, teve aulas de francês com um padre, na sua residência, para que pudesse ler os romances no original. No Brasil dessa época, circulava muita literatura estrangeira, sobretudo a francesa e portuguesa. Portugal era um manancial de autores, como testemunha a chegada ao Brasil dos títulos *A Relíquia*, *O Primo Basílio* e *O Mandarim*, de Eça de Queiroz; *Bohemia do Espírito*, de Camilo Castelo Branco; e *A Hollanda e John Bull*, por Ramalho Ortigão, entre outros.

<sup>33</sup> Ver referência completa no final do trabalho.

<sup>34</sup> As ‘escolas multisseriadas’ existem desde o final do século XIX e início do século XX. Funcionavam em salas cedidas por moradores de comunidades ou mesmo na casa de algum professor. Nesse espaço, os alunos de diferentes séries podiam permanecer, de forma simultânea, com o mesmo professor.

<sup>35</sup> Mestre ou mestra era o tratamento respeitoso que se destinava a um professor ou professora reconhecidamente apto à função que exercia.

recursos, tinha apenas uma grande mesa e bancos sem encosto, separando os meninos das meninas. Como não tinha quadro negro, os alunos usavam pequenas lousas individuais para fazer contas. Essa foi a única escola, que frequentou apenas o tempo suficiente para aprender a ler e escrever, isto é, aprender os códigos da leitura e da escrita.

Algumas passagens de *VdeC* revelam que Aninha aprendeu a decodificação do código escrito através da carta do “ABC”, revelando o ensino da soletração, ou seja, primeiro as letras, depois as sílabas e, em seguida, as palavras da cartilha, como podemos conferir nesses versos do poema “Voltei”:

Quanto daria por um daqueles duros bancos onde me sentava  
nas mãos a carta do “ABC”, a cartilha de soletrar,  
separar vogais e consoantes. Repassar folha por folha,  
gaguejando lições **num aprendizado demorado e tardo**.  
Afinal, vencer e mudar de livro. (*VdeC*, p. 112, grifos nossos).

Sabemos que, sendo uma escola multisseriada, a leitura oral, em coro, comum naquela época, era praticada e, assim, tanto os principiantes quanto os mais avançados poderiam decorar o texto mesmo sem reconhecer as letras. Esse procedimento era comum numa época anterior a esta, nas leituras de ordem religiosa em que o aprendiz aprendia a ler determinado texto, de cor, mesmo sem saber ler.

A relação da escola entre a menina Aninha e o aprendizado escolar não foi nada fácil, encontrou algumas dificuldades, conforme ela expõe no fragmento acima, constituindo-se “num aprendizado demorado e tardo”. Daí porque ela fazia parte do grupo dos atrasados. Esse era o procedimento para com as crianças que não aprendiam no mesmo tempo que as demais, eram separadas do grupo, excluídas nos últimos bancos da sala de aula.

O não domínio da linguagem correta, ou dos cálculos na lousa, ou seja, a defasagem apresentada no repertório de conhecimentos que a menina demonstrava na escola em relação aos anseios da professora e da família, desencadearia o aparecimento de um sentimento de fracasso. Tal fato tornava-se mais pesado diante da falta de habilidade das pessoas tanto da família, primeira a lhe atribuir rótulos, quanto da escola, que fazia uso de uma pedagogia inadequada para lidar com as diferenças, empregando castigos severos:

Sem compreensão de seus responsáveis, sem defesa e sem desculpas,  
**vítimas desinteressantes de uma educação errada e prepotente**  
que ia da casa à escola, passando por uma escala de coerções absurdas,  
a criança se debatia entre as formas anacrônicas e detestáveis  
de castigos e repressões disciplinares, do puxão de orelhas ao beliscão  
torcido, do cocre que tonteava, até as chinelas de roupa levantada

em cima da pele, e não raro a palmatória. Isso sem falar nos piores, interessando a sua vida psico-patológica. Havia, ainda, disciplinas mais suaves e não menos impiedosas, como seja, ficar a menina sentada no canto de castigo, sua tarefa de trancinha ou abrolhos para amarrar, carta de “ABC” na mão, amarrados no pescoço, tempo esquecido, cacos de louça, acaso quebrada. (VdeC, p. 88, grifos nossos).

Em situações como essa, uma das hipóteses que Cordié (2006, p. 33) levanta a respeito das possíveis consequências para a criança é a de que esta toma esse sofrimento e o faz seu, passando a se identificar com ele, e se coloca numa posição passivo-masquista. Desse modo, passa a ser rotulada com palavras não recomendáveis, e esse *enganchamento* inicial, é amplamente incorporado. A criança, comenta a autora, se acostuma com ele e assim será complicado se desvincular dele. Aninha, diríamos, foi impregnada por essas palavras e assumiu o lugar de *patinho feio*. Porém, nas cenas que ela selecionou em *VdeC*, Cora deixa visível que este lugar a incomodou tanto que se perpetuou nas suas lembranças e, já adulta, idosa, escreve:

Queira ou não, **vejo-me tão pequena, no banco das atrasadas.**  
E volto a ser Aninha,  
**aquela que ninguém**  
**acreditava.** (VdeC, p.108, grifos nossos).

Enquanto criança, ela se sentia diferenciada, feia, obtusa, abobada e, com essa imagem, era vista e tratada também por alguns adultos da família, que não lhe davam qualquer crédito.

Na escrita de Cora Coralina, é recorrente a referência aos adjetivos pejorativos que lhe eram atribuídos, enquanto criança e adolescente, bem como ao abandono, à rejeição, considerando-a incapaz. A esse respeito, Cordié (2006, p.34), ressalta que, além do desconforto diante das exigências escolares, “[...] quando os pais manifestam sua decepção, sua desaprovação, sua própria cólera em vista dos maus resultados na escola, a criança pode ver nessa condenação uma retirada de amor”.

Dessa maneira, ao escrever sobre a sua infância, Cora Coralina mostra também o lado áspero, conflituoso, configurando uma espécie de necessidade de organizar gradualmente os efeitos do desprezo, da humilhação, numa necessidade de expurgar o mal que lhe causara tais rótulos e procedimentos e escreve:

O sadismo, o masoquismo, o requinte: A menina errada, agarrada, sujigada, entre pernas adultas, virado seu traseiro, levantado seu vestido, saíote, descida sua calcinha em chineladas cruéis no traseiro desnudado, na pele sensível.  
 A reação incontida da criança, a mijada inconsciente, a ânsia nervosa, o vômito, o intestino solto.  
 Acrescido o castigo: sentada no canto, a carta do “ABC” na mão, a lição sabida. (*VdeC*, p. 183).

No passado, os castigos eram permitidos pela família e pela sociedade diante de qualquer contrariedade ao adulto. As crianças da época de Cora Coralina ainda não eram alvo de muita atenção, muitas ainda viviam sob a contingência da não valorização da infância, não por falta de sentimento, mas por falta de conhecimentos dos adultos a respeito das particularidades infantis. De acordo com os estudos de Philippe Ariès (1981), essa ainda era uma *categoria jovem* e pouco se sabia sobre o que tais procedimentos poderiam representar para a criança. Desse modo, as situações de malogro eram constantes. Aqui, Cora demonstra a sua indignação diante daquilo que nem o tempo conseguiu expurgar:

Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias.  
 Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena.  
 [...]  
 Meu berro! E a mijada incontinente, irreprimida.  
 Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa.  
 – Mijou de medo... Mijou de medo... Mijou de medo...  
 A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,  
 e, receosa de piores conseqüências, me mandou pra casa, toda mijada,  
 sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo. (*VdeC*, p. 99).

Castigos como esses eram comuns na época em que viveu Aninha, sendo a palmatória um dos grandes símbolos dessa época, final do século XIX. Esta era severamente aplicada a cada erro manifestado, os conhecidos “bolos”, os quais deixavam as palmas das mãos vermelhas e faziam saltitar lágrimas de dor e humilhação pelo constrangimento e vergonha da travessura infantil, ou mesmo na escola, diante de um não “acerto”, de acordo com as expectativas dos professores. Vejamos esta cena do poema “Menina mal amada”, em que Aninha não escapa a essa humilhação:

Um dia, certo dia, a mestra se impacientou.  
 Gaguejava a lição, truncava tudo. Não dava mesmo.  
 A mestra se alterou de todo, perdeu a paciência  
 e mandou enérgica: estende a mão.  
 Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho.  
 [...]

Aninha, estende a mão. A mão de Aninha tão pequena.  
**A palmatória cresceu no meu medo, seu rodelo se fez maior,  
 o cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante**  
 e o bolo estalou na pequena mão obediente.

[...]

Em casa ganhei umas admoestações sensatas.  
 A metade compadecida de uma bolacha das reservas de minha bisavó,  
 E me valeu a biquinha d'água, alívio à minha mão escaldada.

[...]

Eu não sabia que bem seria este representado por bolos na mão.  
 Chineladas e reprimendas, sentada de castigo com a carta do ABC na mão.  
 O bem que eu entendia, era a bolacha que me dava minha bisavó  
 e os biscoitos e brevidade da tia Nhorita.

**Estes entravam no meu entendimento. Do resto não tinha nenhuma  
 noção.** (VdeC, p.98-99, grifos nossos).

Aqui, podemos perceber a prática do castigo ligada à visão culposa da menina, o não aprender, o “errado” é a origem da “condenação” e o castigo, aplicado pela escola e pela família, a forma de “reparação” à situação, no caso aqui, a aprendizagem escolar. Desprovida do entendimento semântico das palavras, Aninha sofria as consequências da sua “incapacidade”. O “não saber” era severamente castigado, uma espécie de abominação pública, presente nos momentos de “tomar a lição”, nas leituras da cartilha ou ao repetir de cor as casas da tabuada.

Nos versos acima, dois pontos nos chamam a atenção. Um é que a falta de entendimento por parte da criança com relação ao que eles chamavam de “bolos”, algo que causava dor em vez das delícias da guloseima. O outro ponto é a comparação que é feita por Cora entre a palmatória e a mestra, associadas ao pânico da criança. Nesses momentos, estes dois “agentes” tomavam uma dimensão ainda maior para aquele pequeno ser que ainda não dispunha de meios para se defender e, camuflada no seu sintoma, ocupava um lugar de “menos valia” imposto pelo discurso do outro.

A fragilidade de Aninha fica evidente nesses versos. Aqui, vemos como ela foi criando o sentimento de rejeição, de abandono, que ela tanto enfatiza, ao mesmo tempo em que percebemos quão pouco lhe era necessário, apenas um mínimo de atenção, de carinho, transmutados nas delícias culinárias que lhe preenchiam o estômago e a alma. Estes, sim, entravam no seu entendimento.

De todo esse processo de castigos e reprimendas, resulta um poema de duzentos e quarenta e três versos, *O Prato Azul-Pombinho*. Uma história desenhada no bojo de um prato de porcelana, único remanescente de um aparelho de jantar antigo, presente que a sua bisavó ganhou no seu casamento, que apareceu quebrado e a Aninha foi atribuído o feito.

Obviamente, foi severamente castigada e essa lembrança “maldita” lhe serviu de inspiração para escrever esse poema, publicado no livro *PBG* (1985, p.70). Em 2001, este poema foi publicado pela Editora Global e ilustrado por Ângela Lago, na categoria infantil, em um livro homônimo, aberto às múltiplas formas discursivas, ficcionais ou não, onde há o acolhimento de vozes diversas.

O poema conta a história da princesinha Lui, com seu namorado, um “plebeu do seu agrado”, enfim, a história de amor de Anna Lins, Aninha. Essa foi a leitura da história contida na pintura daquele prato de porcelana chinesa e que Cora nunca esqueceu devido ao castigo recebido pelo acidente: Aninha foi obrigada a carregar no pescoço, por algum tempo, um colar feito com os cacos desse prato.

Quanto à escola, como instituição formal socialmente responsável pela educação das crianças, nos momentos de repressão, representava para a menina Aninha um local de constrangimento diante da pedagogia do castigo físico, conforme já exposto, propício ao agravamento das dificuldades apresentadas pela menina.

Diante dessas condições, nos perguntamos: como Aninha se constituiu leitora e veio a se transformar em Cora Coralina?

De imediato, poderíamos assegurar que, para que o aprendizado ocorra, o sujeito precisa estar numa posição que lhe permita circular perante a demanda externa, ou seja, precisa estar num lugar que ele possa construir suas hipóteses pautadas no errar, acertar, criar, idear, criticar, enfim, expressar algo próprio, de sua autoria. E para que isto aconteça, é necessário que haja desejo, o que nos leva a reconhecer que, numa situação de aprendizagem, é indispensável ter em conta a possibilidade de uma relação simbólica com o Outro<sup>36</sup>, uma vez que o desejo é respaldado nessa relação. Então, como se explica o não aprender? De acordo com Soares,

[...] a criança se torna capaz de aprender na dependência do modo como opera a dinâmica que a constituiu sujeito capaz de desejar. Isto significa, primeiro, que a aprendizagem é uma operação do sujeito; segundo, que ela está ligada, numa relação de dependência ao processo de subjetivação. Ou seja, se algo aí falha – e isso diz respeito ao que é estruturante desse processo – o sujeito terá afetada a sua condição de aprender. (SOARES, 1999, p.133).

---

<sup>36</sup> Leda Mariza F. Bernardino (2006, p.26), explica por que “Outro” aqui é escrito com letra maiúscula: [Ela escreve] “Tendo em vista a importância deste outro que está aí não somente como semelhante, mas como representante do campo simbólico, Lacan propõe grafá-lo com maiúscula, denominando-o Outro primordial, conceito que não se refere necessariamente à mãe biológica, mas à pessoa que cumpre essa função para o bebê”, ou seja, para o indivíduo ao qual estamos nos referindo.

Vemos, pois, que o modo como a criança se constitui, determina o lugar que ela ocupa, isto é, de sujeito desejante ou não. Assim, nas diferentes situações de aprendizagem, ela irá colocar-se de uma forma ou de outra, ou seja, ela irá responder seja com produções próprias ou não, assumindo dessa forma o lugar de incapaz.

Neste ponto, consideramos importante destacar que o termo desejo não tem o mesmo sentido que necessidade<sup>37</sup>. O sentido aqui utilizado está intimamente ligado a uma falta que jamais será preenchida. Isto por se tratar de uma falta estrutural do sujeito, conforme explica Joël Dor (1989, p.141-142):

Uma conclusão impõe-se então: não existe, em última análise, satisfação do desejo na realidade. Apesar das acomodações discursivas que levam a evocar a “satisfação” ou a “insatisfação” do desejo, a dimensão do desejo não tem outra realidade que não uma realidade psíquica. É a pulsão que encontra (ou não) um objeto de satisfação na realidade, o que ela pode fazer precisamente em função do desejo, a propósito do qual Freud insiste em nos dizer que ele mobiliza o sujeito em direção ao objeto pulsional. Mas, como tal, o desejo não tem objeto na realidade.

Essa sensação de falta constante, que não pode ser preenchida por nenhum objeto real que o desejo causa é o que mobiliza o sujeito e o torna capaz de circular, buscar suas saídas e, conseqüentemente, se sentir capaz e assim produzir. Esse desejo, pela teoria freudiana, tem origem desde que a criança ainda é bebê, na relação com a mãe<sup>38</sup>, e se encontra numa situação de necessidade e reclama ser atendida. Nas palavras de Dor (1989, p.146), “[...] o surgimento do desejo fica, pois, suspenso à busca, ao ‘re-encontro’ da primeira experiência de gozo”. Neste sentido, a criança passa a ter condições de desejar pela intercessão de uma demanda dirigida ao Outro.

Na perspectiva de articular os meios que têm envolvimento com a questão do não saber, do não aprender, voltemos ao nosso objeto de estudo. *VdeC* revela passagens que, relacionadas às condições que favorecem o desenvolvimento cognitivo afetivo da criança para enfrentar os desafios propostos pelo mundo que dá acesso à cultura, esclarecem as dificuldades iniciais de Aninha na escola. Essa “inibição” perante o saber que Aninha exibía, aponta para a questão da subjetividade, em que o “não saber” pode ser visto como um “sintoma”. Nesse “sintoma”, ela exprimia o que não podia dizer, expressava o sofrimento, a

---

<sup>37</sup> Freud, nos seus estudos, desvincula totalmente o desejo da necessidade. O desejo é vinculado à necessidade momentânea de um determinado objeto. Com Jacques Lacan, a noção de desejo é situada entre a necessidade e a demanda, e sua inscrição acontece no registro de uma relação simbólica com o Outro, ao conferir sentido às suas expressões corporais e emocionais.

<sup>38</sup> A respeito do desejo, ver Joël Dor (1989, p 139- 147):..“A necessidade – o desejo – a demanda”.

insatisfação ante as questões que rondavam a posição de sujeito desejante, podendo ser esta a sua maneira de falar de algo que não ia bem para ela, que a incomodava. Assim, dessa perspectiva, podemos enxergar no seu “não saber” a sua forma de saber<sup>39</sup>.

Nessas circunstâncias, Cora Coralina viveu a sua infância e enfrentou o ritual de passagem ao mundo letrado, em que se viu aos tropeços com o saber. Mas, considerando as palavras de Soares (1999, p.17), que diz que “[...] a criança se torna capaz de aprender na dependência do modo como opera a dinâmica que a constituiu sujeito capaz de desejar”, ela não aceitou o lugar que lhe foi “dado”, não se deu por vencida e fez os movimentos necessários para criar suas possibilidades, conseguindo dar conta dos códigos da leitura e da escrita.

Nesse processo, a figura do professor tem toda a importância. No caso, a mestra Silvina era vista por Aninha como a detentora, não apenas do poder até o momento concedido apenas à família, mas também do saber e do afeto. A mestra Silvina, apesar da falta de conhecimentos psicológicos, mas munida da sensibilidade e sabedoria, estabelece com a menina uma relação que permite Aninha circular, produzir e fazer seus movimentos em busca do saber. A mestra a “desencanta” e faz fluir seu desejo. Cora, do alto da sua maturidade nunca esqueceu a importância dessa figura associada à escola e a enaltece, concedendo-lhe, dessa maneira, o lugar do Outro, como vemos nos versos deste poema que traz o nome da mestra como título:

Minha escola primária...  
 Eu era um casulo feio, informe, inexpressivo.  
**E ela me refez, me desencantou.**  
 Abriu pela paciência e didática da velha mestra,  
 cinqüentanos mais do que eu, o meu entendimento ocluso.  
 [...]  
 No brilho de minhas noites de autógrafos,  
 luzes, mocidade e flores à minha volta, bruscamente a mutação se faz.  
 Cala o microfone, a voz da saudação.  
 Peça a peça se decompõe a cena,  
 retirados os painéis, o quadro se desfaz,  
 tão pungente, diferente.  
 Toda pobreza da **minha velha escola**  
 se impõe e **a mestra** é iluminada de uma nova dimensão.  
 Estão presentes nos seus bancos  
**seus livros desusados, suas lousas** que ninguém mais vê,  
**meus colegas** lembrados. (*VdeC*, p.107-108, grifos nossos).

<sup>39</sup> Para um maior aprofundamento a esse respeito, ver os estudos de Soares (1999), que trazem uma valiosa contribuição (Cf. Referências no final deste trabalho).

Aqui, a imagem de “escola difícil” já é refutada. Nos versos deste poema e de outros que compõem o projeto de escrita das memórias de Cora Coralina, observamos que ela valoriza esses elementos culturais que a influenciaram na sua constituição de leitora. A “mestra”, a despeito das “palmadas e reprimendas”, estabeleceu uma relação de cumplicidade e afetividade com a menina Aninha – Cora Coralina. Nessa transferência com a mestra Silvina, a menina Aninha “se desencanta” e descobre o seu potencial, encontrando o ponto fundamental para a mudança de postura que a levou ao lugar de poder saber, ou seja, de “saber saber”. Vejamos o diz Cordié (1996, p.41) a respeito da figura da professora:

[...] encontramos ensinantes sensíveis ao sofrimento de uma criança que vem se confiar a eles. [...] Esse interesse quando é centrado nos estudos e se mantém dentro de certos limites, pode ser extraordinariamente estimulante e benéfico para a criança, que nem sempre tem na família o apoio que teria o direito de esperar.

Portanto, na figura da professora, Aninha encontrou o conforto necessário para se nutrir de estímulos e contornar a situação, conforme explica Soares (1999, p.133): “[...] o desejo da criança emerge num processo de simbolização em que a relação primordial com a mãe, caracterizada pela alienação, é superada pela instauração da função paterna”, neste caso, ao que tudo indica, exercida pela mestra Silvina. Possivelmente inspirada nessa figura, Cora Coralina compõe o poema “Exaltação de Aninha”:

Professor, “sois o sal da terra e a luz do mundo”.  
Sem vós tudo seria baço e a terra escura.  
Professor, faze de tua cadeira  
a cátedra de um mestre,  
[...]  
Feliz é o professor que aprende ensinando. (*VdeC*, p. 135).

A pontuação aqui feita sobre o papel do professor mereceria uma abordagem mais profunda. Mas considerando que o nosso objetivo aqui se restringe apenas a sinalizar o papel deste no processo de aquisição do saber escolar de Cora Coralina, o lugar da afetividade na relação entre professor e aluno, os comentários, ainda que aligeirados, se justificam.

Sinalizados os caminhos percorridos pela autora nos seus primeiros contatos com as letras, vamos agora encontrá-la envolta nas lembranças das leituras com fins escolares. Estas apontam para os livros de autoria do Dr. Abílio César Borges<sup>40</sup>, o Barão de Macaúbas. Vale

---

<sup>40</sup> No período compreendido entre 1859 e 1890, o Dr. Abílio César Borges publicou uma série de “livros de leitura”, além da edição escolar de *Os Lusíadas*, de Camões, para o público infantil brasileiro.

ressaltar que, nessa época, o repertório de livros didáticos no Brasil ainda era bem restrito e foi o Barão de Macaúbas, pedagogo baiano, quem inaugurou o ciclo do livro didático de autor brasileiro direcionado para todas as séries iniciais, e que também publicou uma edição escolar de *Os Lusíadas*, de Camões, para o público infantil brasileiro. No entanto, nenhuma referência é feita a livros de literatura nas práticas escolares. Em *VdeC*, é insinuado que a literatura infantil fazia parte das leituras em sua casa, como prática de leitura de lazer.

Mas, apesar do restrito repertório dos livros didáticos na escola de Cora Coralina, em *VdeC*, ela os evoca com afetividade:

Quanto daria por um daqueles velhos bancos onde se sentava,  
a cartilha do ‘ABC’ nas minhas mãos de cinco anos, quanto daria  
por aqueles velhos livros de Abílio Cezar Borges, Barão de Macaúbas  
e aquelas Máximas de Marquês de Maracá,  
aquela enfadonha taboada do Trajano,  
custosa demais para meu entendimento de menina... (*VdeC*, p. 45).

O saudosismo aqui demonstrado ressalta o valor e reconhecimento que a autora atribui à escola, a qual ela pouco frequentou, e possivelmente a falta que esta lhe fez. Esta falta é visível também nos poemas “Exaltação de Aninha (A universidade)” (*VdeC*, p.132), no qual ela diz que o jovem universitário é um privilegiado, e “Exaltação de Aninha (O professor)”, no que ela escreve: “Feliz é aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”. (*VdeC*, p.136).

Não se tem registros escritos que informem precisamente até que série Cora Coralina estudou. A esse respeito, ela silencia, deixando um vazio para os seus leitores, embora, em entrevistas e numa pequena passagem do poema “Imaginários de Aninha” (*VdeC*, p.118), ela afirma que pouco frequentou a escola. Há de se considerar também, como fonte primária de grande valor, a carta<sup>41</sup> da filha de Cora – Vicência Brêtas Tahan – endereçada a esta pesquisadora, na qual diz que sua mãe “[...] só teve dois anos de escola primária. O mais foi conseguido através de sua ânsia em conhecer. Lia tudo que lhe caía nas mãos”.

De uma forma ou de outra, a sua infância na Cidade de Goiás prestou-lhe apenas uma iniciação à educação das letras, isto é, uma instrução limitada às noções do ensino primário, como era designado naquela época. Aos onze anos, Aninha já não mais frequentava a escola (*VdeC*, p.118), e, junto com toda a sua família, deixa a “Casa Velha da Ponte”, onde viveu os primeiros anos da sua infância e passa a residir na fazenda do seu avô, a *Fazenda Paraíso*.

---

<sup>41</sup> Carta datada de 22 de junho de 2010. Ver cópia do original no Apêndice, no final do trabalho.

### 3.2 OS CAMINHOS INCERTOS DA VIDA

Longe da escola e isolada da cidade, Aninha intensifica a sua atenção à leitura e descobre o “sabor” e o “valor” das palavras. “A escola primária já tinha aberto para mim as portas da leitura e da escrita”, declara Cora Coralina (2001, p.90). Na verdade, na escola primária, que não chegou a concluir, ela aprendeu a decodificar a leitura e a escrita do texto, mas esse “sabor” e “valor” das palavras ela foi conquistando com o seu investimento de autodidata. Jean Hébrard (2009, p.61-62), traz um exemplo interessante sobre esse procedimento, ao discorrer sobre o autodidatismo de Valentin Jamerey-Duval, alegando que tal “[...] procedimento poderia caracterizar tanto uma alfabetização de tipo restrita”, ou seja, limitada ao corpo do texto.

Segundo esse autor, em um modelo como este, enquanto o aprendiz-leitor se encontra totalmente envolvido, na tentativa de relacionar o escrito com o oral memorizado, “[...] existem fortes possibilidades de que se perca nas unidades cada vez menores do texto (frases→palavras →sílabas) e, portanto, cada vez menos significantes” (HÉBRARD, 2009, p. 62). Seria esse o caso de Aninha?

Os indícios deixados por Cora Coralina em *VdeC* mostram que, desde criança, mesmo longe da escola, ela lia muito e de tudo que lhe aparecia. Seu comportamento era próprio daquele leitor autodidata, descrito por Pompougnac (1997, p.16): “O autodidata lê muito, lê tudo o que lhe cai nas mãos, tudo o que chega a ele facilmente”. E, assim, a leitura se tornou uma “paixão” para a menina.

Lembremos que a sua mãe, no seu dia a dia, passava horas lendo, seu único luxo diante da pobreza que assolara a família. E Aninha, que assistia a essas cenas de entrega ao escrito, toma conhecimento da dimensão do ato de ler e do livro e tende a querer “imitar” a mãe, num processo de identificação. Este fato em paralelo ao desejo de se superar em relação ao saber a impulsionavam a investir na direção de maior proximidade com a cultura, mesmo fora da escola formal.

Sabemos que o processo do ler ultrapassa a dimensão do código alfabético e exige um sério esforço para se chegar ao acesso à mensagem, às imagens, enfim, à captação do sentido do escrito. Os códigos, Aninha já os tinha adquirido na escola. Agora ela estava num outro momento, era um momento de passagem, de vencer barreiras. Esse momento, como salienta Pompougnac (1997, p.33), “[...] não se passa da condição de aprendiz à de leitor sem uma

ruptura”. E Aninha encara os processos próprios do aprendiz solitário que perambula até encontrar o viés do acesso a novos saberes.

Para Cora Coralina, esse ritual de passagem ao encontro com um mundo exterior ao seu foi adquirido graças aos seus esforços, pois, embora lhe fosse dado acesso a revistas, jornais e livros, *nenhuma palavra de apoio, nenhum elogio* era dispensado por parte da família na direção de seu crescimento cultural. Pelo contrário, *censuravam*. Em certo momento, parece até contraditório que esse incentivo lhe seja negado, pois o seu cotidiano era numa família em que o ato da leitura era frequente, sendo a mãe um exemplo de leitora. Mas as pistas em *VdeC* apontam para essa falta de credibilidade e repúdio da família:

Sempre sozinha, crescendo devagar, menina inzoneira, buliçosa, malina.  
**Escola difícil. Dificuldades de aprender.**  
 Fui vencendo. Afinal menina moça, depois adolescente,  
**meus pruridos literários, os primeiros escritinhos, sempre rejeitada.**  
**Não ela, não.** Menina atrasada da escola da mestra Silvina...  
**Alguém escreve para ela... Luís do Couto, o primo**  
 ( *VdeC*, p. 98, grifos nossos).

Sendo Anna Lins prima do poeta Luís do Couto, o qual estava em ascensão no círculo literário goiano, na década de 1900-1910, os préstimos eram delegados a ele. Mas, nem assim, ela desistiu e continuou em suas investidas literárias, a busca por leituras era incessante, mesmo diante da falta de estímulos da família.

O silêncio que pairava na fazenda Paraíso, situada do outro lado da Serra Dourada, passara então a embalar os sonhos da menina moça. E, nessa pacata vida do campo, Aninha dedicou muito do seu tempo às leituras, na sua peregrinação de leitora autodidata, dentro do “quão pouco tinha em fins do século 19 e começo de 20” (TAHAN, 2010, Apêndice B). Nesse caminhar, as coisas aconteciam de forma condizente com o descrito por Pompougnac (1997, p.16):

E, pouco a pouco, à medida que adquire um primeiro capital cultural, resultante dessa acumulação desordenada, as opções vão se delineando melhor e vão orientá-lo para leituras mais “eruditas”. E a procura de lugares em que se encontrem livros “verdadeiros” transforma o desnorreamento em busca.

Era o que acontecia com Aninha. Em paralelo à leitura dos romances e jornais que vinham da cidade, ela também recorria a meios informais de leitura. Aqui, o eleito foi a

“folhinha Garniê”, modo popular de pronunciar o nome do Almanaque Brasileiro Garnier (1903-1914):

Palavrinha diferente apanhada no almanaque ou trazida de fora,  
logo a pecha de sabichona, D. Gramática, pernóstica, exibida.

[...]

E a gente recolhia a pequena amostragem, melhoria, assimilada de vagas leituras de calendário, folhinha Garniê e se enquadrava no bastardo doméstico. (*VdeC*, p. 105).

Esse tipo de impresso<sup>42</sup>, mesmo reconhecido pela tradição como gênero de impresso popular, que chegou ao Brasil para conquistar novos leitores, numa moderna estratégia de mercado, era mais uma opção de leitura nada trivial, visto que também difundia ideias e valores entre um público leitor que convivia com a recém-proclamada República.

Mesmo essas leituras “bastardas”, desautorizadas, como as leituras da folhinha “Garniê” e dos calendários, ocupavam um lugar importante para Aninha, Cora, pois estas também faziam parte do que ela dispunha de consumo cultural e de meios para se inteirar sobre o que passava pelo mundo, uma vez que estava distante da cidade, e assim se manter atualizada sobre as atividades sociais e intelectuais como festas, eventos e informações mais voltadas para a leitura de instrução e entretenimento, novos lançamentos, biografias, trechos de poesia e ficção, sátiras, máximas, enfim, notícias ligadas à cultura. O acesso a esses objetos culturais, que também eram agentes sociais, certamente concediam uma noção de prestígio, uma espécie de distintivo cultural para a menina do banco das atrasadas da escola da mestra Silvina.

A reclusão no campo transforma-se em exploração sistemática de tudo que lhe era possível consumir, em matéria de leitura, tudo aquilo que se oferecia ao seu desejo de conhecer, enfim, que saciavam a sua curiosidade autodidata. A serenidade e a liberdade do convívio com o campo, dos onze aos dezessete anos de idade, não concediam à jovem Aninha apenas tempo para as leituras, mais do que isso, permitiram brotar a inspiração para a escrita, e ela produz os seus primeiros escritos: o conto “O canto da Inhuma”, datado de 14/10/1900.

<sup>42</sup> Este impresso era um tipo de publicação periódica popular anual do século XIX, consagrado na Europa há séculos. Os almanaques surgiam por ação de escritores ou de casas editoras. Segundo Torres (2009), é importante salientar que o *Almanaque Garnier* faz parte de uma proposta autenticamente brasileira e não apenas uma reprodução do modelo francês, posto que cada um, a sua maneira, apresenta todo um arsenal de informações que visa à resolução das dificuldades e dos problemas de seu povo, conseqüentemente, o seu desenvolvimento por meio de uma atmosfera repleta de temáticas utópicas provenientes de um universo que une magia, medicina alternativa, astrologia, apreciação estética, entre outros. In: ANAIS do Seta, n.3, 2009 Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/seta/article/viewFile/555/466>>. Acesso em: 1º maio 2011.

O impacto das suas leituras em romances e outros escritos, em cotejo com as leituras dos jornais, a levou ao encontro com a memória e a cultura e ao esboço de sua leitura de mundo.

Nesse trecho do conto acima citado, podemos ver sinais da sua audácia:

Qualquer pessoa que tenha vivido algum tempo no campo, ou melhor direi, na proximidade das mattas, conhece, sem duvida, a inhuma e o seu canto extraordinario, incomprehensivel, unico na especie.

O que mais accentua a particularidade desse passaro é reunirem-se em bando de cinco a sete, formando uma verdadeira orchestra de rithmo impeccavel e com a competente variedade de instrumentos.

[...]

Por isso fiquei tonta de espanto ouvindo um caipira desses que tem forma de homem e interior de animal domesticado, interpretar o canto dessa ave, e de modo tão vivamente material que julguei estar a ouvir, não uma viola, e sim um bando de inhumas.

[...]

E num momento, ouvindo as inhumas trinarem orchestralmente nas cordas retezadas da viola fiquei desorientada, sem atnar se tinha na minha frente um sertanejo rude, anaphabeto, ou se um artista consagrado.

Weber compondo a sua magnífica peça “Passarinhos no Bosque” [...].  
(CORA CORALINA, 1909).

Nesse texto, a autora registra fatos que identificam a fazenda Paraíso como fonte da sua inspiração, reforçando assim que, mesmo morando no campo e sem escola, o seu processo de constituição leitora continuava em andamento. Assim, aos onze anos de idade, morando na fazenda, Aninha escreve o seu primeiro conto, revelando já possuir certa leitura de mundo e domínio da arte da escrita, ao usar a imagem do homem sertanejo como metáfora para se referir à ave Inhuma, típica do serrado goiano, e fazer comparações sobre a importância e beleza do canto dessa ave à melodia da música de Weber<sup>43</sup> e concluir celebrando a música seja do sertanejo analfabeto e sua viola, seja a do pássaro, seja a do violino erudito musicista.

Nas leituras que agora fazia, sem o receio de punições, envolvida na aventura de novas aprendizagens e sem o compromisso de levar um resultado para casa, aliadas ao desejo que habitava na jovem, impulsionavam-na cada vez mais a penetrar na leitura de “grandes nomes”. Sem se preocupar com os “[...] princípios goianos, de que moça que lia romance e declamava Almeida Garrett não dava boa dona de casa” (*VdeC*, p. 37), Cora Coralina define suas escolhas de leitura como uma leitora exigente e mais amadurecida. Como se pode conferir, o “requinte” por boas leituras fazia parte de suas escolhas, pois, como é sabido,

<sup>43</sup> Carl Von Weber, musicista e compositor alemão do século XIX.

Almeida Garrett foi um importante representante do romantismo português que deixou obras, consideradas “primas” pelo cânone vigente, tanto na poesia, no teatro, como na prosa, inovando a escrita e a poética do século XIX, em cada um destes gêneros literários.

Sabemos que a leitura é parte primordial para a constituição do leitor e do escritor e Cora Coralina, por sua vez, não fez economias nas suas leituras e entregou-se a estas por uma vida inteira. O depoimento na carta de sua filha reafirma essa doação: “Não há eixo balizador para o amor dela aos livros” (TAHAN, 2010, Apêndice B). Cora encontrou suas maneiras próprias de ler e, dentro do que se possa considerar um bom leitor, ela poderia ser considerada “boa leitora”: lia, pensava, analisava e refletia. Enfim, uma típica autodidata numa “[...] representação da leitura como atividade liberada, emancipada, como elaboração de um compromisso entre a gravidade do livro e o prazer da leitura” (POMPOUGNAC, 1997, p.49).

### 3.3 UMA FESTA: CARTAS, LIVROS E JORNAIS

O Brasil do início novecentista vivenciava uma época de mudanças com a nova forma de governo, a República. Essas mudanças eram tratadas com veemência em todos os jornais, principalmente nos estritamente políticos, de resistência ou mesmo nos conservadores, pois as notícias eram do interesse de todos. Mas o acesso a esses impressos na fazenda Paraíso não era fácil devido à distância que a separava da cidade, além dos precários meios de locomoção. Contudo, utilizando-se dos meios disponíveis, ou seja, do carro de bois, os impressos, as cartas, chegavam até as pessoas que ali residiam, conforme Cora Coralina retrata nestes versos:

Carregar o carro, junir os bois,  
 pegar na dispensa da casa grande mantimento para a viagem,  
 – quatro dias de ida e volta, receber a lista das encomendas,  
 [...]  
 era a rotina da vida no Paraíso e nós, jovens, ansiando já pela volta do carro,  
 cartas e jornais do Rio de Janeiro.  
 Minha mãe era assinante do “Paiz”<sup>44</sup> e **para nós vinham os romances  
 do Gabinete Literário Goiano.** (VdeC, p. 82, grifos nossos).

44 O *Jornal O Paiz*, fundado por Quintino Bocaiúva, defendia os interesses da famosa ‘política do café com leite’. Esse jornal passou seus anos de segundo reinado insuflando os ministérios militares contra Pedro II, até que conseguiu detonar o golpe contra o monarca. Foi destruído porque era prática comum daquela época “empastelar” as redações e escritórios dos meios de comunicação que eram contrários, quando havia um golpe em nosso país. Disponível em: <http://www.almacarioca.com.br/imagem/fotos/rioantigo2/fotoa217.htm>. Acesso em: 5 maio 2011.

Podemos conferir aqui que, apesar das condições desfavoráveis da família, a mãe de Cora Coralina não inviabilizava o acesso aos impressos e se mantinha assinante do Jornal *O Paiz* e do Gabinete Literário Goiano, da Cidade de Goiás. No Livro de Registros do Gabinete, no “Suplemento”, que compreende os anos de 1900 a 1902, encontramos uma quantidade significativa de assinantes mulheres, dentre elas, D. Jacyntha Luiza, a mãe de Cora Coralina. Nas páginas desse livro de registros, no ano de 1901, contabilizamos mais de cinquenta títulos que ela tomou de empréstimo, em apenas um semestre. Os registros ali demonstrados revelam o acervo de impressos disponibilizados pelo Gabinete Literário Goiano e uma noção do repertório de leitura das elites da Cidade de Goiás do início do século XX, bem como as preferências da assinante D. Jacyntha Luiza, estando aí, pois, sinalizados as escolhas e os hábitos da comunidade de leitores na qual estava inserida Aninha.

Segundo Cora Coralina (2001, p.94), sua mãe era leitora, não só de *O Paiz*, mas também de outros impressos como o *Jornal do Comércio* e grandes encadernados do *Panorama*. Segundo Britto (2009, p.60), ela lia as revistas *O Malho*, *Fon Fon* e *Careta*<sup>45</sup>. Desse modo, esses suportes de leitura fornecem uma noção aproximada das práticas culturais de leitura desta família, embora não se possa afirmar que Aninha tinha acesso a todo esse acervo, apesar de ela afirmar que para as moças *vinham os romances* (*VdeC*, p. 82). A chegada dos impressos à Fazenda Paraíso era motivo de euforia:

Esperar a volta do carro, imaginar as coisas que viriam da cidade,  
tomava a imaginação desocupada das meninas moças.

[...]

Uma festa, apurar o ouvido ao longínquo cantar do carro,  
avistado na distância, esperar as novidades que vinham:  
cartas, livros e jornais.

Era uma vida para aquela mocidade despreocupada,  
pobre e feita de sonhos. (*VdeC*, p.82-83).

Essas leituras, com efeito, além de colaborar com o fortalecimento do hábito de ler romances e jornais, facilitavam a compreensão dos textos que levavam Anna Lins a entrar em contato com a escrita de “conceituados autores” e assim angariar boas referências: “Acostumei a ler jornais com a leitura do “Paiz”. /Colaboravam Carlos de Laet, Arthur Azevedo, Julia Lopes de Almeida, /Carmem Dolores” (*VdeC*, p.82). Aqui já podemos perceber uma diversidade de leitura de Cora Coralina. Esses autores aqui citados eram nomes

---

<sup>45</sup> Essas revistas estiveram em circulação nacional nos seguintes períodos: *O Malho*, 1902 – 1954; *Fon Fon*, 1907 – 1958; *Careta*, 1908-1960.

respeitados no cenário intelectual da época, com uma larga escala de produções e participações em importantes eventos literários<sup>46</sup>.

Esse contato assíduo com os escritos fazia com que Aninha adquirisse cada vez mais intimidade com a leitura, no mesmo rastro da autodidaxia mencionada por Hébrard (2006, p. 62), no que se refere à “multiplicidade de leituras estranhas” à “cultura escrita de transmissão oral, que permanece sendo o ponto de partida de qualquer trajeto autodidata”.

Durante os cinco anos em que morou na fazenda, ela também mantinha contatos com intelectuais e escritores, seus contemporâneos, através de quem recebia romances e encaminhava seus escritos numa tentativa de publicação. Essa possibilidade de intercâmbios enriqueceu a formação de Aninha, levando-a a se relacionar com pessoas influentes, o que contribuiu para a ampliação dos seus horizontes e, assim, a menina um dia “obtusa” ensaiava sair do casulo. Seus primeiros escritos, conforme ela registra em *VdeC* (p.82), “[...] foram publicados no suplemento desse jornal [O Paiz]”.

De volta à Cidade de Goiás, Anna Lins assume o pseudônimo de Cora Coralina<sup>47</sup>. Mas, apesar de muito jovem, encara com determinação os desdobramentos dessa escolha de vida, a despeito de seus poucos recursos financeiros, da falta de incentivo de sua família, de sua timidez e do espaço ainda quase invisível da escrita feminina. E, para contornar essas primeiras dificuldades, ela se infiltra nos espaços destinados às práticas de leituras, frequentados por intelectuais, e nos quais a presença masculina predominava. A sociedade goiana dessa época ainda trazia resquícios da cultura dos séculos anteriores, de uma sociedade patriarcal, na qual a educação feminina visava, principalmente, preparar a mulher para o exercício do seu papel de esposa, educadora dos filhos e dona de casa. No máximo, poderia escolher profissões apropriadas à mulher, como professora, modista ou, para as mais arrojadas, enfermeira. Conforme escreve Lajolo (2003, p.263), a mulher dessa época “pode,

---

<sup>46</sup> Carlos de Laet (1847-1927), jornalista, professor e poeta, carioca do Rio de Janeiro, RJ. Convidado para a última sessão preparatória da instalação da Academia, em 1897, foi o fundador da cadeira 32.

Arthur Azevedo (1855-1908), jornalista, poeta, contista e teatrólogo, maranhense de São Luís.. Foi um dos fundadores da ABL, na qual criou a cadeira 29.

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934), carioca do Rio de Janeiro. Sua produção literária abrange mais de 40 volumes entre romances, contos, literatura infantil, teatro, jornalismo, crônicas e obras didáticas.

Carmem Dolores (1852-1910), nome literário de Emília Moncorvo Bandeira de Melo. Jornalista, romancista, contista e dramaturga, tendo-se dedicado também à crítica e à poesia.

<sup>47</sup> Em entrevista à TVE, para o *Especial Literatura*, Cora diz: “Quando eu comecei a escrever, por muita vaidade e ignorância, nesta cidade havia muita Ana. Sant’Ana é a padroeira daqui. E quando nascia uma menina davam-lhe logo o nome de Ana. Nascia outra, era Ana. De modo que a cidade era cheia de Ana, Aninha, Niquita, Niquinha, Nicota, Doca, Doquinha, Doquita, tudo isso era Ana. Você ia procurar saber, era Ana. Então eu tinha medo que a minha glória literária fosse atribuída a outra Ana mais bonita do que eu. Então procurei um nome que não tivesse xará. Olhei pela cidade, corri as minhas recordações, indaguei como chamava tal moça, assim assim, filha de fulano... não achei nenhuma Cora. Aí optei por Cora. Depois Cora só era pouco, achei Coralina e aí juntei Cora Coralina e passei a me identificar por Cora Coralina”. (Vídeo da TVE, n.14, 29 jan. 1985).

agora, receber instrução e trabalhar, mas seu universo ainda é o da família, da casa e do marido, ao qual cabe dedicar-se”.

Justo nessa época, a escrita de autoria feminina dava indícios de ascensão, já era difundida com maior frequência nos periódicos de grande circulação, como os jornais *Goyaz* e *A Imprensa*, e a cidade de Goiás vivia uma fase de intensa reestruturação cultural com uma considerável produção literária, sobretudo no campo da poesia e do jornalismo, a exemplo dos primeiros contos de autores goianos, entre eles, os de Cora Coralina.

Nessa época, a despeito de as dificuldades de publicação serem grandes, alguns autores goianos publicaram suas obras: Henrique Silva, *Poetas goianos* (1901); Joaquim Bonifácio, *Alvoradas* (1902); Luis do Couto, *Violetas* (1904); Gastão de Deus, *Agapantos* (1905); Félix Bulhões, *Poesias* (1906); Leodegária de Jesus, *Coroa de Lírios* (1906) e Arlindo Costa, *Lírios do vale* (1907), entre outros autores (BRITTO, 2009, p.70).

A ascensão cultural goiana se intensificava, sobretudo, com a criação de importantes instituições, como a Academia de Direito em 1903, a Academia de Letras em 1904, esta, segundo Britto (2009), composta de doze cadeiras, sendo uma delas ocupada por uma mulher, a escritora Eurídice Natal, e o Grêmio Literário Goiano, em 1906.

Nos espaços destinados às práticas de leituras, era comum acontecerem os serões e eventos frequentados por intelectuais da sociedade local. E Cora Coralina também participava ativamente desses encontros.

Esses encontros do Clube Literário Goiano a aproximavam cada vez mais do mundo das Letras e o jornal é o canal que ela escolhe para divulgar seus escritos. Na época, a escrita predominante era a poesia. Cora Coralina, curiosamente, escrevia em prosa e nem por isso deixou de ser reconhecida.

Encontramos no Jornal *Goyaz*<sup>48</sup>, na seção “Letras”, escritos de Cora Coralina publicados no período de 1907 a 1910. Ela também colaborava com o Jornal *A Imprensa*, onde mantinha uma seção chamada “Chroniqueta”. Nesses espaços, escrevia sobre assuntos variados, mas predominavam os temas relacionados ao romance e à natureza, o que também despertaria a atenção do crescente público leitor feminino. Quantas jovens e até mesmo mulheres já mães de família não se teriam identificado com sua escrita? Temas como o amor e as virtudes eram tratados por Cora com uma propriedade de sentimentos que poderiam causar identificação com o público feminino.

---

<sup>48</sup> Acervo do Gabinete Literário Goiano, Goiás-GO.

Transitar no mundo da literatura, incluindo-se aí o jornalismo, era assegurar um lugar de distinção na sociedade. À época, homens e mulheres de Letras eram tidos como “mensageiros” do saber e se empenhavam na crença de difundir o patriotismo, a civilização, a instrução, enfim, o progresso. Cora Coralina, nessa época, ainda não ousava tanto na sua escrita como difusora desses valores, mantinha-se mais à margem, ao discorrer sobre temas restritos ao mundo feminino.

A escrita de Cora Coralina refletia algumas percepções elaboradas a partir do discurso sobre a “quase necessidade” de que a mulher tinha de se casar. Acreditava na vocação feminina para o casamento, embora se entregasse cada vez mais à atividade literária. Nessa época, o conjunto de seus escritos revelava acentuado teor romântico, deixando visível o seu desejo de concretizar o casamento e constituir família.

Não abrindo mão de leituras consideradas “mais refinadas” e integrada nos espaços culturais que passara a frequentar, desvelava-se cada vez mais uma jovem com forte inclinação para a literatura. Essa preferência é assumida contra tudo e todos ganhando espaço no cotidiano da jovem Anna Lins, agora Cora Coralina. Entretanto, a família continuava omissa em relação ao caminho escolhido pela jovem, sem acreditarem no seu potencial:

Assim fui negada, pedrinha rejeitada, até a saída de Luís do Couto para São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia.  
Ele nomeado Juiz de Direito.

**Vamos ver, agora, como faz a Coralina...**

Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior, alto lá! Francesa.

Passei a ser detraquê, devo dizer, isto na família.

A família limitava. Jamais um pequeno estímulo.

Somente minha bisavó e tia Nhorita. (*VdeC*, p.98, grifos nossos).

Mesmo Cora já tendo publicado<sup>49</sup> alguns escritos, a família não dava crédito aos seus méritos, relegando-a sempre ao lugar de incapaz. No entanto, ela não se deixava levar por esse juízo, rebelando-se e lutando pelos seus objetivos, bem visíveis em passagens de *VdeC*. Os jornais que na época circulavam na Cidade de Goiás, revelam uma Cora Coralina ainda adolescente, com apenas dezoito anos de idade incompletos, desprovida de qualquer aparência “bizarra”, em plena atividade literária e reconhecida pela crítica local, como mostra este fragmento publicado no *Jornal A República*, em 1907:

<sup>49</sup> Localizamos alguns dos escritos de sua autoria nos jornais da época, como, por exemplo: “Floração” (*Jornal Goyaz*, Ano XXIV, n. 1.066, 05 jun. 1909, p. 2); “Primeira Impressão” (*Jornal Goyaz*, Ano XXIV, n.1.077, 21 ago. 1909, p.3); “O Defunto” (*Jornal Goyaz*, Ano XXV, n. 1.081, 18 set.1909, p.3); “Orchideas” (*Jornal Goyaz*, Ano XXV, n. 1.082, 25 set.1.909, p. 2-3); “Os Últimos” (*Jornal Goyaz*, Ano XXV, n. 1.088, 6 nov. 1909, p. 2-3); “A Dança” (*Jornal Goyaz*, Ano XXV, n. 1.092, 4 dez.1909, p.3), entre outros.

Acharam-se presentes muitos cavalheiros membros das diversas classes sociais e mui ilustres senhoras e senhoritas formando um auditório respeitável. [...]

O senhor presidente concedeu a palavra gentilíssima e inteligente a senhora Ana Peixoto [Cora Coralina] [...]

Após pequena pausa a ilustrada conferencista desenvolveu incomparável e admiravelmente o delicado tema escolhido dissertando com belíssima eloquência sobre o amor.[...]

Senhora de si, falando pausadamente num tom majestoso de solenidade, ela procedia a leitura de seu discurso com maior segurança de bom efeito causado no auditório. Lia encantadoramente **as suas peças trabalhadas com esmero no silêncio do Gabinete** e juntando-se a isto **a sua figura atraente realçada pelos tons suaves de seu trato correto** terminou o seu importante trabalho de modo admirável para nós e todos os assistentes. [...]. (THEODORO, 1907, p. 3, grifos nossos).

Nesse texto, Domingos Theodoro faz alusão a uma conferência literária do Grêmio Literário Goiano, proferida em um dos salões do palacete da Sra. Virgínia Vieira<sup>50</sup>, pessoa da elite goiana. Essa conferência, intitulada “Dissertação sobre o amor”, foi proferida no dia 20 de julho de 1907 e publicada no jornal *A Imprensa*, n.159, de 24 de julho do mesmo ano. Aqui podemos ver a importância dos espaços de práticas de leitura para a futura carreira de Cora Coralina. Nessa data, ela estava com dezessete anos de idade e já demonstrava maturidade intelectual, prova dos seus investimentos solitários, desde que deixara a escola, ainda criança. Escrevia, publicava, proferia conferências para um público considerado seletivo, enfim, estava no caminho de se tornar uma *femme de lettres*, desejo de muitas damas da época.

Esse mesmo texto de Theodoro também sinaliza um dado importante para a carreira de Cora Coralina: “[...] estando findo o mandato da diretoria, procedeu-se nova eleição sendo eleitos presidente: Leodegária de Jesus, Vice-Presidente: Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina), [...].Goiás, 25 de julho de 1907. Domingos Theodoro”<sup>51</sup>. Na Goiás dessa época, a presença feminina despontava no meio cultural, visto que a diretoria do Grêmio Literário Goiano, anterior a esta, também era composta por mulheres: Lambertina Póvoa e Alice Sant’Ana.

<sup>50</sup> No poema “Velho sobrado”, em *PMG* (1985, p.95-96), Cora Coralina faz alusão a essa senhora, escrevendo: “Quem esquece?/[...]/ D. Virgínia Vieira/ – grande dama de outros tempos./ Flor de distinção e nobreza/ na heráldica da cidade.”

<sup>51</sup> Cf. *Jornal A República*, Goiás, n. 126, p.3, 27 jul. 1907. Acervo do Gabinete Literário Goiano.

Com o reconhecimento do seu talento Cora Coralina, logo ocupa outros espaços culturais goianos. E, de acordo com Nelly Alves Almeida (2002), em 1908, ela se torna redatora do *Jornal A Rosa*, um jornal feminino dedicado à poesia<sup>52</sup>.

Era notório o reconhecimento ao talento de Cora Coralina e, como consequência, teve o seu nome escolhido para escrever uma crítica ao livro *Lilazes*, do reconhecido escritor Luís do Couto, seu primo. Essa crítica foi publicada no *Jornal Goyaz*, edição de 5 de julho de 1909, sob o título “Primeira Impressão”. Nesse texto, Cora Coralina comenta sobre a obra, mostrando-se desenvolta ao tratar de poesia, uma vez que, nessa época, como já destacado, ela só escrevia em prosa. E escreve sobre *Lilazes*:

A escola clássica do sentimentalismo, muito mais piegas que lyrico e horriavelmente abusada, degenerou-se, vai desaparecendo da Literatura moderna.

Hoje, o sentimento é secundário; a arte é essencial.

A tua Dor, litterária ou real, nenhum interesse desperta-se enquadrada numas rimas frouxas e feias, assim nenhum dos teus sentimentos ainda os mais elevados.

Porem, rendilhe a mais banal das tuas ideias, imprimindo-lhe o cunho esthético da Arte, vista-lhe a malha de seda da Forma, e a consagração não se fará esperar.

A feição da Poesia actual é pueril.

Cora Coralina (*Jornal Goyaz*, 5 jul. 1909)<sup>53</sup>.

Esse conhecimento sobre a poesia era resultado dos seus investimentos pessoais. Além de *VdeC*, outras fontes também apontam para o incessante envolvimento da jovem com a vida literária. No *Annuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás*, de 1910, o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo não apenas elege o conto de autoria de Cora Coralina “Tragédias na Roça”, para publicação, como tece comentários elogiosos sobre a escritora:

Cora Coralina, (Anna Lins Dos Guimarães Peixoto), é um dos maiores talentos que possui Goyaz; é um temperamento de verdadeiro artista. **Não cultiva o verso, mas conta na prosa animada** tudo que o mundo tem de bom, numa linguagem fácil harmoniosa, ao mesmo tempo elegante.

É a maior escriptora do nosso Estado, apesar de não contar ainda 20 anos de idade. (AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos, 1910, p. 209, grifos nossos).

<sup>52</sup> O *Jornal A Rosa*, “era impresso em papel cor de rosa e seus dirigentes ofereciam bailes, a que as moças deviam comparecer vestidas de cor de rosa e só se podia falar em francês” (Cf. BRITTO, 2009, p.72).

<sup>53</sup> Acervo do Gabinete Literário Goiano.

Em nossa pesquisa, tivemos acesso a alguns escritos da autora dessa época. O escrito mais antigo que localizamos foi “O canto da Inhuma”, datado de 14/10/1900 e publicado no *Jornal Goyaz* em 1910, o que não inviabiliza a existência de algum escrito anterior a este. Da fase em que Cora já se encontrava inserida no meio literário goiano, o escrito mais antigo foi localizado no *Jornal A Imprensa*, n.159, de 24 de julho de 1907, com a publicação “Dissertação sobre o Amor”. No entanto, Britto (2009, p.76) aponta um texto ainda mais antigo, sem título, relatando sobre o espiritismo, datado de 31/12/1905 e publicado no *Jornal Tribuna Espírita*, do Rio de Janeiro em 15/02/1909.

Sua carreira literária consolidava-se respaldada pela crítica local. A mulher que se lançava, a jovem Anna Lins, se expressava e se revelava. Seu ponto de ancoragem não era mais o quintal da “Casa Velha da Ponte” com suas formigas e passarinhos, mas a pena e o papel. As brincadeiras de criança, as “estórias” dos mais velhos e dos contos de fadas constituem-se num lastro cultural, o qual ela evoca em sua poesia.

Em cada nova leitura e nova escrita, impressões, decisões, preferências estéticas se refinam, como indiciam algumas passagens de *VdeC*. Lembremos que Aninha, Anna Lins, lá na sua infância distante, já iniciara sua trajetória para sustentar a poeta Cora Coralina:

Estarei presente no meu dicionário, meu livro de amor  
que tanto me ensinou e corrigiu.  
Minhas estórias de Carochinha, meu melhor livro de leitura,  
capa escura, parda, dura, desenhos em preto e branco.  
(*VdeC*, p. 38).

A primeira década do século XX se sobressai das demais com relação à efervescência na vida literária desta poeta. A sua presença nas grandes solenidades da sua cidade era sempre requisitada. O *Jornal Goyaz*, de 25 de março de 1911, confirma tal distinção, ao trazer comentários a respeito da escritora por ocasião de uma homenagem aos 25 anos de falecimento do poeta Félix de Bulhões. Como escritora prestigiada pelos colegas de profissão, foi a escolhida para proferir o discurso dessa solenidade. Optou por uma linguagem moderada, “modéstia afetada”, num discurso que agradou ao ponto de angariar elogios do *Jornal Goyaz*, na edição do dia 1º de maio de 1911:

No cemitério, o transito pelos passeios que contornam as catatumbas, até dar acesso ao jazido de Antônio Félix, era difícil. Ali uma multidão avaliada em mais de 400 pessoas, entre cavalheiros, senhoras, senhoritas e crianças, aguardava o discurso, que se sabia à altura do momento solene, da talentosa e festejada escritora senhorita **CORA CORALINA nome que já se impôs**

**no nosso meio literário como a uma CARMEM DOLORES** dentre o mundo feminino.  
(Jornal *Goyaz*,<sup>54</sup> 01/04/1911, p.1, grifos nossos).

Não bastando os elogios, o texto do jornal a compara com Carmem Dolores<sup>55</sup>, autora do romance *A Luta*, de contos, como “Um drama na roça”, “Gradações” e “Almas complexas” e de crônicas jornalísticas, várias das quais reunidas em *Ao esvoaçar da idéia*, repertório lido por Cora Coralina, conforme ela declara no poema “O longínquo cantar do carro de boi” (*VdeC*, p.81).

Na Cidade de Goiás, a presença da escritora e jornalista Cora Coralina passa a ser requisitada com maior frequência nas solenidades e nas páginas dos jornais da época, o que evidencia o seu livre acesso ao campo intelectual. Viam-se impressos e impressos com a assinatura de Cora Coralina, como fruto de um investimento nascido lá na infância e que é certificado com o seu reconhecimento e acolhimento pela intelectualidade goiana.

Movida pelo desejo, Aninha, Anna Lins, Cora Coralina soube articular o seu veio literário e abriu-se para novas experiências culturais e também existenciais. E como qualquer jovem daquela época, sonhava também com o “príncipe encantado”:

A gente era moça do passado.  
Namorava de longe, vigiada.  
Aconselhada. Doutrina dos mais velhos,  
em autoridade, experiência, alto saber.  
[...]  
Ai, meu Deus! E como custava chegar...  
Virá! Virá! ... Virá virá... quando? (*VdeC*, p.27).

Como jovem sonhadora e romântica, é chegada a hora de nova descoberta: o “príncipe” dos livros de contos, com os quais ela se identificava quando criança, toma forma humana e Cora sente o sabor da “paixão”. Em 1908, ela conhece Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, advogado, jornalista e chefe de Polícia do Estado de Goiás, recém chegado à cidade.

Intelectual respeitado, o chefe de Polícia participava ativamente da vida literária da cidade e também era associado do Gabinete Literário Goiano onde, provavelmente, teria

<sup>54</sup> Acervo do Gabinete Literário Goiano.

<sup>55</sup> Carmen Dolores. No *Dicionário literário brasileiro*, vol.III, Raimundo de Menezes: "Melo. Emilia Moncorvo Bandeira. Pseudônimos: Julia de Castro, Leonel Sampaio e Carmen Dolores (o mais usado). O pseudônimo Carmen Dolores, apresenta uma composição quase anagramática (segundo Magalhães Júnior) pois todas as letras, exceto o "s" final, foram aproveitadas de seus próprios nomes" (VASCONCELOS, Eliane. Disponível em: <<http://www.editoramulheres.com.br/obra23.html>>. Acesso em: 4 mar. 2011).

conhecido Cora Coralina e se curvado aos seus encantos. A família da escritora, no entanto, não aprovava o romance, pois o advogado, embora já estivesse, há algum tempo, separado do seu primeiro casamento, não era um homem livre, digno de uma senhorita “de família”. Mas, em nome do sentimento que os unia, mantiveram o relacionamento, e, principalmente por serem figuras conhecidas e respeitadas na vida cultural goiana, sofreram o preconceito inerente a uma sociedade tradicional e conservadora. (BRITTO, 2009)

Com uma carreira promissora à sua frente, a escritora e jornalista se vê diante de um conflito. Contrariando a todos, faz a sua escolha e, na calada da noite, rompe a vigília da casa materna e Aninha leitora, Anna Lins escritora, Cora Coralina jornalista deixa o Grêmio Literário Goiano, a família, a cidade natal, alguns sonhos e parte em busca de outros, em terras alheias na companhia de Cantídio.

No dia 25 de novembro de 1911, a Cidade de Goiás acorda sem a sua “ilustre” escritora. Uma partida sofrida, incompreendida e forçada pela rigidez da tradição. Partida que põe uma “pedra” no caminho da escritora e jornalista. Esse momento é retratado nos versos do poema “Semente e fruto”:

Um dia, houve.  
 Eu era jovem, cheia de sonhos.  
 Rica de imensa pobreza  
 que me limitava  
 entre oito mulheres que me governavam.  
 E eu parti em busca do meu destino.  
 Ninguém me estendeu a mão.  
 Ninguém me ajudou e todos me jogaram pedras.

Despojada. Apedrejada.  
 Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida.  
 E fui caminhando, caminhando... (VdeC, p. 63).

Inconformados e indiferentes ao desejo de Cora Coralina, os vilaboenses não a entenderam, não aceitaram a sua escolha e, como ela mesma diz, a “apedrejaram”. Assim, ela inicia a sua nova caminhada rumo às terras paulistas, até então conhecidas apenas pela literatura.

A Cora Coralina de tantas Annas estava deixando as terras acidentadas da região da Serra Dourada, dos Morros de São Francisco, do Canta Galo e das Lages rumo a uma nova vida. Dentro de si carregava Aninha, Annica, todas agraciadas por uma infância ora conflituosa, ora feliz na Casa Velha da Ponte e na fazenda Paraíso.

A Aninha, jornalista e escritora, deixava para trás o convívio com os seus familiares, com a sua terra, para avistar a luz tênue de outras paisagens em uma longa viagem nos precários meios de transporte da época, em companhia daquele que escolhera para ser o pai dos seus filhos. Foi uma viagem que levou catorze dias no lombo de um cavalo até Araguari (MG) (DENÓFRIO, 2006), onde a jovem foi vencida pela saudade: “Vinha das minhas terras goianas, numa longa viagem, comitiva de bestas e cavalos até Araguari, travessia do rio divisor Paranaíba. Chorei ali, já do lado mineiro, minhas lágrimas de despedida” (BRITTO, 2009, p.104)<sup>56</sup>. A viagem prosseguiu de trem e, dois dias depois, a última parada, precisamente na Estação da Luz, na grande São Paulo, local onde, no início do século XXI, surgiria o atual Museu da Língua Portuguesa.

Decorridos 98 anos da passagem de Cora Coralina pela Estação da Luz, o Museu da Língua Portuguesa abrigaria a exposição “Cora Coralina, coração do Brasil”<sup>57</sup>, realizada no período de 29 de setembro a 13 de dezembro de 2009.

### 3.4 A VOLTA

Apesar do *corpus* deste trabalho tratar, sobretudo, da história de Cora Coralina, a partir dos escritos de *VdeC*, este pouco enfatiza a sua fase adulta, período em que ela viveu fora da Cidade de Goiás, mas continuava investindo na direção de sua carreira literária. Deste modo, consideramos pertinente tecermos considerações a respeito desta sua etapa da vida, de suas ideias e de sua perseverança em se constituir escritora. Entendemos que, a partir desses elementos, podemos vislumbrar os caminhos que ela trilhou até publicar o seu primeiro livro e ser reconhecida definitivamente como escritora.

A retirada de Cora Coralina para o Estado de São Paulo, onde morou em Jaboticabal, Andradina e Penápolis e na própria capital, não implicou, de forma alguma, abnegação de sua família, de sua terra, nem tampouco de sua veia literária. A pena não arrefeceu de todo, ela prosseguiu traçando linhas que davam alma a um universo acolhedor, habitado por marido, filhos e flores, como ela demonstra nesses versos:

Antes, lá longe, no passado, parindo filhos e criando filhos  
e plantando roseiras, lírios e palmas, avencas e palmeiras,  
em Jaboticabal, terra de meu aprendizado de viver,  
terra de meus filhos. (*VdeC*, p. 40).

<sup>56</sup> Acervo do Museu Casa de Cora Coralina. Registro em uma anotação sem data.

<sup>57</sup> Exposição “Cora Coralina, coração do Brasil” realizada no Museu da Língua Portuguesa. Curadora Júlia Peregrino. São Paulo, 2009.

Quanto ao marido, ela não o invoca em *VdeC*, mas, segundo Britto (2009, p.91), nas entrevistas, Cora Coralina afirmava que saíra da limitação da família e encontrara a limitação do marido, que abominava a sua escrita. Este fato constituía-se num obstáculo, mas não em pretexto para desistência daquilo que habitava no seu desejo: a leitura e a escrita. Durante todos os 45 anos afastada da Cidade de Goiás, Cora Coralina produziu muitos escritos sob o gênero de contos, crônicas e poemas esparsos, embora não tenha sido possível, aqui, estimar em número, e os encaminhou para publicação nos jornais *O Estado de S. Paulo* (São Paulo, Capital); *O Democrata* (Jaboticabal, SP); *O Andradina* (Andradina, SP), além de algumas revistas<sup>58</sup>.

Para Cora Coralina, escrita e publicação eram etapas imprescindíveis para se tornar escritora. De certa forma, ela já dizia precisar da intervenção do leitor para alimentar sua fome de escritora e de seu retorno para aprimorar o campo de sua criação. Esse pressentimento pode ser percebido desde os seus primeiros textos após, pois escolhia temas que tinham uma ligação com o interesse das pessoas, como é o caso de “Tragédias na roça”(1900), em que ela faz alusão à fecundidade. Em vários textos do período que antecede a publicação dos seus livros, já se percebem as tendências literárias que se firmarão mais tarde na escritora e poeta, assim como o gosto pelo debate, expresso em muitas crônicas de tom provocativo, observado, por exemplo, no artigo “Idéias e Comemorações”, publicado em jornal de São Paulo, em 3 de outubro de 1921, dedicado a Monteiro Lobato.

Tal postura sugere o quanto ela já intuía sobre a estreita cumplicidade entre autor e leitor. As teorias sobre leitura e leitor já postulam que “[...] todo texto quer que alguém o ajude a funcionar” (ECO, 1986, p. 37), ou seja, um texto só tem vida de fato se existe um leitor que o atualize com suas intervenções. Além disso, afirma esse autor em *Obra aberta*, um texto não é uma obra fechada, “[...] a referencialidade da expressão não reside, portanto, na expressão de si, mas no receptor” (ECO, 1971, p.77), que entra em cena e circula pelo texto assumindo o papel também de autor.

Cora Coralina, conforme declarou em várias entrevistas, embora não se tenha filiado a qualquer movimento literário, acompanhou toda a movimentação através dos jornais, costume adquirido na infância.

Em 1929, quando passou a residir na Capital paulista e, cinco anos depois, ao ficar viúva, como a família não possuía condições financeiras suficientes para o sustento, então, ela

---

<sup>58</sup> No livro *Cora Coralina: raízes e Aninha*, Clóvis Britto e Rita Elisa Seda (2009), além de outros aspectos sobre a poeta, mostram a militância de Cora Coralina em busca da publicação dos seus escritos.

foi trabalhar com algo que lhe era muito caro: livros. Tornou-se vendedora dos livros da José Olympio Editora, fundada em 1931. Nessa época, o livro impresso portava valores remanescentes do século XIX, “[...] era considerado por muitos o verdadeiro santuário dos mais elevados sentimentos humanos, a ser aberto, experimentado e apreciado por todas as pessoas de modo igualitário” (FISCHER, 2006, p.231). Esse contato de Cora com os livros foi uma oportunidade para muitas outras leituras, e ela cada vez mais, ao se familiarizar com esse universo, constituído de “bons modelos literários”, ia acumulando informações e conhecimentos.

Apesar de já existir muitas livrarias nos grandes centros urbanos brasileiros, nos idos de 1930 e 1940, existiam os vendedores que batiam de porta em porta para oferecer livros. Eram impressos, geralmente com capa em brochura, coleções de enciclopédias, livros de arte, história, atlas e, principalmente, a Bíblia Sagrada.

O ato de bater de porta em porta revela uma prática usual para apresentar os livros, conquistar clientes e sustentar o comércio livreiro nos centros urbanos. Conhecer os livros a serem vendidos, representava, portanto, uma estratégia de venda e abria um leque de possibilidades de novas aquisições, atualizando os leitores em relação aos títulos correntes no mercado do Brasil, no caso aqui citado, São Paulo. Além das recomendações costumeiras Cora Coralina, como vendedora, influenciava nas escolhas dos leitores com o seu discurso fluente em razão das leituras antecipadas que ela, ávida leitora, realizava. Uma profissão nada fácil para uma mulher naquela época, visto que tinha de carregar certa quantidade de pesados livros nos braços, enquanto caminhava quadras e quadras.

Mas Cora Coralina desenvolveu essa profissão com certa desenvoltura. Sabia falar das obras ao cliente e deixá-lo a par de sua qualidade. Este período coincidiu com o lançamento da coleção “Críticas” de Humberto de Campos, pela José Olympio Editora. De acordo com Britto (2009, p.172), Cora Coralina leu toda esta coleção e a carregava a fim de “[...] oferecer nas residências da Rua Augusta, Theodoro Sampaio e outras imediações”, ruas onde morava a elite da Cidade de São Paulo.

As leituras que Cora Coralina fez dessa obra de Humberto de Campos, certamente lhe renderam muitos conhecimentos e ela lhe atribui um valor intelectual e afetivo importante, tanto que adquiriu a coleção para a sua biblioteca particular. Hoje, desgastada pelo tempo e pelo manuseio, essa coleção se acha preservada ao lado de outros títulos, no acervo do Museu Casa de Cora Coralina.

Dois anos após a mudança da editora em 1934, para o Rio de Janeiro, então Capital da República e ponto de encontro de intelectuais e artistas, Cora muda-se para outra cidade do interior paulista, Penápolis, depois Andradina, e assim se passam vinte anos.

Era início de 1956 e a filha à casa volta para um reencontro com as origens, após quarenta e cinco anos de ausência. Retornava para rever seus morros e reaver a velha Casa da Ponte. Segundo Britto (2009, p.249), nessa época, morava na casa da ponte o seu cunhado, marido da sua falecida irmã caçula, e umas sobrinhas que Cora não conhecia. Esse (re)encontro foi registrado nesses versos do poema “Voltei”:

Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu conhecia alguém.  
Quarenta e cinco anos decorridos.  
Procurava o passado no presente e lentamente fui identificando a minha gente.  
Minha escola primária. A sombra da velha mestra.  
A casa, tal como antes. Sua pedra escorando a porta. (*VdeC*, p. 112).

A Casa Velha da Ponte não era apenas um imóvel, única herança dos seus ancestrais. Era mais que isso, pois aquele era um espaço povoado de coisas que trariam “[...] de volta alguma qualidade da infância ou da juventude que se perdeu com ele”, além de ser “o espaço que encerrou os membros de uma família durante anos comuns” (BOSI, 1994, p.442-443). Em *VdeC*, Cora Coralina refaz o caminho da sua infância vivida nessa casa, deixando evidente a sua forte ligação com esta. É o espaço em que a menina Aninha, Cora Coralina, vivenciou momentos singulares de sua infância. Segundo Bosi, são tantos os sentimentos, as lembranças que unem uma criança à casa materna que esta representa parte de si mesma. Não obrigatoriamente é a primeira casa que se conhece, mas é o espaço em que vive momentos marcantes da infância. Em *O Meu Próprio Romance* (1996, p.47), Graça Aranha diz: “Dos quadros da minha infância nenhum exerceu no meu espírito magnetismo igual ao da casa, em que vivi, quatorze anos, no Largo do Palácio”. Além disso, acrescenta o escritor, a sua ligação com essa casa era tão forte que o seu ambiente incorporou-se ao seu espírito infantil ao ponto de compará-la a uma pessoa viva que habita na sua lembrança. Talvez, como Graça Aranha, a casa da ponte para Cora Coralina tenha exercido esse mesmo fascínio.

A relação de Cora Coralina com este espaço que abrigou os membros da sua família nos tempos de convivência em comum era tão significativa que, ao retornar à Cidade de Goiás, após uma ausência de 45 anos, ela não só compra a casa e lá mora até o final da sua vida, como estampa seu nome no título de um conto – “Maravilhas da Casa da Ponte” – e em um dos seus livros – *Estórias da Casa Velha da Ponte*.

Hoje a “Casa Velha da Ponte”, uma das primeiras construções da antiga Vila Boa de Goyaz, abriga, como dissemos, o Museu Casa de Cora Coralina e, de acordo com a concepção de Pierre Nora (1993), representa um lugar de memória. Segundo esse autor, um “lugar de memória”<sup>59</sup> comporta concomitantemente uma tríplice significação: é um lugar material em que a memória social funda-se e é assimilada pelos sentidos; é funcional porque suporta a função de firmar memórias coletivas e, por fim, é um lugar simbólico onde essa memória coletiva se manifesta. Nesse sentido, consideramos a “Casa Velha da Ponte” hoje, um *lugar de memória*, um guardião dos valores do passado que nos reporta ao vivido por Cora Coralina. Lá estão os rastros de uma conduta que excede as intempéries do tempo e se preserva um lugar necessário para a construção da identidade cultural da poeta vilaboense<sup>60</sup>. É de lá que vem boa parte do relicário de memórias da poeta.

Cora Coralina, que deixara uma Goiás, Capital do Estado, em pleno vigor e retornava agora a um município ainda entristecido pela transferência da Capital, em 1937, para Goiânia. Conforme declara Camargo (2006, p.61), “[...] as décadas de 1940 e 1950 foram traumáticas. Nelas ficou exposta a fratura que, possivelmente, mesmo com o título de Patrimônio Mundial, concedido à cidade em 2001, não foi totalmente cicatrizada até hoje.” Halbwachs (2006) postula que todo sujeito, bem como todo grupo, está, de um modo ou de outro, ligado ao lugar em que vive, uma vez que, numa sociedade, como ambiência da memória, estão as pessoas, as normas, a religião, o sincretismo, o trabalho, a linguagem, etc. Cora Coralina aí se ampara nessas categorias para alimentar sua imaginação e sustentar sua escrita, pois sabemos que, através dos relatos orais, podemos adquirir o conhecimento da história, do que se criou, do que permaneceu e do que demandou lembrar ou esquecer, isto é, daquilo que as pessoas constituíram sua visão de mundo. É nessa relação que nasce a sua primeira produção em terras vilaboenses: “O Cântico da Volta”:

Quarenta anos decorridos!  
 Outros tantos que iniciei o retorno,  
 numa migração inconsciente e obscura, tenaz e muda,  
 tendo a Serra Dourada como sigla, os morros por roteiros  
 e as aresta da vida me demorando os passos;  
 e sobretudo, e acima de tudo,  
 o chamado ritual, agudo e poderoso da terra.  
 A vestal vigilante de minha saudade  
 sempre conservou acesa a candeia votiva da ternura  
 pelo meu duro berço de pedra.

<sup>59</sup> Sobre esse termo, cf. NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto história, n. 10. São Paulo: PUC-SP, 1993.

<sup>60</sup> Adjetivo pátrio referente aos filhos da cidade de Goiás, antiga Vila Boa de Goyaz.

Os morros verdes, parece que vestiram  
 para mim galas vegetais: festivo o azul lavado  
 dos ares e do meu cansado coração, uma festa maior:  
 – a festa da Volta às Origens da Vida. (CORA CORALINA, 1956)<sup>61</sup>.

É um trabalho de ressignificação do passado, propiciado pelo eco da memória, um “quase refrão interior” (DENÓFRIO, 2004, p.175), de volta às suas origens, segundo essa pesquisadora, marco da sua (re)inserção no campo literário goiano. No poema “Semente e fruto”, Cora resgata esse momento e escreve: “Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais./Voltei às origens da minha vida, /escrevi o ‘Cântico da Volta’” (VdeC, p. 64).

A Goiás que Cora Coralina encontrou, depois desses quarenta e cinco anos e seus respectivos movimentos, estava repleta de memória, de representações sobre sua vida cotidiana e dos acontecimentos de longas datas. Sua volta a Goiás a fez reencontrar a poesia, conforme declara Tahan (2010, Apêndice B): “Ela sempre dizia: eu não procurei a poesia, ela já nasceu comigo!”. E assim, aos sessenta e cinco anos de idade, em 1965, Cora Coralina publica o seu primeiro livro: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*.

Enquanto aguardava esse momento tão esperado, Cora resgatou outra arte e lançou-se também como doceira e seus doces ganharam fama e lugar na sua poesia:

Fiz doces durante quatorze anos seguidos.  
 Ganhei dinheiro necessário.  
 Tinha compromissos e não tinha dinheiro.  
 Fiz um nome bonito de doceira, minha glória maior. (VdeC, p. 43).

Fez freguesia e novamente mexeu com a sua terra natal, desta vez com a economia, pois a fama dos seus doces caseiros tornou-se mais uma atração e entrou para a história da Cidade de Goiás.

E assim como Cora Coralina que ouviu e contou muitas histórias, aqui contamos a história de leitura desta poeta que, ainda adolescente, tornou-se contista, jornalista, passando depois a redatora de jornal. E, no período compreendido entre 1911 e 1956, dedicou-se à vida de casada, mãe, contudo sem abrir mão da leitura e da escrita até que, aos setenta e seis anos de idade, finalmente, lança o seu primeiro livro.

---

<sup>61</sup> CORA CORALINA. Cântico da volta. 1956. Folheto. Museu Casa de Cora Coralina.

#### 4 NAS PEDRAS RUDES DO MEU BERÇO GRAVEI POEMAS, LINHAS FINAIS

Fiz amigos e fregueses. Escrevi livros e contei estórias.  
Verdades e mentiras. Foi o melhor tempo da minha vida.  
(CORA CORALINA, 1983, p. 43).

Para fazermos uma colcha de retalhos, juntamos os pedacinhos de tecidos que possuímos: uns grandes, outros pequenos; uns coloridos, outros desbotados; uns novos, outros nem tanto. Assim, vamos montando de modo que se ajustem e tomem a forma de uma peça que, de dia, orna o leito e, de noite, aquece o corpo. Uma colcha alegre, cantada e contada pela voz de cada retalho de pano. Assim foi com esta dissertação. Neste cenário, estamos a refazer caminhos, partindo da consequência – *VdeC*, para chegar à causa, olhando para trás e perscrutando rastros deixados por Aninha para entender as condições pelas quais Anna Lins dos Guimarães Peixoto se constituiu leitora e veio a se tornar a poeta Cora Coralina.

Todo o caminho trilhado neste estudo foi conduzido por questionamentos acerca de memórias e formação do leitor. A fim de destacar e analisar as representações do ato de ler e os relatos de aprendizagem de Cora Coralina, nos pautamos no seu livro *VdeC*, enquanto representação do real, procedendo ou discutindo imagens da menina Aninha que, associadas ao “eu lírico”, se entrelaçam e prefiguram o recordar em uma reflexão acerca da constituição e limites da memória e constituição do leitor, categorias que fundamentam este trabalho.

Assim, com as imagens criteriosamente selecionadas, montadas, sejam elas aumentadas ou diminuídas, partimos para a estruturação do trabalho com respaldo nas informações dos relatos poéticos de Cora Coralina em *VdeC*, aliadas ao suporte teórico de estudiosos que focaram suas reflexões nas especificidades que modelam o *corpus* desta pesquisa.

Primeiramente, detivemo-nos em estabelecer os parâmetros que delimitariam nossa visão sob a escrita memorialística cuja tônica recai sobre o relato da vida, por entendermos que *VdeC* se insere nesse tipo de escrita. Assim, em nosso trabalho, ficou estabelecido que *VdeC* se constitui como uma narrativa poética, na qual Cora Coralina reinventa a teoria postulada por Lejeune.

A partir dessa premissa, realizamos uma aproximação com *VdeC*, livro que se assenta no estabelecimento dessa relação de equivalência sem nela se esgotar, já que se detém em Cora Coralina prioritariamente no seu aspecto lírico, sobressaindo também sua vivência poética, e não estritamente seu percurso pessoal. A partir de então, focalizamos nossa análise no modo de como Cora Coralina

faz uso da memória na escrita como meio de reconstrução de sua vida e identidade poética, ressaltando, para tanto, a importância que esta ocupa no trajeto existencial da poeta e nas várias situações e figuras que a fizeram desabrochar na sua vida. Neste sentido, procuramos demonstrar que a escrita de Cora Coralina em *VdeC* se estabelece a partir de um projeto pelo qual a poeta perfaz sua trajetória pessoal em direção ao saber ler, ao saber escrever e que a leva à poesia.

Proseguimos nosso estudo, discutindo a importância dos relatos orais na vida, especificamente no processo de formação leitora de Cora Coralina. Neste aspecto, *VdeC* mostra, claramente, a influência desses atores exercida também sobre a sua escrita, visto que, mesmo sobre forma de poemas, sua escrita mostra *nuances* do “contar”. Tal observação foi possível porque a poeta marca claramente esses momentos fundadores com expressões como: “minha bisavó contava”, “um dia”, “na fazenda Paraíso”...

A persistência das figuras mãe, avô, bisavó, tias, professora nos seus poemas, tomados como relatos, quando se avalia o conjunto de sua escrita, não pode ser desprezada, principalmente quando o que está sendo apreciado é a forma como ela, Cora Coralina constrói sua identidade que a levará a buscar o saber, a cultura, organizando-a via escrita de cunho memorialístico. Cabe enfatizar que essa tenacidade pode revelar uma ligação altamente simbólica entre essas pessoas e o amor/desamor, elementos que ela elege como tema, seja o avesso do sentimento. Nesse caminhar, percebemos que foram muitos atores envolvidos, uns contribuindo a favor e outros, mesmo que inconscientemente, de certa forma, atuando contrariamente. Nessa bifurcação, o estudo se tornou instigante porque *VdeC* revela as duas faces da moeda, ou seja, o que confundia Aninha e também o que a ajudava.

Sabemos que nunca há uma única causa para as dificuldades de aprendizagem na escola, como apresentava Aninha e tantas outras “Aninhas”. Como afirma Cordié (1996, p. 31), “[...] há sempre a conjunção de várias causas que, agindo umas sobre as outras, interferem”. Nessa direção, vimos que Aninha tinha seus motivos que justificava o seu “não saber” inicial que frustrava o que todos entendiam como “normal”. E aí vemos os avessos das coisas, um “não-saber [como] uma forma de saber” (SOARES, 1999, p.20). Com seus movimentos necessários, Aninha/Cora não aceitou ficar nesse lugar e se lançou numa busca incessante pelo saber, que durou uma vida inteira.

Na escola, as dificuldades, sintomáticas ou não, foram vencidas contando com a habilidade e afetividade da professora, mestra Silvina. Aqui constatamos o quão importante foi o papel da professora – mediadora na vida escolar de Cora Coralina. E ela reconhece e a reverencia, quando escreve lhe dedicando *VdeC*:

À memória da minha grande mestra, Silvina Ermelinda Xavier de Brito-  
Mestra Silvina – ofereço este livro.

[...]

Lugar de honra para minha mestra e para todas as esquecidas Mestras do  
passado. Mestra Silvina – beijo suas mãos cansadas, suas vestes rasgadas.  
(*VdeC*, p.15).

Essa euforia/angústia da influência da professora poderia dar consideráveis frutos para uma análise, contudo aqui nos limitamos apenas a levantar a questão da importância desta no processo de aquisição dos códigos escritos por Aninha/Cora, deixando tal tarefa como potência e não como realização.

Apesar dos poucos recursos da escola, da raridade de livros para crianças naquela época, constatamos que Cora Coralina reservou boas lembranças das leituras escolares. Esse fato também é levantado por Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2003), ao comentarem sobre a afetividade com que Cora Coralina remete aos livros do Barão de Macaúbas nos seus poemas. Nessas lembranças de Cora relacionadas aos livros nos quais ela estudou, podemos ver *nuances* de saudosismo que apontam para uma lamentação, ou seja, uma demonstração do quanto a escola formal lhe fez falta e o quanto gostaria de tê-la frequentado mais.

No seu processo de formação leitora, constatamos a importância das práticas de leitura na sua família, fato que leva Aninha/Cora a construir uma relação positiva com as Letras. Em paralelo a este fato, outra questão nos salta aos olhos. Na sua poesia, a poeta sustenta um tom de lamúria, de queixa com relação à sua genitora, de tal forma que, numa leitura rápida, poder-se-ia ver aí um sutil toque de desamor. Entretanto, pensando-se na relação do sujeito com as suas identificações, vamos perceber que, na verdade, ela reproduz um sintoma que era da sua mãe, a leitura. Desse modo, em Cora Coralina, a leitura apresenta um valor de sintoma de enraizamento da prática de leitura, uma herança materna. Esta herança associada ao desejo, mola sustentadora do sujeito, perseguiu Aninha, Anna Lins, Cora Coralina da sua infância até o final de sua vida.

Aqui retomamos a “menina dos bancos dos atrasados da escola da Mestra Silvina”. Cora Coralina, na introdução do seu processo de aquisição do saber escolar, teve os seus entraves e frequentou poucos anos de escola, motivos suficientes para justificar a acomodação à pouca cultura. Vale ressaltar que, agregado a estes obstáculos, vinha a falta de incentivo da família. No entanto, graças, principalmente, ao seu desejo e sua obstinação, ela buscou as suas alternativas e venceu obstáculos, quebrou paradigmas e se tornou a poeta Cora Coralina. Leitora contumaz, aprendeu a ler jornais, lia dos romances até os calendários. Conforme já mencionamos, lia tudo que lhe aparecia, revelando-se como uma exemplar autodidata. Portanto, a leitura para Cora era essencial, arriscamos até dizer que era o lastro que a sustentava e a fazia perseguir o seu desejo de tornar-se escritora. Destino e destinação de Cora, como diria Chiara (2001).

Nesse percurso, ressaltamos alguns pontos que consideramos importantes evidenciar no processo de formação leitora de Cora Coralina, tais como a sua circulação por entre os

mais variados espaços culturais da Cidade de Goiás, como o Grêmio Literário Goiano, tanto na questão estrutural quanto literária; a forma como esse trânsito a conduz a um refinamento das leituras e da escrita, em tal proporção que, antes dos dezoito anos de idade já se tornara redatora do Jornal *A Rosa*, lançando-se assim no meio das Letras. Vemos aí, novamente, que o desejo de Cora Coralina a fazia ir à busca dos seus objetivos, mesmo sem apoio da família.

No caminhar dessa dissertação concluímos qual tamanha é a importância das práticas de leitura no ambiente familiar, da afetividade e dos espaços destinados a essa atividade. No caso de Cora Coralina, concordamos que, na sua identificação com a figura materna, a prática de leitura desta constituiu-se um ponto crucial para o futuro de Aninha/Cora. Outro destaque merece ser dado à instituição onde ela participava dos serões e que proporcionara o encontro com influências que a ajudavam a alimentar o seu desejo de cultura.

Num último ponto, trazemos uma Cora Coralina já vivida, que teve o seu projeto literário interrompido por mudanças na sua vida, com um casamento, saída de sua terra natal, chegada de filhos, enfim, uma vida completamente distinta da que ela levava antes, porém semelhante quanto ao apoio para o ofício literário, isto é, nenhum. Mas vamos ver que ela não desiste e continua, sorratamente, escrevendo para jornais e revistas em paralelo à luta para criar os filhos. Nesse espaço de tempo, passaram-se 45 anos e, carregada de experiências e cabelos brancos, ela volta à sua Goiás e escreve “O cântico da volta”, poema que, segundo os críticos, a traz de volta à vida literária:

Fiz a caminhada de retorno às raízes ancestrais.  
Voltei às origens da minha vida,  
escrevi o “Cântico da Volta”. (*VdeC*, p.64).

Os cabelos brancos de Cora Coralina nesse retorno podiam até representar a idade cronológica, mas não representavam impedimento para a realização do seu projeto de se tornar escritora. Talvez, pode até ter parecido para alguns, mas, para outros e para ela, não. Assim, nessas condições tão desfavoráveis, Cora Coralina constitui-se leitora e se torna escritora, mesmo que tardiamente.

Compartilhamos aqui os anseios dos autores consultados de que problemas de questões de formação do leitor, aprendizagens na escola e constituição do sujeito desejante não podem ser solucionados em um passe de mágica. Entretanto, a busca por respostas, mesmo que parcialmente, que nos levassem ao entendimento para tais problemas, torna a realização desta pesquisa, a curtos passos, uma longa e árdua caminhada, mas nem por isso

menos prazerosa, pois fica a possibilidade de que estudos posteriores possam fazer uma abordagem mais profunda do tema, trazendo novos esclarecimentos.

Restam ainda muitos aspectos de seu legado intelectual e dimensões de sua vida a serem desvelados, a ganharem novas leituras em futuros estudos. E, quiçá, outros pesquisadores abracem o desafio de arremessar outros olhares à vivência e à escrita desta poeta pertinaz em conquistar espaços e propor novos caminhos através da palavra em movimento, da leitura em movimento.

Autodidata, a poeta removeu pedras e encontrou o seu jeito de trocar o “banco das atrasadas” pelo banco da Doutora *Honoris Causa*. Diante dessa história, concluímos que Cora Coralina tem uma trajetória árdua e rica, construída ao longo da sua vida e que, no final, como expressa o título dessas considerações, *gravou poemas*. Com a sua sensibilidade de poeta e, antevendo a sua morte, natural para uma mulher já na casa dos noventa anos de idade, no seu último livro publicado em vida, *VdeC*, ela registra a perenidade de sua história e de sua escrita, escrevendo: “Nas pedras rudes do meu berço gravei poemas”. Versos que abriram as linhas dessas considerações e agora colocam um ponto final nesta escrita, mas não nas diferentes versões que ainda serão ouvidas ou escritas sobre a sua “estória” de leitura.

## REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, Arminda. *Abordagens à psicanálise de crianças*. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1991.
- ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil (ALB); São Paulo: FAPESP, 2003.
- ABREU, Marcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras: ALB: FAPESP, 2002.
- ALMEIDA, Nelly Alves de. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711 – 2001)*. São Paulo; Escrituras Editora, 2002, p. 141.
- ALMEIDA, Sandra Francesca Conte de. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. *Temas em psicologia*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, abr. 1993 . Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1993000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100006&lng=pt&nrm=iso) >. Acesso em: 6 fev. 2011.
- ALVES, Sérgio Afonso Gonçalves. *Fios da memória, jogo textual e ficcional de Haroldo Maranhão*. 2006. Tese (doutorado em Estudos Literários)-Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006. Disponível em: <<http://dspace.lcc.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-ENZV/1/TESE+SERGIO+AFONSO.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2011.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Cora Coralina de Goiás. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 dez. 1980. Caderno B, p.7.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Anuário Histórico e Descritivo do Estado de Goyaz para o ano de 1910*. Goiás, 1910.
- BACHELARD, Gastón. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.114-119.

- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-222.
- BERNARDINO, Leda Maria Fischer (Org.). *O que a psicanálise pode ensinar sobre a criança, sujeito em constituição*. São Paulo: Escuta, 2006.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 9. ed. São Paulo: Paz Terra, 1992.
- BEZERRA, Kátia da Costa; PEREGRINO, Júlia (curadoria). *CORA CORALINA, coração do Brasil*. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2009.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BRAVO, Nicole Fernandez. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000, p.261-288.
- BRITTO, Clóvis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida, São Paulo: Idéias & Letras, 2009.
- BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Cora Coralina: uma poética para todas as vidas. In: DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz (Org.). *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006, p.59-84.
- CÂNDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987, v.1.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. et al. A personagem do romance; Literatura e personagem; A personagem no teatro. In: \_\_\_\_\_. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998 (Coleção Debates; 1/ dirigida por J. Guinsburg).
- CARNEIRO, Flávio. *Entre o cristal e a Chama: ensaios sobre o leitor*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura: 1880-1980*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

- CHARTIER, Roger. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. Trad. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- CHIARA, Ana Cristina. *Pedro Nava, um homem no limiar*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- CHIZZOTTI, Antônio. A. *Pesquisas em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1998.
- CORALINA, Cora. *Estórias da Casa Velha da Ponte*. 11. ed. Goiânia-GO: Cultura Goiana, 2001.
- CORALINA, Cora. *Meu Livro de Cordel*. 9 ed. São Paulo: Global, 1976.
- CORALINA, Cora. O canto da Inhumá. *Jornal Goyaz*, ano XXV, n.1086, p.3, 23 out. 1909. Acervo do Gabinete Literário da Cidade de Goiás.
- CORALINA, Cora. *O prato azul-pombinho*. São Paulo: Global, 2001.
- CORALINA, Cora. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 9. ed. São Paulo: Global, 1985.
- CORALINA, Cora. *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1983.
- CORALINA, Cora. *Vintém de cobre; meias confissões de Aninha*. 5 ed. São Paulo: Global. 1995.
- CORDIÉ, Anny. *Os atrasados não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar*. Trad. Sônia Flach e Marta D'Agord. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz (Org.). *Cora Coralina: celebração da volta*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.
- DOR, Joël. *Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva. 2009.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva: 1991.
- ECO, Umberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da memória: (conto e poesia popular)*. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1991.

- FISCHER, Steven Roger. *História da leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras [1989]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.VI, p. 285-306.
- FREUD, Sigmund. O estranho [1919]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XVII, p.235-269.
- FREUD, Sigmund. Romances familiares [1909 (1908)]. In:\_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v.VI, p. 219-222.
- GABNEBIN, Jeanne Narie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos et al. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- HALL, Stuart. A identidade na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HAVELOCK, Eric. A equação oralidade – cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (Org.). *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1997.
- HÉBRARD, Jean. O autodidatismo exemplar: como Valentin Jamerey-Duval aprendeu a ler? In: CHARTIER, Roger. (Org.). *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. p.35-73.
- HÉBRARD, Jean. Ler não é o bastante. *Revista de História da Biblioteca Nacional* Disponível em: < <http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/?go=detalhe&id=2857>>. Acesso em: 30 jan. 2011.
- LACAN, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise: Livro 11*. Versão brasileira de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1964.
- LACERDA, Lilian de. *Álbum de leitura: memória de vida, histórias de leitores*. São Paulo: UNESP, 2003.
- LAHIRE, Bernard. *O homem plural: os determinantes da ação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- LAJOLO, Marisa. A leitora no quarto dos fundos. *Leitura: teoria e prática*, Campinas, ALB, ano 14, n. 25, p.10-18, 1995.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. 5 ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003.

LEITE, Miriam L. Moreira. A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. In: FREITAS, Marcos Cezar de (Org.). *História social da infância no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p.19-52.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Trad. Jovita Maria Gerheim. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MATHIAS, Marcello Duarte. Autobiografias e diários. *Revista Colóquio Letras*, n. 143/144. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, n. 143/144., p. 41-62, 1997. Disponível em: <<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=143&p=41&o=p>> . Acesso em: 25 mar. 2011.

MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NEVES, M. M. B. da J.; ALMEIDA, S. F. C. de. Relação professor-aluno: um enfoque sob o ponto de vista de alguns conceitos psicanalíticos. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE E SUAS CONEXÕES: Trata-se uma criança, Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1998, p. 297-306.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, n.10. São Paulo: PUC/SP, 1993.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEREIRA, Maria Rosane. A transferência na relação ensinante. In: CALLIGARIS, Contardo et al. *Educa-se uma criança?* Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994, p. 207-216.

PERPÉtua, Elzira Divina. A escrita autobiográfica. In: ALMEIDA, Maria Inês (Org). *Para que serve a escrita?* São Paulo: EDUC, 1997.

PESCUNA, Derna; CASTILHO, Antonio Paulo F. de. *Projeto de pesquisa: o que é? Como fazer?* Um guia para sua elaboração. São Paulo: Olho d'Água, 2005.

PINTO, Julio Pimentel. *A leitura e seus lugares*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

POMPOUGNAC, Jean-Claude. Relatos de aprendizado. In: FRAISSE, Emmanuel et al. *Representações e imagens da leitura*. Trad. Osvaldo Biato. São Paulo: Ática, 1997, p.11-55.

RANK, Otto. A concepção dualista da alma e o culto aos gêmeos. In:\_\_\_\_\_. *O duplo*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1939, p.133-152.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico. In: ZILBERMAN, Regina et al. *As pedras e o arco: fontes primárias, teoria e história da literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 277-344.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagens. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. et al. A personagem do romance; Literatura e personagem; A personagem no teatro. In. \_\_\_\_\_. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 9-50 (Coleção Debates; 1/ dirigida por J. Guinsburg).

SOARES, Jacy Célia da Franca. *O avesso da pedagogia: retomando o discurso da subjetividade pela via da psicanálise*. Salvador: EDUFBA, 1999.

SOUZA, Eneida Maria de. *Pedro Nava: textos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

TAHAN. Vicência Brêtas. *Cora Coragem, Cora Poesia*. 3.ed. São Paulo: Global, 1985.

THEODORO, Domingos. Grêmio Literário Goiano. *Jornal A República*, Goiás, n. 126, p.3, 27 jul. 1907. Acervo do Gabinete Literário Goiano.

TORRES, Tatiane Milene. Cultura de almanaque ou utopias que consolidam? *Anais do Seta*, n. 3, 2009, p. 905-912.

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine*. Belo Horizonte: Editora da Faculdade de Letras da UFMG, 1995.

WEINRICH, Harald. *Lete, arte e crítica do esquecimento*. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Disponível em: < [http://books.google.com.br/books?id=p9xWGYxczZcC&pg=PA3&lpg=PA3&dq=LETE+WEINRICH&source=bl&ots=DgKYcRRNe4&sig=SvXfv4FpW3jLEBRFCmgUN4BAdMA&hl=pt-BR&ei=xW7aTf2\\_AZDVgAf8oJVY&as=X&oi=book\\_result&ct=result&resnum=4&ved=0CCsQ6AEwAzgK#v=onepage&q=LETE%20WEINRICH&f=false](http://books.google.com.br/books?id=p9xWGYxczZcC&pg=PA3&lpg=PA3&dq=LETE+WEINRICH&source=bl&ots=DgKYcRRNe4&sig=SvXfv4FpW3jLEBRFCmgUN4BAdMA&hl=pt-BR&ei=xW7aTf2_AZDVgAf8oJVY&as=X&oi=book_result&ct=result&resnum=4&ved=0CCsQ6AEwAzgK#v=onepage&q=LETE%20WEINRICH&f=false) >. Acesso em: 14 mar. 2011.

YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. *Estórias da velha rapsoda da Casa da Ponte*. Porto Alegre, n. 39, p.195-212, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista39/art14.pdf> >. Acesso em: 25 nov. 2009.

## APÊNDICES

APÊNDICE A - Autorização para pesquisa no Museu Casa de Cora Coralina	95
APÊNDICE B - Carta de Vicência Brêtas Tahan	96
APÊNDICE C - Manuscritos de <i>Vintém de cobre; meias confissões de Aninha</i>	97
APÊNDICE D - Cópia do diploma de <i>Honoris Causa</i>	98
APÊNDICE E - Carta ofício de Cora Coralina à Editora da Universidade Federal de Goiás, 1982.	99
APÊNDICE F - Página do livro de registro do Gabinete Literário Goiano, 1900. Associada: Jacynta Luiza, mãe de Cora Coralina.	100

## APÊNDICE A

## Autorização para pesquisa no Museu Casa de Cora Coralina

São Paulo, 22 de junho de 2010.

Ao Museu Casa de Cora Coralina. Goiás.

Peço facilitar a coleta de informações,  
 no acervo referente à Cora Coralina, para Maria  
 Luiza Souza Melo, mestranda em Estudos de  
 Linguagens da Universidade Estadual da  
 Bahia.

A finalidade é para uma dissertação  
 de mestrado.

Agradeço a atenção.

Vicência Brito Lobo.

## APÊNDICE B

## Carta de Vicência Brêtas Tahan

São Paulo, 22 de junho de 2010.

Prezada M. Ivone.

Quando um livro de minha mãe, é editado, mando todos os manuscritos para o Museu Casa de Cora Coralina, portanto não tenho nada a dizer sobre "Intimidade Cora".

Você escreve - trajetória de formação literária de Cora. Você consegue alguma coisa nos livros dela e no men - Cora Coragem, Cora Palsic, onde tudo que aconteceu é verdadeiro - só como aconteceram, fantasiei.

Trajectoria acadêmica? Só teve dois anos de escola primária. O mais foi conseguido através de sua ansia em conhecer. Seja tudo que lhe caia nas mãos. Você pode imaginar o quanto pouco tinha em fins do século 19 e começo de 20! Tinha uma memória fabulosa e assimilava tudo. Mas há "eixo balizador" para o amor dela aos livros. (Lento muito desencantá-la!)  
"Cain na rede, é peixe". Só isso.

Sempre dizia: "eu não procurei a poesia, ela já nasceu comigo!"

Estou mandando carta para a M. Ivone, sobre seu pedido.

Vicência

## APÊNDICE C

Manuscritos de Vintém de cobre; meias confissões de Aninha  
Poema "O mandrião"

3  
 numa longa gestação,  
 inconsciente,  
 que vem da infância  
 longínqua  
 a ansiedade presente.

Tu vestia um mandrião  
 de uma saia velha,  
 desmanchada, da minha bisavó  
 e costurada para mim.  
 Podava. Virava poder  
 e o ancho mandrião  
 enchia de vento-balão.  
 Tu como aquilo me fazia feliz.

As meninas do meu tempo  
 com pouco se alegravam  
 um vintém na mão  
 um antigo mandrião  
 de vento-balão.  
 só um no chão  
 a ansiedade

## APÊNDICE D

Manuscritos de Vintém de cobre; meias confissões de Aninha  
Poema "O cântico primeiro de Aninha"

Vintém de cobre...  
Economia. Poupança.

A casa pobre...  
Mandrião de saias velhas  
da minha bisavó  
recortados e esturados  
para mim.

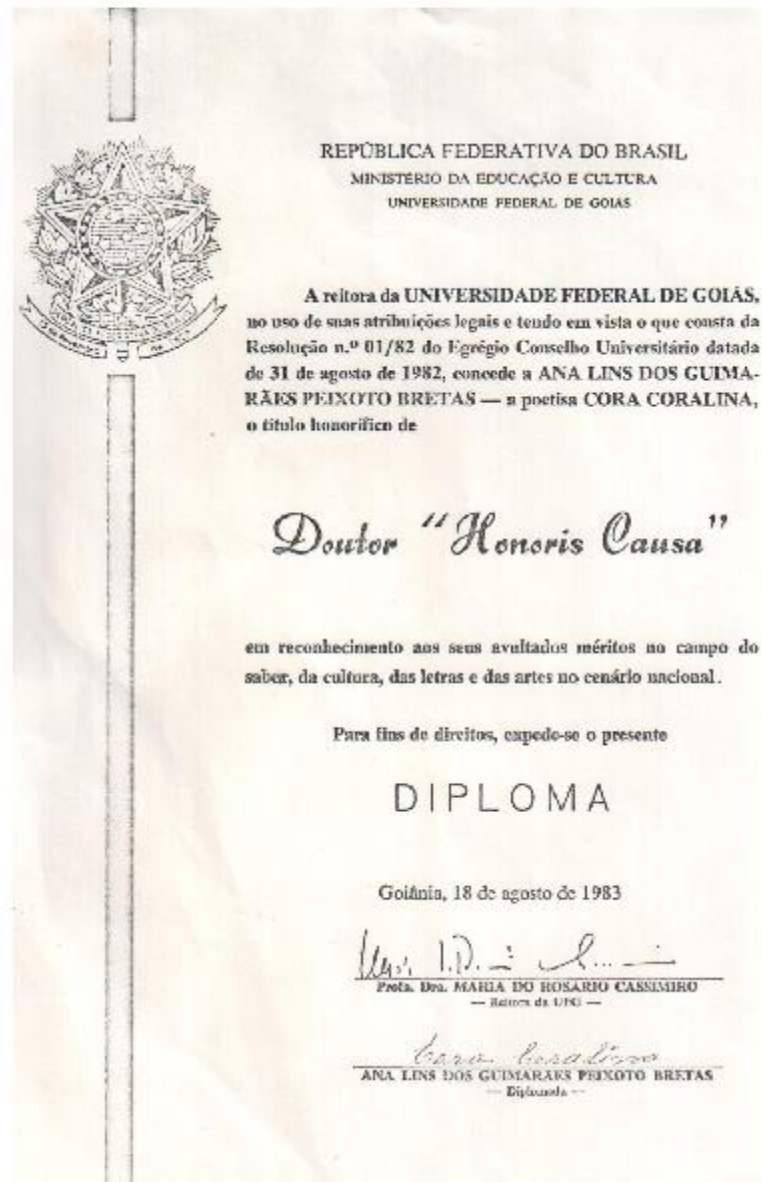
Timão de restos de bacia  
colchas de retalhos,  
desiguais e destorçados,  
Panos grosseiros, encardidos,  
remendados.

Vida pidentária.  
<sup>rigorosos</sup> ~~Muito~~ preconceitos,  
Orgulho e grandeza  
do passado.

Vestus cabeçados  
chinelos, sapatos,  
gastos acalcantrados  
~~mas~~ disputados + <sup>requeridos</sup>  
freados, <sup>um par magro que em os pedras</sup> ~~compençados~~.

Nesse tempo me eriei.  
Dai este livro - Vintém de cobre

## APÊNDICE E

Cópia do diploma de *Honoris Causa*

APÊNDICE F

Página do livro de registro do Gabinete Literário Goiano, 1900  
 Associada: Jacynta Luiza, mãe de Cora Coralina

Jacintha

N.º	Obras que sahiram	Volumes	Restituição	Dt.
3	Memorias do Diabo	8	1.º 2.º 6.º	Fevereiro
6	Palacio da Nymphe	4	1.º 4.º 15.º	"
13	O Tambor da 32.ª Brigada	7	1.º 7.º 21.º	"
21	A Sargun da Palencia	1	1.º 28.º	"
28	Emmalha Grande	1	1.º 1.º	16.º
1	Meateiros	3	1.º 3.º 8.º	"
9	O Taz dos Pobres (P. R. de Castello)	1	1.º 15.º	"
14	Os Sappheiros do Grande Mundo	2	1.º 2.º 19.º	"
19	A freira enterrada em vida	3	1.º 2.º 3.º 24.º	"
24	Memorias de um Suicida	1	1.º 26.º	"
26	Catecumpas de Paris	1	1.º 2.º	Abril
2	Quatidões do Mundo	1	1.º 15.º	"
5	Cap. dos Penitentes Negros	1	1.º 7.º	"
7	A Kolta do Cocumbole	1	1.º 7.º 11.º	"
11	O Grande Chefe dos Hebricos	1	1.º 10.º 36.º	"
26	Os Quotos das Pluicias	1	1.º 17.º	"
17	Niura Milionaria	6	1.º 2.º 6.º 20.º	"
7	Orson, a cabeça de Ferro	1	1.º 8.º	maio
8	Ipseboé	2	1.º 2.º 9.º	"
14	Dentha	2	1.º 2.º 15.º	"
14	Dentha	5	1.º 5.º 25.º	"
15	Surjas da Terra	2	1.º 2.º 26.º	"
25	Viagem a provincia de Yuyay	5	1.º 5.º 5.º	Junho
26	Surjas da Terra	1	1.º 7.º	"
28	Alura Nagum	1	1.º 11.º	Julho
5	Filhas da Milionaria	1	1.º 12.º	"
7	Mora dos Quamparambo	1	1.º 12.º	"
11	Missa Teller (manon n.º 1)	1	1.º 22.º	"

## A N E X O S

ANEXO A - Imagem de Cora Coralina, 1984. Livros publicados	102
ANEXO B - Primeira edição de <i>Vintém de cobre; meias confissões de Aninha</i> , 1983.	103
ANEXO C - Primeira edição de <i>Poemas dos becos de Goiás e estórias mais</i> , 1965.	104
ANEXO D - Imagens antigas da Casa da Ponte.	105

## ANEXO A

## Imagem de Cora Coralina, 1984



## Livros publicados:

1965 - *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*

1976 - *Meu livro de cordel*

1983 - *Vintém de cobre; meias confissões de Aninha*

1985 - *Estórias da Casa Velha da Ponte*

1986 - *Os meninos verdes*

1987 - *A moeda de ouro que o pato engoliu*

1989 - *O tesouro da casa velha*

2001 - *O prato azul pombinho*

2001 - *Villa Boa de Goyaz*

2004 - *Os melhores poemas de Cora Coralina*

2007 - *Poema do milho*

2007 - *As cocadas*

2009 - Doceira e poeta

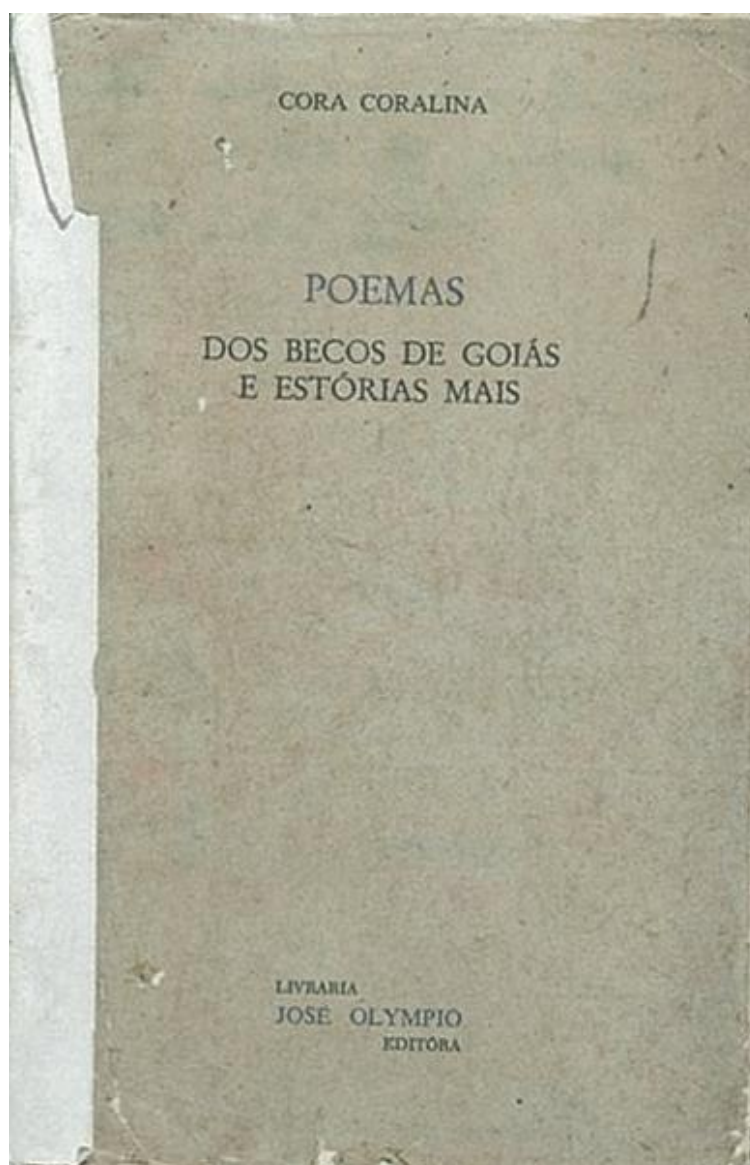
ANEXO B

Primeira edição de *Vintém de cobre; minhas confissões de Aninha*, 1983



## ANEXO C

Primeira edição de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, 1965



## ANEXO D

## Imagens antigas da Casa da Ponte

